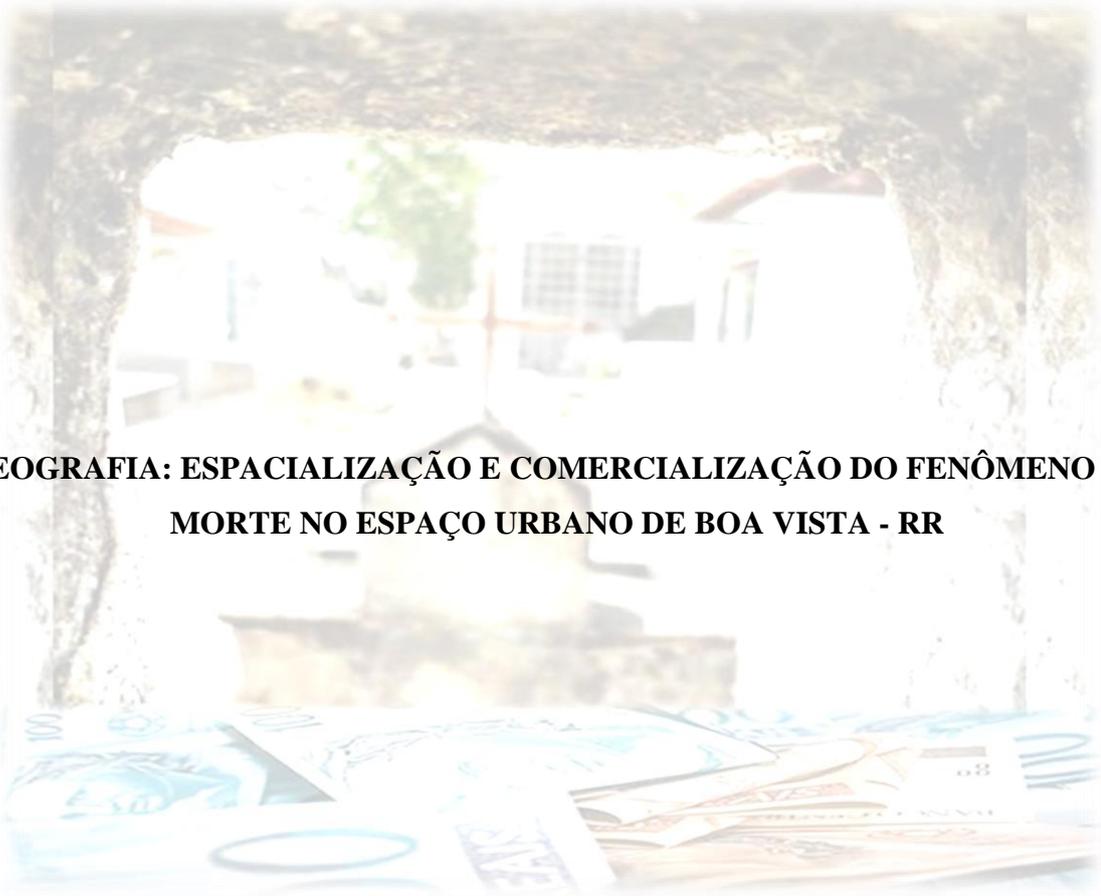




UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ – REITORIA DE PESQUISA E PÓS - GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGGEO

RAIANE PEREIRA DOS SANTOS



**GEOGRAFIA: ESPACIALIZAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO FENÔMENO DA
MORTE NO ESPAÇO URBANO DE BOA VISTA - RR**

BOA VISTA/RR
2017

RAIANE PEREIRA DOS SANTOS

**GEOGRAFIA: ESPACIALIZAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO FENÔMENO DA
MORTE NO ESPAÇO URBANO DE BOA VISTA - RR**

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima. Linha de Pesquisa: Produção do Território Amazônico.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Tolrino de Rezende Veras.

BOA VISTA/RR
2017

RAIANE PEREIRA DOS SANTOS

GEOGRAFIA: ESPACIALIZAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO FENÔMENO DA
MORTE NO ESPAÇO URBANO DE BOA VISTA-RR

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima. Linha de Pesquisa: Produção do Território Amazônico. Defendida em 17 de maio de 2017 e avaliada pela seguinte banca:



Prof. Dr. Antônio Tolrino de Rezende Veras – Orientador (UFRR)



Profa. Dra. Roseli Bernardo Silva dos Santos (IFRR)



Prof. Dr. Artur Rosa Filho (UFRR)



Profª. Dra. Maria Barbara de Magalhães Bethonico (UFRR)

DEDICATÓRIA

Aos meus familiares e amigos que sempre vibraram e intercederam a Deus por mim. A todos os geógrafos que buscam por meio da pesquisa a essência da sua profissão e que, igualmente, amam o que fazem.

AGRADECIMENTOS

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão financeira no decorrer e execução da pesquisa Geografia: espacialização e comercialização do fenômeno da morte no espaço urbano de Boa Vista – RR e ao corpo técnico do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGEO).

Ao meu orientador Antonio Tolrino de Rezende Veras que me acompanha desde a graduação pelo qual tenho respeito, admiração e sou muito grata por todos os ensinamentos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPG-GEO/UFRR) que fizeram parte da minha caminhada.

Aos voluntários da pesquisa- agentes promotores do espaço e que lidam com a morte - que contribuíram com dados e informações fortalecendo nosso estudo levando conhecimento a toda a sociedade.

As Instituições: Superintendência de Serviços Públicos (SSP), Secretaria Municipal de Gestão Ambiental (SMGA), Sindicato dos Estabelecimentos de Serviços Funerários do Estado de Roraima (SINDEFERR) e Empresa de Desenvolvimento Urbano e Habitacional (EMHUR).

A Deus por está presente em minha vida me fazendo sentir sua presença em cada instante. A minha avó Maria Sunhes Pereira, minha mãe Maria do Socorro Pereira, meu pai Raimundo Medeiros e meus irmãos Poliana Pereira, Railene Pereira, Ednil Pereira, Ednei Pereira e Pablo Pereira que são minha força em todos os momentos da minha vida.

A todos os meus amigos, em especial a Roseane Pereira Morais, Vivian Karine Morais, Rayane Santana Araújo, Francisco Marcos Mendes Nogueira e Jeniffer dos Anjos que me ajudaram com palavras de ânimo e atitudes carinhosas, me fazendo sentir como é bom ter e poder contar com os amigos.

A minha amiga Sheylli Miranda que sempre foi companheira me colocando em suas orações. Ao meu amigo Agenilson da Silva por estar ao meu lado nas horas difíceis.

A todos que sempre estiveram ao meu lado me encorajando nos momentos mais difíceis, que acreditaram nas minhas conquistas, deixo minha eterna gratidão.

“Aprende a viver bem e bem saberás morrer.”

Confúcio

RESUMO

Dentro de um sistema capitalista a sociedade aprendeu transformar quase tudo em produtos ou mercadorias. Nesse contexto, o espaço torna-se mercadoria valiosa, visto que sua produção depende de ações especulatórias de diversos agentes, com interesses de ordem pública ou privada. Esses agentes produzem, se apropriam e consomem desse espaço que denominamos de urbano. Os empresários (um dos agentes promotores do espaço) exercem atividades produtivas que lhes atribui formas e, inclusos nesse processo de produção desenvolvem atividades rentáveis. Assim, transformaram a morte em produto, consolidando um comércio peculiar, agregando a sua representatividade simbólica um sentido econômico. Posto isto, a presente Dissertação consiste investigar a comercialização da morte no espaço urbano de Boa Vista/RR, considerando os agentes que fazem parte deste universo. Para constituir um arcabouço teórico, inicialmente, buscou-se compreender a finitude humana com base na percepção simbólica, ou seja, descrevendo o seu sentido para o homem do passado e do presente, para assim, fazer uma conexão de abordagens constitutivas. A priori, traçou-se um histórico da cultura ocidental diante da morte, considerando os seus diferentes sentidos desde a Idade Média chegando à contemporaneidade. A investigação se deu dentro do espaço urbano de Boa Vista no qual se considerou sua produção espacial. Foram mapeados agentes que lidam com a morte, tendo em vista a participação de cada um dentro do âmbito da pesquisa (evento social e/ou econômico) e também a questões estratégicas de localização destes, principalmente dos agentes que atenuam a venda de produtos e serviços. Outro momento de abordagem se refere a mostrar a relação socioeconômica proveniente da morte entre os partícipes e por fim, enfatizar o comércio consolidado pelo setor funerário. Para atingir ao proposto foram utilizados procedimentos metodológicos como pesquisa bibliográfica e trabalho de campo que incluíram a aplicação de questionários e entrevistas. Esta pesquisa revelou que a cidade, como um espaço que vem gradativamente se expandindo, tornou-se propícia para investimentos desse tipo de negócio e dentro deste âmbito as empresas funerárias ganham mais destaque. Porém, mesmo com muito pesar é a família que “alimenta” e “fortifica” todo esse comércio valorizando o sentido simbólico da morte.

Palavras – Chave: Comércio. Espaço Urbano. Morte. Família. Funerárias.

ABSTRACT

Within a capitalist system society has learned to turn almost everything into commodities or commodities. In this context, space becomes a valuable commodity, since its production depends on speculative actions of several agents, with interests of public or private order. These agents produce, appropriate and consume this space that we call urban. Entrepreneurs (one of the promoters of space) carry out productive activities that give them forms and, included in this production process, carry out profitable activities. Thus, they transformed death into a product, consolidating a peculiar trade, adding to its symbolic representation an economic sense. Therefore, the present dissertation consists of investigating the commercialization of death in the urban space of Boa Vista / RR, considering the agents that are part of this universe. In order to constitute a theoretical framework, we initially sought to understand human finiteness based on symbolic perception, that is, describing its meaning for the man of the past and the present, in order to make a connection of constitutive approaches. A priori, a history of the western culture was traced before the death, considering its different senses from the middle Ages arriving at the contemporaneity. The investigation took place within the urban space of Boa Vista in which its spatial production was considered. Agents that deal with death have been mapped out, considering the participation of each one within the scope of the research (social and / or economic event), as well as strategic location issues, mainly of the agents that attenuate the sale of products and services. Another moment of approach is to show the socioeconomic relationship that comes from death among the participants and, finally, to emphasize the consolidated trade by the funeral industry. To reach the proposed methodological procedures were used as bibliographical research and field work that included the application of questionnaires and interviews. This research revealed that the city, as a space that has been gradually expanding, has become suitable for investments of this type of business and within this scope funeral companies gain more highlights. However, even with great regret is the family, which "feeds" and "fortifies" all this trade by valuing the symbolic meaning of death.

Key-words: Commerce. Urban Space. Death Family. Funeral Homes.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 01 - Mapa de localização de Boa Vista (área de estudo).....	21
Figura 02 – Esquema demonstrando a conexão da morte, o passado e o presente.....	22
Figura 03 – Agentes da pesquisa que lidam com a morte dentro do espaço urbano.....	25
Figura 04 - Maquete do Plano Urbanístico de Boa Vista (Traçado urbano/ radial concêntrico)1944.....	44
Figura 05 - Esquema mostrando a distribuição geral da Cidade-Jardim, configurada por Howard.....	45
Figura 06 – Mapa das zonas da cidade de Boa Vista.....	49
Figura 07 – Estimativas do crescimento populacional da cidade de Boa Vista do período de 1940 a 2000.....	52
Figura 08 – Mapa de agentes participantes da pesquisa.....	56
Figura 09 - Acondicionamento dos caixões em túmulos de alvenaria no solo e subsolo do cemitério Nossa Senhora da Conceição.....	59
Figura 10 - Entrada Cemitério Parque Campo da Saudade.....	60
Figura 11 - Croqui mostrando a divisão de setores oferecidos às famílias para sepultar seu ente querido. No cemitério Campo da Saudade.....	61
Figura 12 - Setor Parque localizado na parte de entrada do cemitério.....	62
Figura 13 - Setor Capela com estruturas que refletem a essência de residências, igrejas, castelos.....	62
Figura 14 - Setor Nobre com construções padronizadas e de aparência mais simples	63
Figura 15 - Entrada do cemitério municipal da cidade de Boa Vista.....	65
Figura 16 A e B - Arquitetura dos túmulos.....	66
Figura 17 - Dimensão do cemitério público e a superlotação de suas quadras.....	67
Figura 18 - Dimensão do cemitério particular e a disponibilidade de área para novos sepultamentos.....	68
Figura 19 - Realidade do cemitério público de Boa Vista.....	69

Figura 20 - Mausoléus bem expressivos no Cemitério Nossa Senhora da Conceição.....	71
Figura 21 A e B - Desejo expressado e perpetuado pela família em memória de quem morreu. A – Castelo e B – pintura de um time de futebol.....	72
Figura 22 A e B – O lado simbólico da morte manifestado pela singeleza das flores e anjos, respectivamente.....	73
Figura 23 – Familiares acendendo velas no cemitério.....	74
Figura 24 – Missa campal, celebrada pelo padre com a presença de fiéis no Dia de Finados.....	75
Figura 25 A, B, C, D e E– Funerária Genesis (A); Funerária Monte Roraima (B); Funerária Boa Vista (C); Funerária Pax Marinho (D) e Funerária Eden (E).....	76
Figura 26 A, B, C – Floriculturas participantes da pesquisa.....	78
Figura 27 A, B e C– Flores em forma de coroa (A), buquês (B) e arranjos (C).	79
Figura 28 – Quadros com ofertas de coroas de flores (amostragem).....	80
Figura 29 - Quadro com amostragem de pedras de granitos e de mármore.....	80
Figura 30 – Hospital público da cidade de Boa Vista (HGR).....	81
Figura 31 - Quadro demonstrativo dos plantões das funerárias no mês de Julho de 2016.....	84
Figura 32 - Instituto de Medicina Legal da capital roraimense.....	85
Figura 33 - Vendedores ambulantes comercializando produtos como velas, vasos de flores, coroas de flores, etc. em dia de finados.....	89
Figura 34 – Quadro demonstrativo dos produtos comercializados pela vendedora em frente ao cemitério público em dia de finados.....	90
Figura 35 – Quadro demonstrativo dos produtos comercializados pela vendedora em frente ao cemitério particular em dia de finados.....	91
Figura 36 – Pedreiro construindo capela no cemitério público.....	92
Figura 37 – Quadro demonstrativo com serviços disponibilizados pelos pedreiros do cemitério público com valores que depende da escolha da família.....	93
Figura 38 A, B e C – A beleza estética das construções feitas pelos pedreiros conforme o desejo da família: particularidades individuais e coletivas.....	93
Figura 39 – Quadro demonstrativo com serviços prestados pela funerária e	

cemitério a um familiar no momento de falecimento de sua mãe.....	95
Figura 40 – Quadro demonstrativo com serviços prestados pela funerária Boa Vista e cemitério Campo da Saudade a um familiar no momento de falecimento de seu pai.....	96
Figura 41 – Quadro com amostragem do custo representativo da voluntária no dia de finados no cemitério público.....	97
Figura 42 – Quadro com amostragem do custo representativo da voluntária no dia de finados no cemitério particular.....	98
Figura 43 – Funerária Orsolu.....	107
Figura 44 – Funerária Shalon.....	109
Figura 45 – Funerária Max Domer.....	111
Figura 46 – Funerária Ebenezer.....	112
Figura 47 - Técnica usada pelas funerárias para conservar por mais tempo um cadáver.....	114
Figura 48 – Cartões de propaganda das empresas fúnebres.....	116
Figura 49 A e B – Sala de velório para melhor atender o cliente.....	117
Figura 50 A, B,C e D – Investimentos nos meios de transportes.....	118
Figura 51 – Caixões de alto padrão.....	119
Figura 52 – Mapa representando a localização estratégica dos agentes envolvidos da morte.....	121
Figura 53 - A unificação de um comércio peculiar.....	123

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. OBJETIVOS	21
3. METODOLOGIA	22
4. A FINITUDE HUMANA	29
4.1 O HOMEM DIANTE DA MORTE E A CULTURA OCIDENTAL: UM ENCONTRO DO PASSADO COM O PRESENTE.....	30
4.1.1 Uma sociedade transformada: um novo sentido para a morte.....	36
4.1.2 O espaço urbano como mercadoria do sistema capitalista.....	39
5. PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE BOA VISTA	42
5.1 FRAGMENTOS HISTÓRICOS: A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE BOA VISTA.....	43
5.1.1 O crescimento desordenado.....	50
5.1.2 Crescimento populacional do Estado e da capital.....	51
6. A REPRESENTAÇÃO DA MORTE NO CONTEXTO URBANO DE BOA VISTA	54
6.1 REPRESENTAÇÃO SOCIOECONÔMICA EM TORNO DA MORTE: OS AGENTES PROMOTORES.....	55
6.1.1 A dinâmica dos Cemitérios público e privado.....	57
6.1.2 Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA).....	58
6.1.3 Histórico e dinâmica do Cemitério Parque Campo da Saudade.....	60
6.1.4 Histórico e dinâmica do Cemitério Municipal Nossa Senhora da Conceição.....	64
6.2 O MURMÚRIO: FALTA DE CEMITÉRIO NA CAPITAL.....	67
6.2.1 As memórias: a representação simbólica que unifica os vivos e os mortos	71
6.2.2 Dia de Finados.....	73

6.2.3 As funerárias da capital Boa Vista.....	75
6.2.4 Floriculturas e marmorarias.....	78
6.2.5 O Hospital Público HGR: a importância do Serviço Social.....	81
6.2.6 O Instituto de Medicina Legal (IML).....	85
6.2.7 “Vendedores ambulantes temporários” atuantes nos cemitérios em dia de finados.....	88
6.2.8 Os pedreiros do cemitério público: a beleza estética consolidada por particularidades.....	92
6.3 A DOR DA FAMÍLIA: QUAL O SENTIDO DA MORTE?.....	94
6.4 O COMÉRCIO LUCRATIVO DA MORTE NO ESPAÇO URBANO DE BOA VISTA.....	99
6.4.1 Crescimento do mercado funerário.....	103
6.4.2 Investimentos no setor funerário em Boa Vista.....	113
6.5 O MARKETING COMO A “ALMA DO NEGÓCIO”.....	115
6.6 OS AGENTES ESTÃO ESTRATEGICAMENTE LOCALIZADOS.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS.....	128
APÊNDICES.....	134

1. INTRODUÇÃO

Dentro de um sistema capitalista a sociedade aprendeu transformar quase tudo em produtos ou mercadorias. Nesse contexto, o espaço torna-se mercadoria valiosa, visto que sua produção depende de ações especulatórias de diversos agentes, com interesses de ordem pública ou privada. Esses agentes produzem, se apropriam e consomem desse espaço que denominamos de urbano. Os empresários (um dos agentes promotores do espaço) exercem atividades produtivas que lhes atribui formas e, inclusos nesse processo de produção desenvolvem atividades rentáveis. Assim, transformaram a morte em “produto”, consolidando um comércio peculiar, agregando à sua representatividade simbólica um significado econômico.

No passado, a morte tinha um sentido exclusivo de simbolismo e o homem demonstrava a dor da perda por meio de rituais funerários baseados somente pela reação da emoção e dos sentimentos. Os tempos mudaram e esse evento permanece até os dias atuais, garantido agora por uma projeção econômica bem evidente.

Temos, entretanto, a convicção que os modos de viver da raça humana foram estabelecidos por parâmetros de cada época e assim, na atualidade, vivencia-se os processos extraordinariamente impostos por uma nova sociedade, a capitalista, a qual transforma praticamente tudo em gênero lucrativo.

Vamos relembrar o passado, no qual a morte era sentida pelos vivos de um modo diferente a essa nova época (compreendida agora como contemporânea regida pelo sistema capitalista).

Linearmente os sentidos coletivos e individuais foram se transformando no decorrer de cada momento histórico. Os padrões culturais, religiões, crenças, Igreja, marcos histórico e outros restantes influenciaram direta e indiretamente nesse processo. Sob essa lógica, acreditamos que o ambiente ou o espaço foram fatores que igualmente contribuíram para distintas essências de sentido, apresentando suas particularidades e dinâmicas.

Valemo-nos de uma recordação num passado findo em que no decorrer dos tempos encontrava-se o lugar apropriado para enterrar os mortos, chegando por fim aos cemitérios localizados dentro dos espaços urbanos (cidade). A cidade passou então, a ter papel

importante dentro dos acontecimentos históricos a medida que o homem precisou lhe dar forma, sempre condicionado ao meio conforme as eventualidades.

Dentro da realidade contemporânea acompanhada de uma modernização a cidade se transforma vislumbrando-se a partir de suas formas. Hoje, algumas cidades vivenciam um processo de expansão destacando-se à medida que se tornam cenário ideal para as difusões de várias atividades comerciais, dentre as quais, destacamos a comercialização da morte.

Esse crescimento urbano se favorece pela ampliação de infraestruturas e aumento populacional – exemplos – refletindo desta forma características elementares e primordiais que tendem a prosperar esse negócio e dar lucro a quem lida com este ramo.

Para analisar essa conjuntura de ideias, vamos aqui mencionar os agentes participantes que lidam com o momento de morte direta ou indiretamente fazendo referência dos mesmos com relação ao nosso tema:

As empresas fúnebres – Encontra-se em maiores números e se sobressaem no enfoque comercial da morte porque são as principais encarregadas pelo atendimento às famílias ofertando diversidade de serviços permanentemente imprescindíveis, organizando todos os trâmites necessários para o velório e o sepultamento.

As floriculturas apresentam um grau de rendimento razoável, pois ofertam produtos como coroas de flores naturais, arranjos, buquês, entre outros que tem procedência de outros estados brasileiros.

As marmorarias vendem produtos como pedras de granitos e mármore comprados pela família para revestir os túmulos. Sua representatividade comercial é um tanto relevante já que seus produtos também são oriundos de outras regiões do Brasil.

Os vendedores ambulantes - operantes em frente aos cemitérios em dia de finados – ainda que temporariamente, desempenham papel essencial na consolidação desse mercado comercializando produtos como velas, coroas de flores artificiais e naturais, vasos, arranjos etc.

Os pedreiros - atuantes no interior do cemitério - ofertam serviços de construção de túmulos, capelas e pintura de acordo com a preferência da família. Configuram uma economia razoável.

O *Instituto de Medicina Legal (IML)* e o *Hospital público* são agentes que lidam diariamente com a morte e por serem instituições públicas dispõem de serviços gratuitos¹ a sociedade.

O *cemitério municipal público* enquadra-se no mesmo contexto do IML e o hospital, com exceção de que os familiares pagam algumas tarifas para manter seu ente querido neste espaço e em dia de finados apresenta uma dinâmica diferenciada.

O *parque cemitério* (particular) oferece todo tipo de serviço tarifado, entretanto, devido suas normas, há possibilidade de prestar serviços de sepultamento gratuito em alguns casos de exceção. Similarmente ao cemitério público, apresenta um movimento singular que acontece no dia 02 de Novembro na celebração do dia de finados.

A *família*, vista como o alicerce dessa dinâmica tanto social quanto econômica e assegura o progresso desse universo.

Tomando o viés dessas relações buscou-se por meio das técnicas da Geografia possibilidades de concatenar três pontos:

i) a morte – argumentada com base no sentido representativo de uma simbologia que serve como “pano de fundo” para justificar a existência da representação comercial, visto que é pelo sentido do primeiro significado que as pessoas custeiam o segundo;

ii) o espaço urbano – no caso, a cidade versada sobre uma análise “associada ao tempo histórico, almejando entender as formas espaciais do lugar” (SILVA, 2007, p.20). Destacando desse modo, os fatores que se associaram dando condições aos investimentos profícuos;

iii) o comércio – discorrido como uma atividade promissora, consolidada por diversos agentes dentro do espaço urbano.

Pensando nas diversidades de abordagens, pontuamos nossas discussões em torno da morte dentro dos costumes ocidentais, pois fazer referências a respeito é trazer a tona uma complexidade de conceitos, concepções e pontos de vistas já que dentro do contexto universal tem significados diferentes. Porém, acredita-se ser interessante mencionar as particularidades de sentido dentro das sociedades que em geral estão atreladas a questão cultural, onde a

¹São instituições que prestam serviços de atendimento público validando os direitos dos cidadãos que pagam seus impostos.

religião e a crença designam a forma que o homem, como parte da sociedade, reverencia seus mortos.

O retrato disso pode ser lembrado na percepção da sociedade mesopotâmia na qual a morte estava vinculada a um complexo sistema religioso politeísta², de modo que somente os deuses habitavam o céu e assim, concebiam a passagem para o “mundo superior” como algo muito pesaroso para os humanos:

O essencial consiste na administração adequada da existência na terra, no registro de sua identidade, sendo a morte uma espécie de queda, rebaixamento, diminuição da vida - ou melhor, uma condição degradada de existência, o apagamento e a sombra do que outrora era vivo (GIACOIA, 2005, p.15).

Além disso, o próprio autor, Giacoia (2005) enfatiza que os indivíduos eram crentes que não havia nenhuma perspectiva de condução da alma à redenção e nem mesmo a possibilidade de contemplar Deus no Paraíso.

Transpassando as fronteiras do tempo, temos a sociedade oriental influenciada pela cultura budista. A morte não é tratada como algo trágico, vista como um renascimento, ou seja, um momento de grande alegria e o luto é celebrado com o uso de roupas brancas, ao contrario dos ocidentais. Crêem que ao morrer livram-se do sofrimento humano e do processo de transmigração das almas³. A morte é festejada. De acordo com o PORTAL NIPPOBRASIL (Novembro de 2000) os japoneses celebram o Obon que, significa Dia de Finados, entre o dia 13 a 16 de Julho:

No dia 13 de julho, as pessoas instalam um altar chamado de Seirei-Tana e colocam velas, frutas e verduras, numa oferenda às almas dos ancestrais que retornam a seus lares. Quando chega a noite, acende-se uma fogueira chamada Mukaebi na frente da casa para guiar as almas dos mortos para suas residências. Entre os dias 14 e 15 de Julho, as pessoas costumam visitar os túmulos e pedem ao monge para fazer uma oração. Depois da limpeza, a família o decora com flores e dispõe um feixe de incenso. Além disso, durante esse festejo, as pessoas se divertem com Bon-Odori, um tipo de dança folclórica japonesa. No dia 16, ao encerrar o festejo, acende-se outra fogueira conhecida como okuribi para as almas dos mortos retornarem ao céu com segurança. Normalmente, nessa fogueira é utilizado o caule do linho. No interior do país as pessoas costumam jogar as frutas e verduras no rio, oferecidas durante Obon. Essa cerimônia é conhecida como Seirei-Nagashi. (PORTAL NIPPOBRASIL, 2000, p. 1).

² Acreditava-se na existência de diversos deuses, comum no Egito, Grécia e Roma Antiga. As principais divindades eram geralmente ligadas às forças da natureza.

³ Segundo as crenças dos budistas uma alma pode passar de um corpo e residir em outro (humano ou animal) ou em um objeto inanimado.

A festividade torna-se um elemento tradicionalmente cultural, onde os japoneses reverenciam seus ancestrais.

Giacioia (2005) ao escrever sobre a visão da morte ao longo do tempo, afirma que a maneira como uma sociedade se posiciona diante da morte e do morto tem um papel decisivo na constituição e na manutenção de sua própria identidade coletiva e, conseqüentemente, na formação de uma tradição cultural comum.

A sociedade ocidental se baseia na religião Cristã, centrada na vida e nos ensinamentos de Jesus, o filho de Deus. A morte é entendida como a consumação de um novo nascimento, despertando sentimentos de perda, onde se acredita na existência do céu e o inferno. “Encaram a morte não como dissolução do ser, mas como simples mudança de vida.” (COULANGES, 2006, p.12).

Coulanges (2006, p.17) em sua obra - *A cidade Antiga*, no primeiro capítulo, trata da crença a respeito da alma e da morte e, afirma que “na cultura cristã a morte é como um mistério, no qual o homem eleva o seu pensamento do visível ao invisível, do transitório ao eterno, do humano ao divino”. Por isso, para simbolizar o luto, praticam ritos fúnebres como homenagear seus entes com flores, velas, ornamentações, orações e etc. O fim da vida é um evento exclusivo para cada sociedade e indivíduo que faz parte dela. Todavia, é perceptível que para a raça humana morrer é a única certeza da vida e ainda assim é entendida como um grande mistério.

Para os cristãos, a inquietude, a aflição, o temor do homem diante disso foi sempre motivo de grande reflexão, sendo de sua natureza se apegar na ideia de continuidade da vida. Sustenta a cultura da homenagem para suportar ou aliviar sua dor de perder um ente querido, acreditando que o falecimento é uma passagem, o começo de uma nova vida, porém em um plano espiritual. Em contrapartida, internamente com os mesmos padrões comuns ocidentais, outros indivíduos acreditam que não exista outro plano em que os espíritos se encontram, pois tudo se finaliza aqui, no mundo material. Concepções construídas a partir daquilo que se acredita.

Essas discrepâncias de concepções torna o assunto mais enigmático, porém no momento em que a morte chega, todos tendem a se tornar iguais sem distinguir etnias, crenças, religiões, condições sociais ou o que seja.

Esse processo de perda abre caminhos à representação simbólica e dotada de sentimentos validando as palavras de Ariés (1981) onde destaca na sua obra -sobre a história da morte no ocidente desde a idade média -que o homem adorou os seus mortos, sentiu medo, dirigindo-lhe as preces, as orações, as flores no cemitério, os epitáfios⁴, as cruzes, missas de 7º dia, o luto, o funeral, as velas e os cânticos.

Se os povos antigos já cultuavam a memória dos falecidos com o uso de práticas e objetos atribuindo-lhe representações, mostraremos evidências de que esses costumes continuam a subsistir nos dias atuais com um novo conceito. Proveniente do sistema capitalista esse conceito mais contemporâneo reconhece a morte como mercância, ou o momento da perda como ocasião favorável para estabilizar o seu comércio.

A sociedade, continuamente é condicionada a viver sob a estrutura de um sistema que tende a se expandir por diversos espaços, principalmente no urbano. A cidade apresenta uma conjuntura de forças atuantes providas de elementos políticos, econômicos, sociais, culturais que interagem tornando-se necessários para sua organização.

Corrêa (2002, p.7) em seu livro - o espaço urbano - menciona que o espaço de uma cidade capitalista é “em primeiro momento, no conjunto de usos da terra, justapostos entre si” e tais usos desta forma definem áreas centrais, comerciais, de serviços, de gestão entre outras. Esse complexo de usos da terra é a organização espacial da cidade, ou como o próprio autor afirma: “é o espaço urbano que aparece fragmentado e articulado”.

Considerando a percepção do autor, nosso estudo mostra que existe uma organização espacial dos agentes, estrategicamente localizados dentro da cidade e as interações entre eles são de intensidades variáveis.

Num segundo momento, a articulação manifesta-se de modo menos visível:

No capitalismo, manifesta-se através das relações espaciais envolvendo a circulação de decisões e investimentos de capital (...). Essas estas relações são de natureza social tendo como matriz a própria sociedade de classes e seus processos. As relações espaciais integram, ainda que indiferentemente, as diversas partes da cidade, unindo-as em conjunto articulado cujo núcleo de articulação tem sido, tradicionalmente, o centro da cidade. (CORRÊA, 2002, p.8).

⁴Epitáfio significa “sobre o túmulo”, vem do grego epitáfio. Este termo se refere às frases que são escritas, geralmente em placas de mármore ou de metal e colocadas sobre o túmulo ou mausoléus nos cemitérios, com o fim de homenagear seus mortos sepultados naquele local. Estas placas são chamadas de lápides.

Em síntese, no terceiro momento, o espaço referido “é a expressão espacial de processos sociais, ou seja, o reflexo da sociedade” (CORRÊA, 2002, p.8).

Tendo em vista os conceitos de Corrêa, a história da cidade serve como alicerce para compreensão da sua organização espacial sendo “um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daqueles que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente” (CORRÊA, 2002, p.8).

Essas transformações fez com que a cidade se tornasse assim, cenário perfeito para o setor empresarial. Os pequenos e grandes empresários vislumbraram-se diante dela sob um ponto de vista progressivo acompanhando os seus processos expansivos de crescimento. Similar a outras cidades, Boa Vista incorpora uma diversidade de atividades comerciais, eis que o setor funerário, desde 1983vem difundindo-se ao longo dos anos e se destacando.

Nesse período de tempo (1983 a 2016) a cidade integra nove (09) funerárias e, na investigação da pesquisa constatamos que as funerárias lideram os rendimentos. No decorrer dos resultados constatou-se que isso, em partes, se deve aos seguimentos de mercado. Essa segmentação articulada, baseada em manobras que determinam a demanda de forma que seus clientes possam reconhecer um conjunto de atributos, é imprescindível para a ascensão dessa atividade.

Para constatação desse conceito, Engel et. al (2009, p.28) esclarece que a “segmentação de mercado é uma estratégia eficaz de *marketing*⁵ e exige que todos os elementos se encaixem para oferecer um apelo coordenado e integrado para o grupo certo de clientes”. Sabemos que a concorrência entre uma empresa e outra é uma constante firme e atuante, assim, além do *marketing*, as empresas fúnebres buscam atender as necessidades de sua clientela com eficiência, oferecendo, segundo eles, um bom preço e um bom atendimento.

Kotler e Armstrong (2007) definem preço como a quantia em dinheiro cobrado por um produto ou por serviços e, por mais que a maioria dos consumidores tenham os mais diversos desejos e necessidades, seus recursos também podem ser limitados. Nesse enredo, o padrão

⁵Estratégia empresarial para obter lucros por meio da adequação da produção e oferta de mercadorias ou serviços às necessidades e preferências dos consumidores.

financeiro das famílias é um fator relevante. Para crescer e se manter no ramo, as funerárias oferecem uma diversidade de preços pelos serviços prestados facilitando a forma de pagamento, podendo ser à vista e/ou cartão.

Segundo o site ECOMMERCE BRASIL (2017) o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) fez uma pesquisa em que buscou saber sobre a aceitação dos cartões de débito e crédito entre os empreendedores. Entre os que aceitam crédito e/ou débito como pagamento os resultados são positivos, com aumento da satisfação dos clientes para 71% dos entrevistados, crescimento de vendas para 57% e aumento do faturamento para 55%.

Para quem oferece o serviço é sinônimo de um bom negócio enquanto para o receptor, de comodidade. Unificando as ideias, Las Casas (2004) explica que uma boa determinação de preços leva ao desenvolvimento e a lucratividade da empresa e que, uma má determinação leva até mesmo à falência. Desdobrando a referida colocação temos que reconhecer que isso é uma verdade e algumas dessas empresas, ao longo dos anos, aumentaram suas estruturas, melhorando a qualidade dos serviços abrindo outros negócios ligados a essa atividade. No entanto, outras permaneceram sem tanta visibilidade por não terem investido como a “lei da concorrência” sugere.

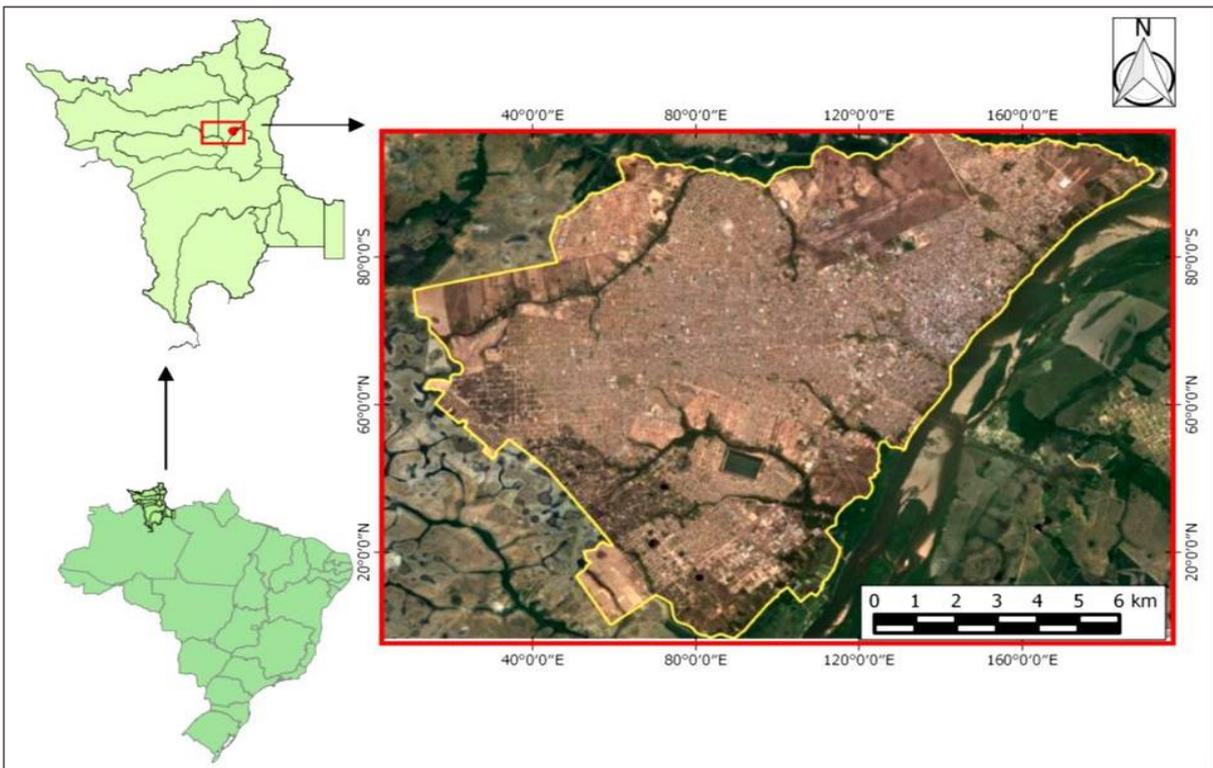
Para Urdan e Urdan (2009, p. 184) a definição de preço se mostra como “tudo o que um consumidor percebe ter dado ou sacrificado para obter um produto”. Parece um tanto lastimável, porém, algumas famílias não têm condições de pagar por um sepultamento a “altura” do seu falecido. Ocasionalmente, servem-se do “mais em conta” ou endividam-se parcelando o pagamento, ou ainda, procuram os serviços sociais (sepultamento pago pela prefeitura da cidade).

Após a exposição de arranjos e conceitos, acreditamos ter como esteio elementos teóricos e dados de campos suficientes que constatarem nossa investigação. Na busca de fortalecer a teoria de que a morte não perdeu seu sentido simbólico, mas agregou uma magnitude mercantil devido os novos tempos que vivemos e a cidade dentro desse contexto contribui através das interações entre os agentes para a primazia desse fato, fragmentamos esse estudo em 03 capítulos: 1) A finitude humana; 2) A produção do espaço urbano de Boa Vista e 3) A representação da morte no contexto urbano de Boa Vista.

2. OBJETIVOS

Para analisar essas questões relacionadas à finitude humana e abrir discussões, o presente estudo propôs como objetivo geral compreender a comercialização da morte no espaço urbano de Boa Vista, capital do Estado de Roraima. Este se encontra localizado na região Norte do Brasil e constitui-se de 15 municípios, tendo como capital a referida cidade conforme a figura 01.

Figura 01- Mapa de localização de Boa Vista (área de estudo).



Fonte – IBGE 2010. Adaptado por Roseane Moraes e Raiane Santos, 2016.

Na busca de evidências que comprovem que a morte é um gênero rentável foram delineados objetivos específicos. Nessa etapa consideramos importante:

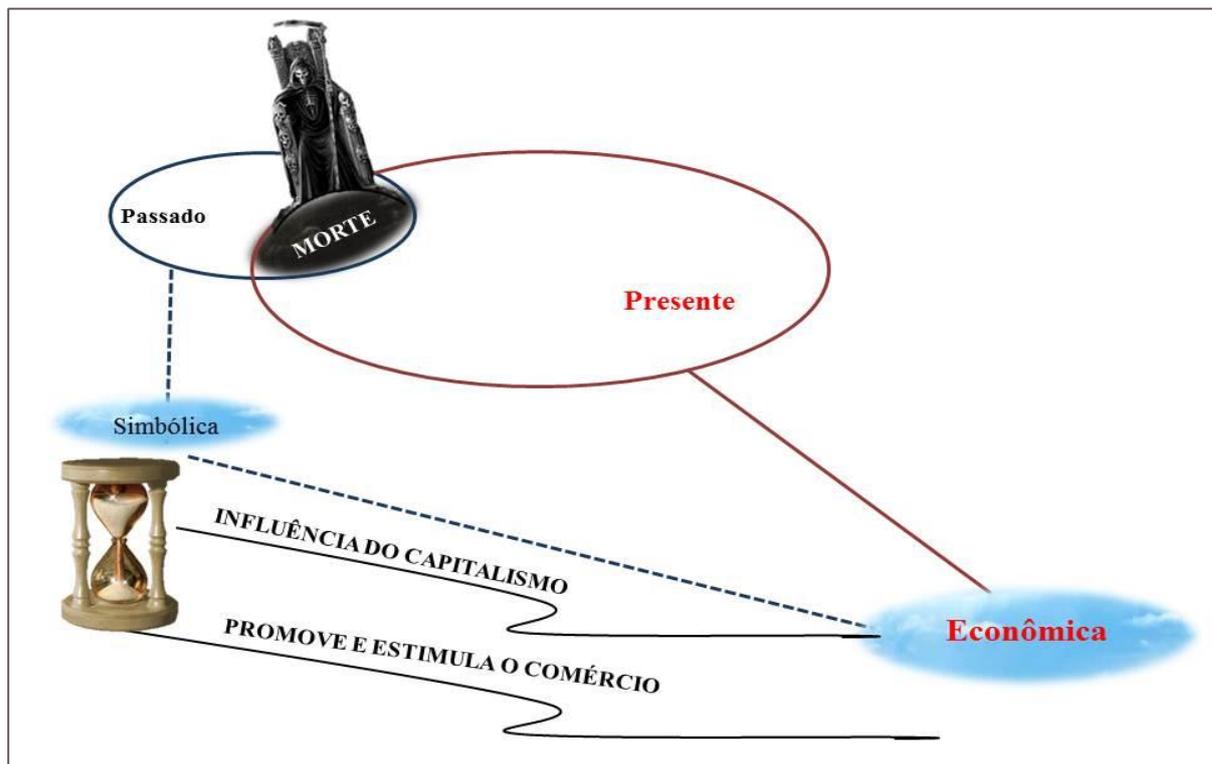
- a) traçar um histórico da cultura ocidental diante da morte;
- b) mapear os agentes que lidam com a morte tal como evento social e/ou econômico no espaço urbano da cidade;
- c) mostrar a relação e interação socioeconômica dos agentes dentro da cidade de Boa Vista destacando o comércio lucrativo do setor funerário.

3. METODOLOGIA

A fim de compreender sobre este universo, consideramos importante regredir ao passado e Silva (2007, p.20) salienta que “não é uma tarefa fácil recuar no tempo em busca de entendimento sobre a realidade investigada, no entanto, ele se torna premente para explicitarmos o percurso da própria investigação e chegarmos ao presente”.

Diante de suas colocações, fez-se uma associação cronológica da morte conectando duas fases, o passado e o presente. A versão simbólica segue para a vertente econômica, de modo que nesse processo sofre a influência do capitalismo, o qual estimula e promove a comercialização da morte nos dias de hoje, conforme demonstra a figura 02. Este estímulo oxigena uma matriz econômica baseada no empreendedorismo.

Figura 02– Esquema demonstrando a conexão da morte, o passado e o presente.



Elaboração – Raiane Santos, 2016.

Percebe-se que os empresários que chegaram à cidade de Boa Vista foram, no entanto, grandes visionários conscientes das possibilidades de seu crescimento. E claro, uma cidade em expansão se torna local atrativo para o setor empresarial, dentro da abordagem em discussão, as empresas funerárias lograram mais êxito do que outras congêneres.

Para compreendermos as múltiplas percepções desses promotores devemos entender que os padrões sociais contemporâneos confrontam a morte fazendo com que o homem experiencie o seu momento por diversas formas. Dispostos a “desvendar” esse acontecimento, resolvemos explorar o universo que envolve interesses individuais e coletivos intermediado pelas técnicas da Geografia.

Destarte, a presente pesquisa é de caráter exploratório e, fazendo jus a sua essência Boente e Braga (2004) afirmam que este tipo de busca é característico a temas que se têm poucas informações. Dentro desta sintonia ambos observam outra particularidade, os objetivos pretendentes da pesquisa e, analisam como sendo o critério essencial para denomina-la ou não de exploratória. Com os nossos objetivos definidos nos asseguramos com dois métodos, o qualitativo e o fenomenológico.

Godoy (1995) explica que o método qualitativo ocupa um lugar significativo entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais estabelecidas em diversos ambientes. Nogueira (2015, p.22) acentua que a pesquisa qualitativa “busca privilegiar analisar micros processos, através dos estudos das ações socioculturais tanto de forma individual como coletiva”. Esse conjunto de ideias coerentemente insere-se em nossa busca possibilitando levarmos a sociedade um “saber” ou um melhor entendimento sobre um fato da realidade vivenciado por todos.

A exatidão dessa percepção é fundamentada por Chizzoti (2003, p.221) quando salienta que a pesquisa tendo por base a qualificação, “implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados”. Assim, essa interpretação nos possibilitou não somente participar, mas compreender e interpretar as informações que foram sendo obtidas gradativamente, levadas posteriori ao conhecimento da sociedade.

Por outro lado dispomos do método fenomenológico, o qual a fenomenologia posiciona-se com uma atitude reflexiva, consciente dos limites epistemológicos de sua abordagem, rompendo com as pré-noções que povoam o senso comum e representa o engajamento no mundo objetivo a fim de ressaltar sua relação com este, objetivando a compreensão do objeto de pesquisa do cientista social. "A reflexão fenomenológica guiará o pesquisador quando se tratar de colocar problemas, hipóteses, de destacar conceitos com

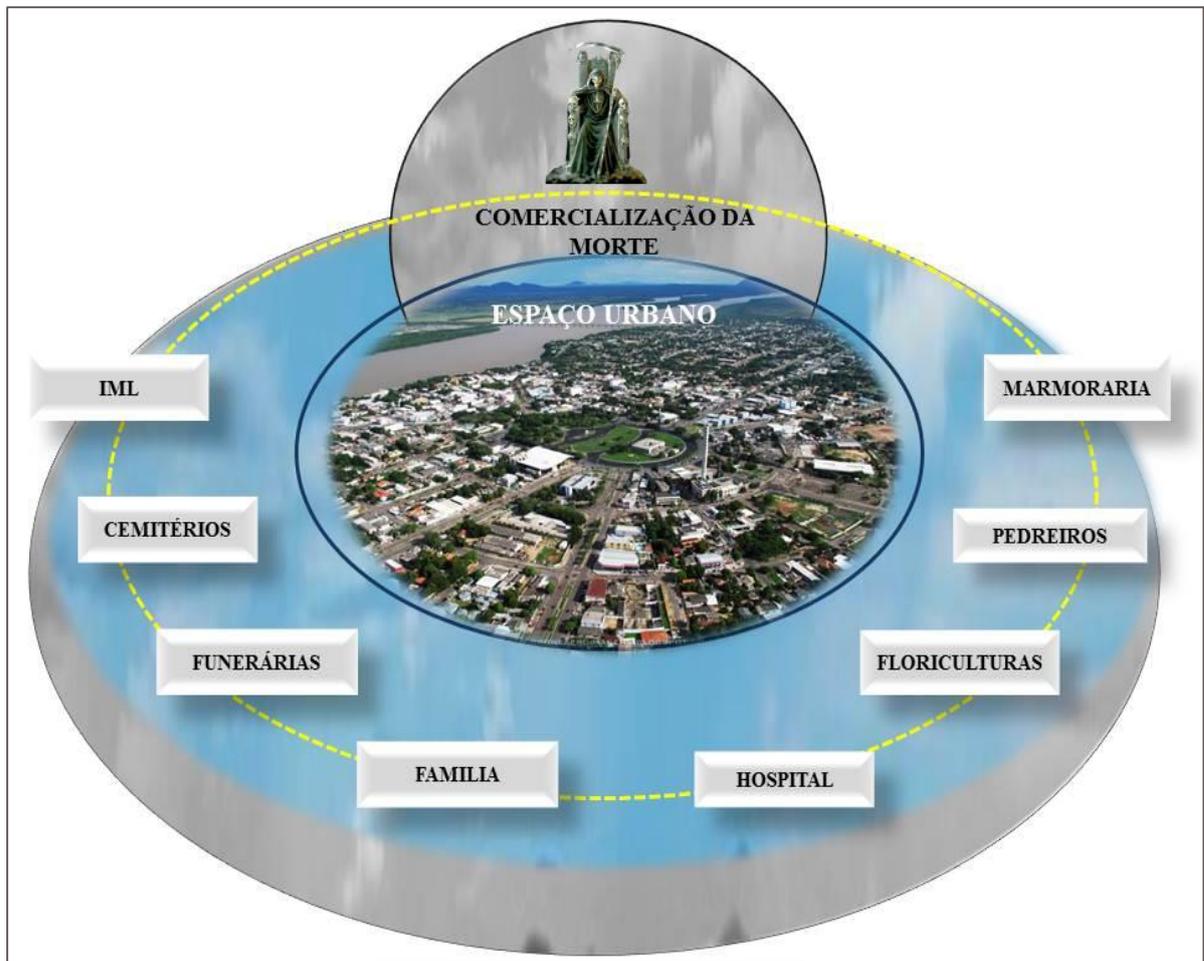
vistas à elaboração teórica; ela poderá garantir a fecundidade sempre renovada da pesquisa". (BRUYNE, 1992, p.79).

Sabendo que ambos os métodos substanciaram nosso estudo, investigamos nosso objeto (a comercialização da morte) com o intuito de entendê-la baseados na expansão urbana de Boa Vista desde 1983 quando surgiu a primeira funerária da capital.

Como referência basilar, temos Veras que em sua tese de Doutorado - A Produção do Espaço Urbano de Boa Vista – RR buscou delinear seu estudo sobre o processo de formação desta urbe. De acordo com o autor, a produção desse espaço, o urbano é visto como produto histórico e social “decorrente de um conjunto de relações executadas por meio de formas e funções que se articulam” (2009, p.127). As formas e funções definem-se como sendo dinâmicas do espaço resultantes da interação do homem com o meio atendendo interesses individuais ou coletivos. Essas dinâmicas sucedem-se de diferentes maneiras por uma heterogeneidade de agentes. E Silva (2007) com sua tese de Doutorado sobre a Dinâmica Territorial Urbana em Roraima – Brasil conceitua sobre essas mudanças que se sucederam ao longo da história.

Nesse pressuposto, demonstramos na premissa desse estudo um fragmento dessa dinâmica que fez e continua a fazer parte das mudanças sofridas pela cidade ao longo dos anos: o empenho de agentes que desenvolvem atividades em setores rentáveis ou realizando serviços de ordem pública conexo ao óbito (Fig. 03).

Figura 03 – Agentes da pesquisa que lidam com a morte dentro do espaço urbano.



Elaboração – Raiane Santos, 2016.

Tivemos como participantes:

02 Cemitérios - O municipal Nossa Senhora da Conceição e o particular Parque Cemitério Campo da Saudade. Atualmente a cidade usufrui dos serviços de ambos e, assim sendo entendemos que a colaboração dos administradores viabilizadas por meio de entrevista e questionário foi necessária para substanciar a essência do estudo, visto que ambas as necrópoles apresentam dinâmicas diferenciadas e inserem-se dentro de uma discussão socioeconômica.

01 Hospital Público - Hospital Geral de Roraima Rubens de Sousa Bento. Neste local a morte é uma constante, por essa razão nos interessamos saber sobre quem lidava e de que forma era processada a informação ou o momento em que morre um paciente. Neste caso, tivemos como entrevistada uma assistente do Serviço Social do Hospital.

01 Instituto de Medicina Legal (IML) – Drº Benigno José de Oliveira. Esta instituição recebe cadáveres diariamente e, nesse sentido foi imprescindível fazer entrevista com o diretor para levar a sociedade os conhecimentos sobre seu funcionamento que se baseia nos serviços de atendimentos as famílias.

03 Floriculturas – duas (02) Flores do Campo e a Festas & Flores. Percebemos que o costume dos indivíduos diante da morte é homenagear com flores os seus entes falecidos. Diante disso, nossa escolha teve como objetivo entender a função das floriculturas dentro desse universo envolto pela morte de modo que os questionários foram direcionados aos funcionários que trabalham no local.

02 familiares – uma (01) do cemitério público e uma (01) do cemitério particular. Nessa conjuntura, a família é a peça chave mais importante, assim, as duas voluntárias entrevistadas foram escolhidas para demonstrar a eficiência desse comércio investigado respondendo ao questionário.

04 funerárias – a Organização Social de Luto (ORSOLU), Shalon, Max Domer e Ebenezer. O setor funerário vem se destacando ao longo dos anos, então, na presença desta visão, buscamos entender mais profundamente sobre o seu funcionamento com entrevista e aplicação de questionário aos proprietários. Atualmente a cidade de Boa Vista tem 09 funerárias, dentre elas apenas 04 se dispuseram a participar do nosso estudo.

02 Vendedoras ambulantes – uma (01) do cemitério público e uma (01) do cemitério particular. As entrevistadas atuam como vendedoras somente nas duas semanas que antecede o Dia de Finados (02 de Novembro). E torna-las participe foi interessante para demonstrar a relevância de suas atividades, mesmo que temporária. Ambas responderam questionários relacionado a aspectos econômicos.

01 pedreiro – um (01) do cemitério público. Esse profissional tem papel fundamental dentro da comercialização da morte, uma vez que atua no interior do cemitério e presta serviços aos familiares. O entrevistado respondeu ao questionário abrangido pela esfera econômica.

02 marmorarias – Marmocenters. Foram essenciais para mostrar que estão inclusas nesse processo comercial e um funcionário respondeu sucintamente ao questionário para mostrar valores de seus produtos ofertados.

Vale ressaltar que as entrevistas foram realizadas com intuito exclusivo de obter informações que fundamentassem a pesquisa validando sua qualidade, enquanto os questionários fechados (em forma de quadros) validaram uma percepção mais quantitativa em que o demonstrativo financeiro retrata a consolidação de um comércio atuante e lucrativo tendo a morte como “produto a ser vendido”.

As visitas em órgãos públicos foram de extrema importância para a busca de informações e liberações de entrevista. Estivemos na Superintendência de Serviços Públicos (SSP) e Secretaria Municipal de Gestão Ambiental (SMGA) para a permissão da participação do administrador do cemitério Municipal Nossa Senhora da Conceição, bem como a Empresa de Desenvolvimento Urbano e Habitacional (EMHUR) para falar a respeito dos vendedores ambulantes que atuam na frente ou arredores dos cemitérios da cidade no dia de finados. Procuramos igualmente o Sindicato dos Estabelecimentos de Serviços Funerários do Estado de Roraima (SINDEFERR) com o intuito de saber mais informações sobre as empresas fúnebres e o setor funerário.

Na ordem teórica, ancoramos nosso levantamento bibliográfico em artigos e teses, trabalhos publicados em eventos, jornais, além de obras basilares que abordam pontos de vista sobre os eixos em discussão. Esta etapa subsidiou a construção de novos conceitos a partir do processo de análise da pesquisa.

Na prática, como técnica de análise usamos o trabalho de campo. Nesse seguimento, conforme Alves (2008, p.230) as técnicas de análise “em pesquisas direcionadas a Geografia humana serve para coletar, extrair e elucidar informações de determinados objetos”. Em seu trabalho - Considerações sobre métodos e técnicas em Geografia Humana - trata sobre a questão metodológica na Geografia como ponto crucial no desenvolvimento de uma pesquisa. Então, entrepostos às circunstâncias, servimo-nos da entrevista semiestruturada intercalada de questionários fechados com perguntas livres para os voluntários.

De modo geral, as entrevistas semiestruturada são muito pouco estruturadas, sem um fraseamento e uma ordem rigidamente estabelecidos para as perguntas, assemelhando-se muito a uma conversa (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p.168).

Compilado a isso, *in loco* foram feitos registros fotográficos dos locais, objetos e produtos com câmera digital Samsung (14.2 mega pixels) e os pontos (agentes) foram

georreferenciados pelo sensor GPS map 62sc Garmin (TB 54832). Na etapa laboratorial, os dados georreferenciados foram trabalhados em dois softwares tendo como produto final seis (06) mapas:

No Software QGIS 2.82 foi elaborado o mapa de localização da cidade Boa vista (escala 1: 100.000); dois mapas dimensionais dos cemitérios (escala 1: 5.000) com imagens recortadas do Google Earth, salvas como Raster no sistema de coordenadas WGS 84/Pseudo Mercator. No programa computacional Arc Gis 10.1 foram elaborados com plotagem de pontos UTM o mapa da localização estratégica dos agentes e mapa dos participantes da pesquisa, além do mapa de zoneamento da cidade de Boa Vista.

Seguindo os trâmites e legitimando a natureza da nossa investigação, todos os voluntários participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assim como o Termo de cessão gratuita de direitos de entrevista gravada em áudio/vídeo e de uso de imagens respaldando a integridade tanto do pesquisador quanto do partícipe. Neles ficaram claros quais eram os propósitos do estudo e os procedimentos a serem realizados.

4. A FINITUDE HUMANA



4. A FINITUDE HUMANA

Neste capítulo, partimos de uma análise sobre a morte discutindo sobre seu sentido na Idade Média até os tempos atuais – contemporâneo- consolidado no sistema capitalista. Sob esta influência do capitalismo, a representação simbólica torna-se o sustentáculo eficiente para o sentido econômico ou em outras palavras, comercial.

4.1 O HOMEM DIANTE DA MORTE E A CULTURA OCIDENTAL: UM ENCONTRO DO PASSADO COM O PRESENTE

O homem tomado pela essência de sua racionalidade é o único e exclusivo ser que consegue compreender que a vida é o presente e a morte o futuro. Por esta razão, assuntos concatenados a finitude tornam-se de seu interesse em virtude de ser um momento singular, um instante de adeus e o fim para todos.

Iniciamos essa discussão acreditando que os costumes diante da morte são particularidades que devem ser compreendidas a partir da manifestação cultural de cada sociedade que, por sua vez tem conexão do passado com o presente. Acreditando nessa ideia, temos Caputo (2008) que em seu trabalho - O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico – busca retratar as mudanças ocorridas nas representações e atitudes do homem diante à morte em diversas culturas e religiões.

Para o autor, a morte é,

Caracterizada pelo mistério, pela incerteza e, conseqüentemente, pelo medo daquilo que não se conhece, pois os que a experimentaram não tiveram chances de relatá-la aos que aqui ficaram. Todos esses atributos da morte desafiaram e desafiam as mais distintas culturas, as quais buscaram respostas nos mitos, na filosofia, na arte e nas religiões, buscando assim pontes que tornassem compreensível o desconhecido a fim de remediar a angústia gerada pela morte. (CAPUTO, 2008, p.73).

De fato, há de se concordar que continua sendo um desafio “aceitar” que todos morrerão, porém, como o autor destaca ainda buscam-se respostas. Refletindo sobre esse desafio, Elias (2007, p. 11) esclarece que “morrer nunca foi experiência placidamente aceita em época alguma. Falar da morte nunca foi fácil e lhe dar com a perda muito menos”.

Nessa busca temos estudiosos, historiadores, antropólogos dentre outros que investigam esse mistério e, para entender a concepção das culturas diante da finitude humana, apoiam-se em elementos que justificam o “agir” dos indivíduos perante a perda. Para tornar

ameno o sofrimento da ausência, o homem apegou-se naquilo que acredita, tendo como base de sustentação a religião e a crença. Essas razões são, no entanto, princípios de investigação dentro deste processo. Temos Coulanges para confirmar que,

No período primitivo, a relação com a morte foi de compromisso e respeito. Para eles não havia apenas o cadáver, mas outra dimensão da vida a ser respeitada, que continuaria a viver embaixo da terra. Essa concepção era manifestada através dos rituais realizados, os quais se elevaram ao estágio de religião (COULANGES, 2000, p. 8).

É indispensável não nos reportarmos aos tempos antigos, quando o homem compreendia a morte como uma representatividade simbólica exercendo deste modo, práticas que perpetuavam a memória dos seus desvixentes tendo a religião como sustentáculo.

Essa representação é perceptível quando Caputo (2008, p. 74) comenta sobre a reprodução simbólica destacando que, a “sociedade Mesopotâmica sepultava seus mortos com tamanho zelo que juntamente como o corpo era postos vários pertences que marcavam a identidade pessoal e familiar do mesmo (roupas, objetos de uso pessoal e ate mesmo comida)”. Este rito religioso significava a garantia que nada faltaria ao falecido no momento de passagem da vida para a morte. Outro destaque são os gregos, os quais tinham o costume de cremar os corpos dos mortos:

Com o intuito de marcar a nova condição existencial destes à condição social de mortos. Entretanto, havia dois tipos de mortos: os comuns e anônimos e os heróis falecidos. Os primeiros eram cremados e enterrados coletivamente em valas, uma vez que eram vistos como simples mortais. Já o segundo, era levado a pira crematória, reservada para os grandes heróis, na cerimônia de bela morte, uma vez que nas representações dos gregos esse tipo de morte tornava imortal o morto. (CAPUTO, 2008, p.74).

Essa prática, ou em outras palavras, esta simbolização do fenecimento pode ser constatada na obra de Homero, denominada de Ilíada, onde o autor mostra Aquiles, em função dos seus feitos de heroísmo e coragem como sendo o melhor dos gregos (GIACOIA, 2005). Embora seja verdade que o homem nega plenamente a morte, conscientemente se afeiçoa na ideia de salvação, de reencarnação, dentre outras. Por causas provenientes dos padrões culturais existentes intrinsecamente em cada sociedade, as cerimônias religiosas à vista disso passaram a ser formalizadas fazendo jus a essa convicção.

Faz-se interessante mencionar que os costumes das sociedades podem ser idênticos, o que os difere são o sentido que lhes são atribuídos:

Os Hindus, como os gregos, tinham o costume de incinerar os corpos. Entretanto, o sentido era completamente diferente, pois os gregos cremavam com o intuito das cinzas guardarem a memória dos seus mortos. Já os Hindus cremavam o cadáver o qual era despojado de sua identidade, personalidade e inserção social. Uma vez consumido pelo fogo, as cinzas eram lançadas ao vento ou nos rios. Através deste ritual, os Hindus objetivavam a sua representação da morte que consistia na passagem para outro plano da existência: o fundir-se com o Absoluto, o acesso ao eterno, ao Nirvana, à paz originária. (CAPUTO, 2008, p.74).

O autor mostra o sentido da morte a partir da cultura nos levando ao recuo de tempos transcorridos e, nos variados domínios de condutas praticadas diante do “morrer”, a forma simbólica se apresentava veemente deixando-se perceber.

Nesse caminhar, precisamente, podemos conhecer sobre a cultura ocidental diante da morte mostrando nessa trajetória o seu sentido na Idade Média, com a influência da Igreja, o surgimento do cemitério, a herança cultural greco-romana, os costumes dos ocidentais e a morte sob a perspectiva capitalista. A propósito, Caputo (2008) relata que na Idade Média:

A morte era “domesticada”, “familiar” a tal ponto que este ato era encarado como algo natural da vida. Era comum o moribundo, pressentindo a chegada de sua morte, realizar o ritual final, despedir-se e quando necessário reconciliar-se com a família e com os amigos, expunha suas últimas vontades e morria, na esperança do juízo final quando alcançaria o paraíso celeste. (CAPUTO, 2008, p.75).

Almeida do mesmo modo, afirma que,

A morte era considerada como sendo algo familiar e coletivo, motivo pelo qual ele denominou esta fase como sendo “morte domada”, ou seja, uma experiência aguardada com resignação pelo homem crente na perspectiva da eternidade da alma. (ALMEIDA, 2007, p.10).

Contemplada como um momento natural e esperado, serenamente o homem antevia a morte como uma separação não tanto angustiante, mas gloriosa, uma vez que a finitude seria uma “nova vida” no Paraíso. Logo, o homem tinha que se preparar para morrer, pois, “a morte súbita, repentina era considerada vergonhosa e às vezes considerada castigo de Deus” (CAPUTO, 2008, p.75). Mas no século XII, de acordo com o autor, a representação da morte passa por mudanças com a atuação influente da Igreja católica que dentre seus princípios pregava que:

O acesso da alma ao paraíso e o Julgamento Final deixava de ser visto como evento que ocorreria nos Tempos Finais e passa a ser visto como um evento que aconteceria imediatamente após a morte e resultaria na descida ao inferno (no sofrimento eterno) ou a ascensão aos céus (na alegria eterna) e isso dependeria da conduta do moribundo antes da morte. (CAPUTO, 2008, p.75).

Instantaneamente a morte deixa de ser denotada como sinônimo de paz e tranquilidade de espírito (processo visto com naturalidade) transitando para um instante de provação que segundo Ariés (1989b, p. 67) provocou “alterações nas expectativas das pessoas deixando o povo de Deus menos seguro da misericórdia divina aumentando o receio de ser abandonado para sempre ao poder de Satanás”. Em suma, a igreja católica passa a ter o “poder e o controle” sobre os cristãos por meio das pregações do Evangelho⁶. A religião católica, a vista disso, passa a ter importante papel nessa representação da morte, concebendo novas atitudes dos homens por meio da sua crença, ou seja, da sua fé. A crença passa assim ser um “elemento interveniente (...), uma convicção íntima em que a fé religiosa influencia a capacidade de enfrentamento de situações envolvendo a morte e o morrer” (OLIVEIRA, BRÊTOS, YAMAGUTI, 2006, p. 389).

Destarte, a Igreja influenciou a concepção dos homens quanto a se pensar em viver e morrer. Dominadora dos sentimentos coletivos preconizava à sua maneira, a necessidade de destinar um local espaçoso para o enterramento dos mortos.

Por conseguinte surge o cemitério (termo originário da palavra grega *koimetèrion*) que significa lugar onde se dormia. “A Igreja Católica lhe conferiu um sentido próprio, ou seja, ‘descanse em paz’ após a morte onde se espera a ressurreição, quando soar a hora do Juízo Final.” (REZENDE, 2007, p.12).

Portanto, o Cristianismo, formulou uma nova maneira de reverenciar a morte ao definir um espaço que seria consagrado à memória de seus mortos. Segundo Bellomo (2008) ao criar o cemitério cristão, a Igreja instituiu com o nome de Campo Santo. Conforme Rezende (2007), o sepultamento começou a ser praticado nos interiores das igrejas:

Surgiu a tendência de aglomerar os defuntos nas proximidades dos lugares sagrados, como tumbas de santos e igrejas. Foram a partir desses costumes que a memória do morto passou a ser preservada e cultuada, assumindo diversas feições ao longo dos tempos. (REZENDE, 2007, p.12).

⁶ Conjunto dos ensinamentos de Jesus Cristo escritos na Bíblia.

Mumford (1998, p. 13) nos coloca algo interessante acerca da origem dos cemitérios, expondo que “a cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos” uma vez que,

Em meio às andanças inquietas do homem paleolítico, os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo. No período Neolítico, os cadáveres eram colocados em cavernas naturais onde a entrada era fechada por uma rocha. Mas as cavernas não davam conta dos mortos, então passaram a construir sepulturas artificiais. Havia o chamado *dolmens*, que significa mesa de pedra, círculo de pedra ou pedra erguida. (MUMFORD, 1998, p. 13).

Desta forma compreende-se que desde os primórdios da humanidade, a preocupação com o lugar e o próprio morto já se mostravam presente.

Os cuidados para que o corpo não desintegrasse era feito por meio de processos de mumificação- uma peculiaridade dos egípcios. Já os faraós, além de serem mumificados, eram postos em templos gigantescos (as pirâmides) simbolizando a importância que eles representavam para a sociedade e seu poder central. (MUMFORD, 1998, p. 14).

Entretanto, no século XVIII, por razões de saúde pública foi proibido o sepultamento nos locais habituais. Segundo Rezende (2007, p.13) “essa prática aumentou significativamente a disseminação dos agentes patogênicos em epidemias devido a aproximação entre os cadáveres, muitos, vitimados por doenças contagiosas, e os vivos”. O crescimento das cidades e a urbanização acelerada declinaram o poderio da Igreja, visto que o aumento populacional desenfreado não permitia mais o sepultamento no seu interior ou em capelas.

Os cemitérios começaram a ser administrados pelo Estado por questões de salubridade, validando a importância da prevenção contra doenças dentro dos espaços urbanos, tornando-se de ordem pública. O direito de escolher o local para sepultar passou a ser uma realidade sem influência e,

A Igreja que prendia o cidadão no triângulo existencial do batismo litúrgico começou então, a viver o declínio de seu domínio sobre o ritual fúnebre. Assentava-se então uma relação entre a população e os seus mortos. Visitavam os cemitérios denominados de cemitérios públicos que se tornou uma instituição cultural, além de religiosa. (BORGES, 2002, p. 129).

De acordo com Caputo (2008) as igrejas deixaram de ser o local dos enterramentos, os quais passaram a ocorrer em cemitérios, construídos nas margens da cidade, marcando assim

uma divisão entre vivos e mortos. Paulatinamente, rompia-se uma “Era” dando início a outra e linearmente as ocorrências dos eventos se ordenavam. Nascia um novo processo que permitia as pessoas o arbítrio de escolher o local para enterrar seu ente e igualmente, formas de perpetuar suas memórias com homenagens de despedidas. Viver o momento de perda sem interferência da Igreja era inusitado e grandioso.

Segundo Caputo (2008, p.77) “os sepultamentos deixaram de ser anônimo, o que marca um movimento de individualização das sepulturas e de preocupação de demarcar o lugar onde havia sido depositado o corpo do defunto”.

Nesse viés, “pretendia-se ter acesso ao lugar exato onde o corpo havia sido depositado e que esse lugar pertencesse de pleno direito ao defunto e à família” (ARIÉS, 1989a, p. 50). Com esse “novo momento” e sob as circunstâncias o luto é ressignificado no século XIX quando:

Passa a ocorrer um exagero do mesmo, o que “quer dizer que os sobreviventes aceitam a morte do próximo mais dificilmente do que noutros tempos. A morte temida não é, por conseguinte, a morte de si mesmo, mas a morte do próximo, a morte do outro” (ARIÉS, 1989b, p. 48).

Caputo fomenta que “as representações e, conseqüentemente, as atitudes do homem perante a morte sofreram transformações importantes e sutis, estas por sua vez não alteraram a familiaridade com a morte e com os mortos” (2008, p.77). Em conformidade a esse fato, Ariés (1989a, p. 44) relata que “a morte tornara-se um acontecimento pleno de conseqüências, convinha pensar nelas aturadamente”.

Assim, o século XX traz consigo, segundo Rodrigues (2006) uma transformação revolucionária da morte e a torna um episódio detestável, sendo tratada com aparente indiferença, pois

Representa uma ruptura no andamento normal da vida. As práticas funerárias são apropriadas pela família, pela medicina e pelo poder público. Desenvolve-se uma estética fúnebre em que predomina a concepção de beleza do morto (signo de ausência de sofrimento) que é a dissimulação do medo da própria morte. (RODRIGUES, 2006, p.84).

Cronologicamente, mais uma vez, o sentido da morte transforma-se agregando novos significados. Souza (2002) confirma que essas mudanças repercutiram nos ritos funerários: as

cerimônias ficaram mais discretas, as condolências breves havendo diminuição no período dos lutos. Para melhor compreender e representar esse instante, Maranhão descreve a respeito:

O dilaceramento da separação e a dor da saudade podem existir no coração da esposa, do filho, do neto, porém, segundo os novos costumes, eles não os deverão manifestá-los publicamente. As expressões sociais, como o desfile de pêsames, as “cartas de condolências” e o trajar luto, por exemplo, desaparecem da cultura urbana (...). A sociedade exige do indivíduo enlutado um autocontrole de suas emoções, a fim de não perturbar as outras pessoas com coisas tão desagradáveis. O luto é mais e mais um assunto privado, tolerado apenas na intimidade, às escondidas (...) associa-se à idéia de doença. O prantear equivale às excreções de um vírus contagioso. O enlutado deve doravante ficar isolado, em quarentena. (MARANHÃO 1986, p. 18 – 19).

Para Souza (2002), esse fenômeno dá-se em função da cultura ocidental passar a priorizar a felicidade. Com a chegada do século XXI, a finitude humana passou a ser vista mais intensamente como um grande tabu porque conforme Carvalho (1996) trazia à consciência, a ideia de nossa própria morte.

4.1.1 Uma sociedade transformada: um novo sentido para a morte

Como deixar de mencionar ou discutir sobre a morte numa época regida por um modo de viver diferente do passado? Ou ainda, por que ser alheio ao que acontece dentro deste “universo”? Agora, sua essência é revestida por princípios de um tempo que “torna a sociedade mais tecnológica e totalmente voltada para a produção e para o progresso” (MARANHÃO, 1986; VILAR, 2000; COE, 2005). Ou seja, os valores morais contemporâneos se agregaram a outros, estabelecidas dentro dessa nova sociedade.

A memória daqueles que morreram continuam até o momento sendo honradas como nos séculos anteriores, com a diferença que se vive numa época em que o valor de quase tudo depende da grandeza de um sistema denominado de capitalista. Temos que concordar com Camargo (2011, p.70) ao falar que “esse sistema incorpora, mesmo que lentamente, todos os tipos de atividades” desde que sejam capazes de gerar lucro. Logo, a morte e o morrer tornam-se um momento conveniente para o empreendedorismo deixando de ser apenas uma representação simbólica, integrando um novo significado, o comercial.

No capitalismo, inúmeros fatores ligados às questões políticas, culturais, econômicas, sociais, determinaram a todo instante o comportamento e a interação do homem com o meio

ao qual ele sempre fez parte. Temos como exemplos, a Revolução industrial, o avanço da tecnologia, as descobertas científicas e etc. O rompimento dos limites fronteiriços entre os diversos países foi acontecimento igualmente relevante, desta maneira, as culturas se misturaram fazendo surgir múltiplas religiões.

Essas referências são amostras de algumas evidências de grande marco histórico que, influenciaram na vida cotidiana dos indivíduos condicionando-os a se adaptar e assim viver harmoniosamente de forma coletiva e individual. O modo de viver e de pensar sempre esteve inteiramente conectado aos padrões social, sendo provável que as concepções a respeito da morte tenham sido (re) construídas a partir dessas repercussões.

Temos o discernimento que os ocidentais são de doutrina monoteísta⁷ e, tem religiões diferentes como o Judaísmo, o Islã e o Cristianismo (principais) que reúnem uma conjuntura de crenças e práticas que assumem diferentes formas em distintas culturas. As múltiplas influências culturais, de modo geral, enriquecem a experiência da humanidade quanto a visão de mundo, os mistérios da vida e da morte.

Como exemplo, vamos meramente mencionar a diversidade de culturas religiosas no Brasil onde se encontra o Catolicismo, Protestantismo, Adventismo, Mormonismo, Espiritismo, Islamismo, Judaísmo, Candomblé, Umbanda e ainda os “sem religião”. É fascinante perceber essa heterogeneidade sem saber ao certo qual religião é a legítima ou atestada como a “certa” (sabemos que não há nada que assim a reconheça). Apesar disso, a intolerância religiosa predomina fortemente, sendo considerada uma das grandes “mazelas do século” em todo o Planeta.

A saber, no Oriente Médio, países como Nigéria, Afeganistão, Iraque, Sudão entram em conflitos (guerras) convencidos por ideologias de cunho religioso. Isso envolve crenças e doutrinas, que se misturam a uma complexidade de princípios políticos, econômicos, raciais e étnicos. Já os ocidentais, desarmonizam-se permeados pelo preconceito, por vezes não respeitando as diferenças. Essas disparidades contrariam a afirmação de Vianna (2009, p. 4) quando coloca que “a religião é um aspecto constitutivo das diferentes culturas que permeia o tecido social, ou seja, não está à parte, mas sim faz parte integrante das culturas”.

Neste contexto, a religião desperta no homem atitudes que dependem de sua crença e fé. Esses realces refletem nos ritos que segundo Mesquitela, Martinez e Lopes Filho (1991)

⁷Doutrina religiosa que defende a existência de uma única divindade.

tem a função de manter a cultura integrada e estabelecer ligações com o passado dos indivíduos envolvidos:

(...) para que eles possam reviver determinadas experiências já vividas por seus antepassados. Sem a repetição das experiências, muitos significados podem ser esquecidos no decorrer do tempo. Ao se repetirem, mantêm e estabelecem uma coerência dentro da cultura e ao mesmo tempo ajudam-na a funcionar harmonicamente (p.56).

Mesquitela (1991) e seus coautores afirmam que, para o funcionamento harmônico da sociedade e da cultura, as simbologias são repetidas por seus integrantes, época após época. Contribuindo com essa discussão, Dias (2009, p.76) afirma que os “sentimentos tão inerentes e comuns a todos nós são explicitados por meio de rituais de passagem da vida carnal para espiritual”.

Sob esses conceitos temos como experiência os ritos funerários no qual os indivíduos se expressam por meio da simbologia e de seu comportamento. Presentemente seus hábitos estão baseados em crenças e costumes dos tempos remotos, onde a modernização foi transformando-os com o passar do tempo. Em síntese referente a essa transformação, a sociedade criou seus símbolos expressados nos mitos, crenças e acontecimentos. Exemplo disso é o fato de que ainda vivencia-se o luto, dão-se os pêsames, se escreve nas lápides, colocam-se flores sobre os túmulos, acendem-se velas, visitam-se os mortos em dia de finados, dentre outras.

Esse comportamento baseia-se no sentimento que o homem tem pelo seu semelhante e, hoje, sustenta a racionalidade do capitalismo quando se paga por todos os serviços fúnebres necessários para velar um corpo como, por exemplo, comprar um pacote onde se tem o caixão mais bonito, as flores mais naturais e conveniências que compensem investimento da família. Ou ainda, quando se paga pela permanência perpetua deste em um pedaço de terra no interior do cemitério. Culturalmente, por ocasiões, as memórias passam a ser recordadas pelos vivos que prestam homenagens sejam de despedidas ou de relembrações, no momento de dar um ultimo adeus ou de visitar quem permanece no cemitério. Concatena-se assim, a representação simbólica com a financeira em que os recursos materiais mostram-se mais valorizados e necessários ao bem-estar de todos diante de uma sociedade transformada ao longo do tempo.

4.1.2 O espaço urbano como mercadoria do sistema capitalista

Cada vez que a “sociedade passa por processos de mudanças, a economia, as relações sociais e políticas mudam em ritmos e intensidades variadas (...) o espaço se transforma para se adaptar as novas necessidades da sociedade” (SANTOS, 2009, p.54). Subordinada pelo sistema capitalista se organiza por meio de padrões políticos, sociais, culturais e econômicos que promovem dinâmicas no espaço.

Destarte, entende-se que o capitalismo empenha-se em viabilizar o lucro, acumular capital e expandir negócios. Todavia, para obter êxito tem “o espaço como mercadoria universal por excelência (...) que se converte numa gama de especulações de ordem econômica, ideológica, política, isoladamente ou em conjunto” (SANTOS, 2009, p.30).

Visto como “produto” desse processo sistemático, o espaço urbano reflete grandes possibilidades de lucro através da sua organização sob as condições capitalismo:

As condições atuais do crescimento capitalista criaram uma nova forma particular de organização do espaço, indispensável à reprodução das relações econômicas, sociais e políticas. A forma como atualmente se distribuem as infraestruturas, os instrumentos de produção, os homens, enfim, as forças produtivas (SANTOS, 2009, p.73).

Logo, para fazermos uma leitura do espaço urbano ou da cidade sob este ângulo devem-se considerar suas dinâmicas justificadas pelo autor quando relata que “o espaço estar em evolução permanente por conta da ação de fatores tantos internos quanto externos” assim como tem que ser compreendido a partir das “relações entre os sistemas de objetos e sistema de ação” posto que “ambos são indissociáveis”, pois os “objetos vão condicionar as ações assim como as ações virão a condicionar novos objetos”. (SANTOS, 2008, p.36).

Esses objetos denominam-se como fixos que no entendimento de Santos (2007, p.142) podem ser “públicos ou privados, econômicos, sociais, culturais, religiosos, pontos de serviços, pontos produtivos, casas de negócios, hospitais, casas de saúde, ambulatórios, escolas, (...)”.

A partir das relações que estes objetos fixos mantêm, geram-se, portanto, os fluxos que originam uma dinâmica, ou seja, “um resultado direto ou indireto dessas ações” (SANTOS, 2008, p.62). Entretanto, a cidade reflete uma dinâmica resultante da presença de fixos que se relacionam e conseqüentemente geram um fluxo dando-a vitalidade.

Essas interações são relevantes quando se entende que esses objetos fixos são instalados na cidade com finalidades que atendam interesses de ordem pública ou privada, organizando-a conforme as necessidades da população. Dependendo do tipo de serviços – públicos ou privados– os interessados (Estado, empresários, investidores, etc.) dentro do processo de organização do espaço, estabelecem um conjunto de práticas as quais Corrêa (1995) denomina de espaciais. “São ações que viabilizam a existência e a reprodução de uma atividade, de uma empresa ou a própria sociedade como um todo” (CORRÊA, 1995, p. 35).

Corrêa (1995) destaca que essas “práticas diferenciam os espaços” e em suma, essa “diferenciação espacial passa a ser valorizada” (p. 36). Uma das práticas destacadas é a seletividade onde “o homem decide sobre um determinado lugar segundo este apresente atributos julgados de interesse de acordo com os diversos projetos estabelecidos” (CORRÊA, 1995, p. 36). À medida que os interesses se mostram evidente, a força capitalista se intensifica.

Para Corrêa (2002) “o espaço de uma cidade capitalista constitui-se, no conjunto de diferentes usos da terra, tais usos definem áreas como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social”. Nesse sentido, existem diversas formas de se apropriar e exercer atividades em solo urbano.

Desse modo, os empresários, visionários, enxergam a cidade de uma maneira diferenciada. Apostam nos empreendimentos comerciais com dimensões consideráveis atuando em vários setores - propulsores do desenvolvimento econômico - geram empregos e renda. Nessa perspectiva, os fatores socioeconômicos essencialmente contribuem para a “dilatação” da cidade mostrando-se o lugar ideal para os cidadãos viver e prosperar.

No âmbito da questão desenvolver atividades que lidam com o comércio da morte, por exemplo, não é fácil, porém é um negócio rentável. A vista disso, o negócio funerário mostra-se um dos investimentos significativos e produtivo. Araújo (2012) expõe sua concepção sobre o negócio funerário na sociedade consumista:

Se pensarmos o setor funerário, no sentido de ofertas de serviços, até algum tempo atrás havia muito preconceito, pouca ou insignificante tecnologia, não tinha muita valorização, havia pouca informação e o trabalho até algum tempo atrás era voltado apenas para o “morrer”, independente das circunstâncias e sem preocupação com os que ficaram. Hoje é tratado como um negócio como outro qualquer, mas com uma simbologia muito forte porque mexe com os sentimentos, mexe com as pessoas num momento delicado. A cerimônia de despedida marca tanto quanto mais do que as

outras, tais como o casamento, o batizado, etc., por isso não pode ser desprezada nem negligenciada. (ARAÚJO, 2012, p.342).

Assim, para o autor, a morte sofre um processo de mercantilização e propagação em série. “O morrer se tornou um comércio, um mercado empresarial (...) extremamente lucrativo e fez desenvolver a indústria fúnebre na sociedade de consumo como um segmento altamente rentável” (ARAÚJO, 2012, p.344). Logo a relação comercial entre as empresas funerárias e as famílias que experenciam o momento da perda é de oferta e procura por serviços, respectivamente. Para a família enlutada é um momento um tanto constrangedor, mas de fundamental importância. Clientes desse tipo de serviços e consumidores desses produtos pagam valores sem se “importar tanto” com essa prestação, afinal, é necessário.

Resumidamente, a comercialização da morte é o resultado de uma condição criada pelo sistema capitalista, dando a certeza que o homem sempre estará em busca de “sobreviver” e encontrará a fórmula ideal para assim fazer.

5. A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE BOA VISTA



5. A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE BOA VISTA

Neste capítulo é explicitado sobre os aspectos históricos, sociais, políticos e econômicos relacionados ao processo de formação urbana da cidade de Boa Vista, mostrando assim a importância dos agentes promotores do espaço que deram forma à cidade.

5.1 FRAGMENTOS HISTÓRICOS: A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE BOA VISTA

Para entendermos a gênese da cidade de Boa Vista conforme Veras (2009) é necessário considerar seus aspectos históricos e sociais. Segundo o autor, sua formação ocorreu em três momentos:

(...) inicialmente quando estava sobre a jurisdição do Amazonas, entre 1890 e 1943; num segundo momento, com a criação do Território Federal do Rio Branco em 1943 e com a implantação do plano urbanístico da cidade em 1944 e finalmente, a partir da transformação do Território Federal de Roraima em Estado em 1988 (VERAS, 2009, p. 17).

Silva afirma em sua pesquisa de Doutorado sobre a “Dinâmica Territorial Urbana de Roraima – Brasil” que Boa Vista se “consolida como município e centro urbano no decorrer do século XX, tornando-se capital do Território Federal de Roraima, em 1943 e de estado em 1988, deixando de ser um mero povoado provinciano e tornando-se uma importante cidade” (2007, p. 104).

Espacialmente, passou por transformações mudando suas formas adquirindo novas funções conforme a necessidade dos seus agentes promotores durante longos anos.

Godoy (2004) acredita que sua dinâmica de produção tenha ocorrido a partir do surgimento de novas funções que se adequaram às formas de outrora ou criaram formas novas. “Reorganizou-se a circulação de ideias e mercadorias, redefinindo-se por meio da divisão técnica do trabalho, novos espaços e consumo” (p.32).

É relevante ressaltar que parte das mudanças do espaço da cidade veio com as políticas intervencionistas por meio de projetos que visavam desenvolver as cidades nortistas durante o governo de Getúlio Vargas (1930 –1945). Criaram-se estratégias governamentais para ocupação da Amazônia e a ideia de desenvolver a região Norte, fez assim, parte de um plano de interesse nacional. Logo, Roraima, na época território, estava inserido dentro do plano de desenvolvimento regional, precisando interligar-se as demais regiões do país. As regiões Sul,

Centro-Oeste e Sudeste, alavancavam sua economia tendo como suporte atividades da agricultura e pecuária, acompanhadas pela intensa autonomia da industrialização. Como “parte de um todo”, os estados nortistas precisavam ao mesmo passo ter condições de acompanhar esse crescimento.

Entretanto, essa região era pouco povoada e por abrigar a Amazônia, os planos concretizados não atenderam as expectativas nacionais, considerando os cuidados de preservar a floresta, visto que esta é um patrimônio de todo o Planeta. Mas isso não impediu o surgimento de muitas cidades.

Portanto, Boa Vista como capital teve seu plano urbanístico projetado entre os anos de 1944 e 1946 (Fig. 04) pelo engenheiro civil Darcy Aleixo Derenusson⁸, no governo do capitão Ene Garcez, o primeiro do então Território Federal do Rio Branco. Sua projeção de forma radial foi inspirada no traçado urbano da capital da França, Paris. Nesta época, se tornava a terceira capital projetada do Brasil, depois de Goiânia e Belo Horizonte.

Figura 04: Maquete do Plano Urbanístico de Boa Vista (Traçado urbano/ radial concêntrico) 1944.



Fonte – Veras, 2009.

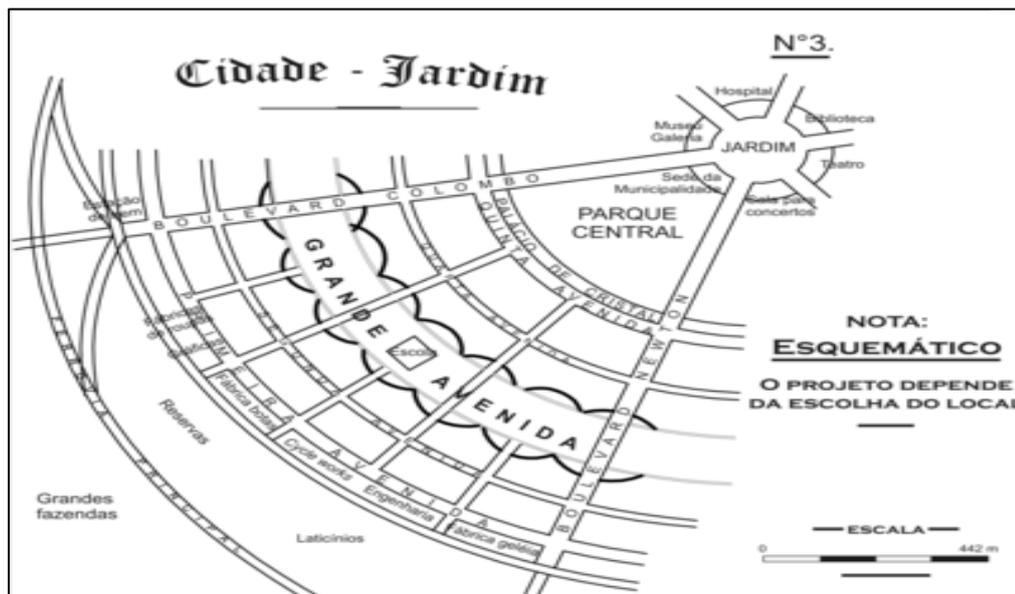
⁸Engenheiro civil do Rio de Janeiro, responsável pelo Plano Urbanístico da cidade de Boa Vista, terceira capital projetada do Brasil, fazendo alusão às ruas de Paris, na França.

É bem verdade que o plano urbanístico da cidade teve influência do traçado urbano da arquitetura europeia. Todavia, algumas reflexões se fazem necessárias para compreender à escolha desse tipo de projeto, afinal se tratava da construção de uma cidade.

De acordo com Darcy Romero Derenusson, filho do arquiteto que projetou a capital, em entrevista ao Jornal Folha de Boa Vista em 07 de Dezembro de 2016, comenta que “naquela época estava havendo um surto local de malária, onde boa parte das vítimas eram crianças. Seu pai era arquiteto formado e tinha conhecimentos sobre obras de saneamento básico. Logo, com a ajuda de outros arquitetos chegou-se a forma ideal de cidade, baseada no conceito de cidade – jardim”. Lembramos que Boa Vista tem um relevo aplainado repleto de lagos, hoje, na sua maioria (principalmente no espaço urbano) foram soterrados e concretados para abrigar construções.

Esse conceito de cidade jardim foi criado por Ebenezer Howard, pré-urbanista inglês que propôs uma alternativa aos problemas urbanos causados pela migração da população proveniente do campo, como mostra a figura05.

Figura 05 - Esquema mostrando a distribuição geral da Cidade-Jardim, configurada por Howard.



Fonte - Howard (1996).

De acordo com Howard (1996) o esquema feito para a cidade assume a forma radial composta por 6 bulevares⁹ de 36 metros de largura que cruzam desde o Centro até a periferia, dividindo-a em 6 partes iguais. A partir do jardim central estão as edificações públicas, o parque central, o Palácio de Cristal, área residencial dividida em duas pela grande avenida, as indústrias e galpões e a via férrea.

Comparado à capital em discussão é perceptível tamanha semelhança, principalmente quando suas principais avenidas convergem do Centro para a periferia e mostram-se largas. No Centro encontram-se as sedes dos poderes executivo, legislativo e judiciário.

Para Howard (1996) em síntese, a cidade era o espaço da socialização, da cooperação e das oportunidades, especialmente de empregos, mas padecia de graves problemas relacionados ao excesso de população e à insalubridade do seu espaço. Então esse modelo amenizaria ou solucionaria todas essas problemáticas. Isso se correlaciona com Boa Vista no que se refere a insalubridade do seu espaço naquela época. As evidências corroboram quando,

Apesar de a capital francesa não ter sido a principal inspiração para o projeto urbanístico de Boa Vista, as semelhanças entre as duas cidades existem. No planejamento de Paris tem a relação entre a largura da rua com a altura dos edifícios, que não poderia ter mais da metade da largura da rua como altura, o que torna a cidade ventilada. Por conta disso, não há muitos edifícios altos em Boa Vista, pois não havia necessidade de se construir grandes prédios. O que valia mais era o traçado (DARCY ROMERO DERENUSSON, FOLHABV, 2016).

Independente das referências, de acordo com Derenusson “o projeto elaborado foi feito para durar 25 anos, a partir disso, teriam de ser feito outros projetos, o que acabou não ocorrendo, mas o projeto urbanístico feito na época foi cumprido integralmente”.

A falta de um novo projeto que contemplasse a expansão da cidade ao longo dos anos fez com que esta crescesse de forma amorfa, ou desordenada, podendo ser visto na criação de vários bairros como Bairro Equatorial, Pintelândia, dentre outros oriundos de ocupações irregulares e com o tempo, adquiriram forma dentro do espaço refletindo dinâmicas, ganhando legalidade como bairro. Com o plano urbanístico definido, dentro das perspectivas de desenvolvimento, pelo menos em escala local o Planejamento Urbano nessas circunstâncias seria um importante instrumento de regulação e ordenamento do desenvolvimento urbano.

⁹ Tipo de via de trânsito, geralmente larga, com muitas pistas com qualidade superior de paisagismo.

Entretanto, a cidade não apresentava naquela época uma densidade demográfica relevante, não tinha tantos equipamentos urbanos, logo, apresentava uma dinâmica espacial menos intensa ao que se reflete hoje.

A cidade foi ao longo de seu processo de formação refletindo diversos problemas em diferentes esferas. Na mesma medida há de se considerar que alguns eventos envolvendo o Estado de Roraima contribuíram para a expansão de sua capital. Dessa maneira, é preciso recuar no tempo e lembrar sobre o passado histórico do Estado de Roraima para assim correlacionar os fatos. Segundo Nogueira (2015) o processo de expansão do Estado somente tomou impulso a partir dos meados de 1980, quando as forças políticas locais tomaram para si o incremento populacional por meio das correntes migratórias.

Nogueira (2015) descreve que diferente de outros estados brasileiros, Roraima era o menor em relação ao povoamento. Sob essas condições, aumentou sua população com o deslocamento de diversos migrantes oriundos do Norte e Nordeste do Brasil por conta da atividade garimpeira.

A maioria dos imigrantes se fixou na capital Boa Vista e por meio de planejamento o poder público fortaleceu seu processo de produção melhorando a sua infraestrutura para atender as necessidades da população. Os espaços foram ocupados por fixos como órgãos públicos (atividade estatal), empresas privadas (atividades econômicas) empresas públicas (atividade econômica ou de prestação de serviços públicos) atribuindo uma dinâmica a cidade que passa retratar as características de um progresso resultante das forças capitalistas.

A capital aumentou sua demanda populacional fazendo com que houvesse a necessidade de um planejamento urbano para atender as demandas espaciais da população. Assim, se tem uma nova reorganização espacial. Souza (2010,p.70) enuncia que planejar uma cidade e seu desenvolvimento mesmo em menor escala, revela-se uma prática difícil, pois a realidade urbana está em constante processo de transformação. A tarefa de planejar é precedida de um “esforço de imaginação do futuro”.

Por isso, deve-se pensar o planejamento de acordo com as necessidades atuais e com os supostos problemas do futuro que podem vir ocorrer dentro do espaço urbano. Veras (2009, p.19) ressalta que as “mudanças permanentes no espaço ocorrem em função da constante busca por novos significados, na medida em que o movimento social lhes atribui, a cada momento, frações diferentes de transformações de todo social”.

Daquele momento até hoje, Boa Vista vislumbra de um desenvolvimento gradativo e vivencia dinâmicas urbanas diferenciadas resultantes das relações e interações entre o Estado, os empresários de vários setores e a própria população que são promotores efetivos desse progresso.

Alias, é primordial ressaltar que incluso nesse processo o Estado é o principal agente responsável pelo desenvolvimento de diretrizes entre os setores públicos e privados, como também é responsável por oferecer todo o tipo de serviço a população. Em geral, a intervenção do Estado influencia diretamente na dinâmica urbana das cidades.

Os equipamentos urbanos de ordem pública e privada, designados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade foram construídos consoantes aos interesses de cada grupo, destarte, nos dias que correm têm-se delegacias, bancos, hospitais, centros de saúde, praças, escolas, universidades, lojas, supermercados, rodoviária, aeroporto, dentre tantos imprescindíveis.

Dessa maneira, o planejamento urbano precisa estar conexo de uma gestão eficiente, pois são ferramentas imprescindíveis para a promoção do desenvolvimento socioespacial. Ambas são complementares, mas diferentes, visto que “o planejamento é a preparação para a gestão futura e a gestão a efetivação, ao menos em parte (...) das condições que o planejamento feito no passado ajudou a construir” (SOUZA, 2010, p. 46).

Deste modo, gestão associa-se à administração de uma situação com recursos disponíveis, tendo em vista necessidades imediatas. Nesse contexto, a cidades precisa de planejamentos e depende de boas gestões públicas, pois nesse segmento envolvem-se as áreas como recursos humanos, finanças e políticas públicas, entre outras.

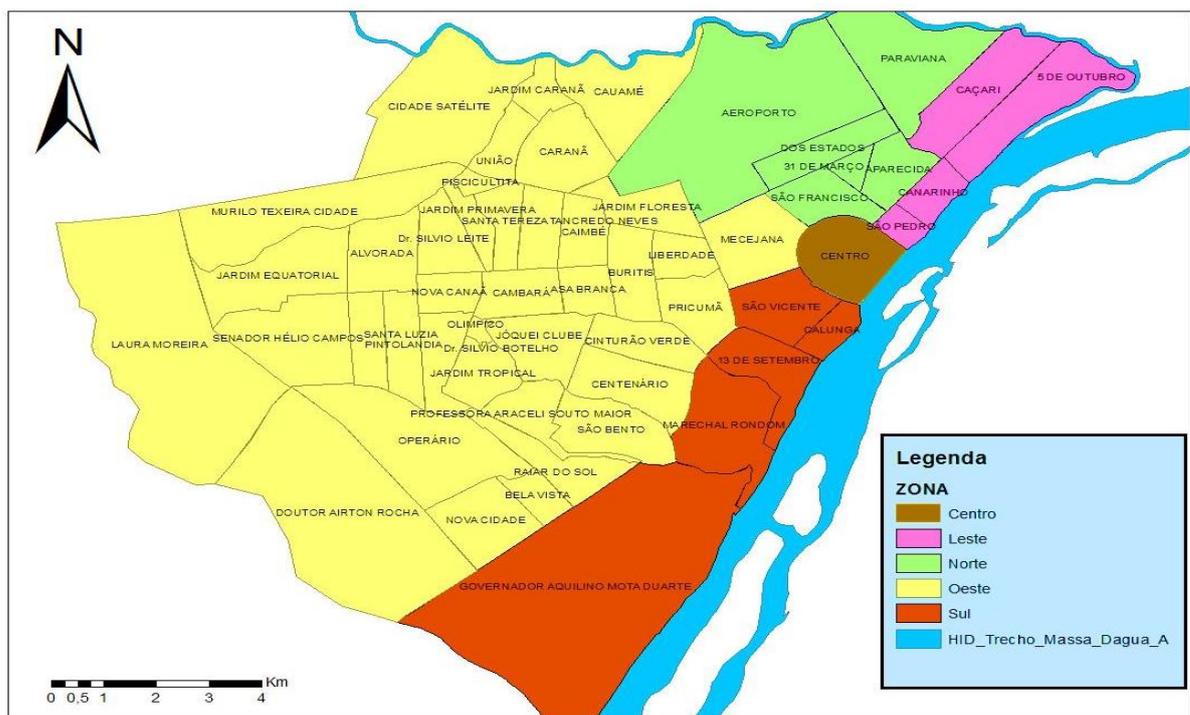
É válido destacar que as práticas de ordenamento e planejamento do espaço urbano independem do tamanho das cidades, tornam-se igualmente desafiadoras aos órgãos gestores que trabalham na busca do crescimento estruturado das cidades, enfatizando a preservação do meio ambiente, qualidade de infraestrutura urbana e a qualidade de vida da população. É relevante considerar alguns parâmetros, como o tamanho populacional.

(...) essa é uma variável que influencia nos aspectos socioeconômicos das grandes, médias e pequenas cidades. Avante ao critério demográfico, têm-se indicadores qualitativos tal como modo de vida da população, dinamismo econômico e social, dentre outros (JUNIOR, 2014, p.19).

Cronologicamente, a urbe vem melhorando sua infraestrutura, sendo assegurada pelo Plano Diretor que segundo Villaça (1999) é um plano que, a partir de um diagnóstico científico da realidade física, social, econômica, política e administrativa da cidade, do município e de sua região, “apresenta um conjunto de propostas para o futuro desenvolvimento socioeconômico e futura organização espacial dos usos do solo urbano, das redes de infraestrutura e de elementos fundamentais da estrutura urbana”. (VILLAÇA, 1999, p. 238). Assim sendo, é importante instrumento de implementação de políticas públicas, elemento central no desenvolvimento urbano, sendo instrumento de garantia do bem estar da população. Contudo, a cidade de Boa Vista é um espaço resiliente capaz de adaptar-se as mudanças.

Mais uma vez retrocedendo à sua história, Villaça (1999) relata que em 1991, através da Lei nº 244, que regulamenta o Plano Diretor do município de Boa Vista, foram criados mais 30 bairros. Em 1999 o Plano Diretor foi alterado, redefinindo os limites de alguns bairros e acrescentando mais 18. Em 2000 a cidade já contava com 49 bairros e em 2011, com os novos bairros criados em 2007 (São Bento) e 2010 (Said Salomão), já são 55, expandindo a área urbana para a região oeste. Neste seguimento a cidade de Boa Vista delimita-se pelas zonas: Norte, Sul, Leste, Oeste e o Centro conforme a figura 06.

Figura 06 – Mapa das zonas da cidade de Boa Vista.



Fonte – Base Cartográfica do IBGE (2010). **Elaborado** por Vivian Karinne, 2015.

A partir do momento que a cidade começou a crescer, construíram-se equipamentos essenciais para transformar a cidade, ou seja, Boa Vista começou a mudar sua dinâmica em todos os aspectos a partir das relações desses objetos e equipamentos. Como um lugar se define como um ponto onde se reúnem feixes de relações, o novo padrão espacial da cidade mudou.

Não há apenas novos objetos, novos padrões, mas, igualmente novas formas de ação. É que cada padrão espacial não é apenas morfológico é também funcional. “Em outras palavras, quando há mudança morfológica, junto aos novos objetos, criados para atender a novas funções, velhos objetos permanecem e mudam de função” (SANTOS, 1992, p. 77).

Quando, por exemplo, olhamos para uma rua, praça ou bairro, o que vemos são formas espaciais inseridas em um espaço urbano que os influencia e diferencia. É importante insistir que as formas não podem ser analisadas separadamente de sua função ou conteúdo, pois não possuem autonomia própria: “o que muitos não conseguiram entender no passado é que a forma só se torna relevante quando a sociedade lhe confere um valor social” (SANTOS, 1992, p. 54).

E assim sendo, os bairros são formas com dinâmicas diferenciadas, sendo residenciais de alto ou baixo padrão, comerciais com intenso fluxo ou não, e até mesmo bairros mistos, onde podem ser comerciais e residenciais.

5.1.1 O crescimento desordenado

No início da década de 1970, ocorreu importante expansão urbana ligada à abertura de rodovias. A área periférica se expandiu com a instalação do 6º Batalhão de Engenharia e Construção (BEC), que reservou para seu uso uma extensão considerável no Bairro de Mecejana. Os bairros 31 de Março, São Francisco, Aparecida e Canarinho começaram a ser ocupados.

No início dos anos 1980, o espaço realmente urbanizado em Boa Vista era sua área central, ou Centro, onde residia a maior parte da população urbana, calculada, segundo dados de Vale (2007), em mais de sete (7) mil indivíduos, isso ainda no ano de 1974. A maior parte dos residentes na região eram indivíduos de mais alta renda, constituída, sobretudo por políticos, funcionários públicos e pecuaristas. Ademais, na região concentravam-se também a maioria dos equipamentos urbanos, além da “primazia na dotação de redes de esgoto, de água,

energia, [...] atraindo as classes mais favorecidas” (VALE 2007, p.114). Também no Centro encontravam-se os serviços hospitalares, educacionais, administrativos, financeiros e comerciais.

Já os bairros mais residenciais ficavam a leste das Avenidas Ene Garcez e Major Williams, como o São Francisco, 31 de Março, Aparecida e São Pedro. Nesse período, à beira do Rio Branco, iniciou-se a construção do “Bairro dos Executivos”, para os altos funcionários do Governo, enquanto os bairros Canarinho e o13 de Setembro contavam com uma infraestrutura muito precária, quase inexistente.

A partir dos anos 1980 configurou-se uma nova morfologia urbana. Em 1981 surgiram os bairros Jardim Floresta II; em 1982, Pricumã, Buritis, dos Estados e Caçari; em 1983, o bairro Marechal Rondon. Entre 1985 e 1989 mais 14 bairros foram criados na cidade, refletindo sua intensa expansão demográfica.

O que ocorreu efetivamente após os anos 1980 foi a incorporação de novas áreas mediante a proliferação desordenada de loteamentos, “respondendo especialmente a interesses políticos de assentamentos de migrantes que eram induzidos a se deslocarem para Boa Vista” (SILVA, 2010, p.8).

Veras (2009) comenta que o crescimento desordenado na zona Oeste da cidade de Boa Vista afetou em determinada época os serviços básicos de atendimento à população, dentre os principais problemas está a ausência de equipamentos urbanos: creches, hospitais, escolas, centros de lazer e “quando não há um acompanhamento da gestão municipal no crescimento da cidade, não há também a promoção dos serviços de apoio nessas localidades” (p.141).

5.1.2 Crescimento populacional do Estado e da capital

O crescimento demográfico pode ser entendido como um fator relevante no processo de formação espacial das cidades. Posto isso, em Boa Vista, os motivos que demandaram o aumento da população podem ser reconhecidos por Agostinho (2001) quando destaca que a cidade de Boa Vista obteve altas taxas de crescimento demográfico devido o deslocamento para essa cidade dos novos funcionários ocuparam os cargos no estado, criado em 1988 nos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário; à atividade garimpeira em seu período na década

de 1990 que expulsou os garimpeiros para essa cidade, desalojados dos garimpos situados em áreas indígenas e destituídos de condições de retornarem às suas áreas de origem.

Silva (2007) reconhece esse crescimento destacando:

Destacando também o êxodo rural proveniente dos assentamentos criados pelos governos federal e estadual e, a atração por subsídios governamentais na cidade de Boa Vista de populações provenientes de outros estados, ao grande contingente de população indígena que se desloca das áreas rurais do Norte e Nordeste roraimense, procurando muitas vezes as inexistentes vantagens da cidade. Ao fluxo pré-eleição de 1994, que chegou a mais de 20% do total da população residente provavelmente oriundos de áreas carentes do Meio Norte do País, atraídos por promessas de casa, infraestrutura, alimentação e emprego, feitas pelos governantes interessados em mecanismos decisórios para a eleição de seus candidatos, assim como pela elevada taxa de natalidade, com baixas taxas de mortalidade, e também, ao aumento significativo dos efetivos das guarnições militares nos últimos anos. (SILVA, 2007, p. 190).

Nos mostra que no período compreendido entre 1980 e 1991 Roraima dentre todas as capitais brasileiras teve maior crescimento populacional atingindo um crescimento de 10,22%. A média brasileira ficou em 1,9% e a do estado de Roraima em 9,63%. A capital somava 67.047 habitantes em 1980 e passou para 144.249 habitantes em 1991. Entre 1991 e 2000, o crescimento populacional dessa cidade alcançou uma taxa média geométrica de crescimento anual de 4,60%, alcançando o total de 200.568 moradores. Todos esses dados descritos por Silva (2007) são confirmados na figura 07 com suporte nos dados estimativos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Figura 07– Estimativas do crescimento populacional da cidade de Boa Vista do período de 1940 a 2010.

POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BOA VISTA								
	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
BOA VISTA								
POPULAÇÃO	10.509*	17.247**	25.705**	36.464**	67.047**	144.249***	200.568***	450.479

Fontes - *Como município do estado do Amazonas - IBGE (1940). /** Como município do Território Federal - IBGE (1950). IBGE (1960). IBGE (1970). IBGE (1980). /***. Como município do Estado - IBGE (1991). IBGE (2000). IBGE (2010). **Elaborado** por Silva (2007) e Raiane Santos (2016).

De acordo com o IBGE (2016), o Estado de Roraima comporta uma população de 505.665. Na estimativa de 2015, esse número era de 496.936 habitantes. No seu primeiro

Censo demográfico, em 1991, a população era de 217.583 habitantes. Em 2000, já eram 324.397 moradores. Em 2010, o Censo apontou uma população de 450.479 habitantes. Enquanto Boa Vista em 2014 apresentou 314.900 habitantes saltando para 320.714 em 2015.

Percebe-se que linearmente, tanto o Estado quanto a cidade vem expandindo-se demograficamente. A capital, especificamente mostra-se atrativa e desperta em diversos atores transformadores do espaço a vontade de morar na cidade e prosperar principalmente no aspecto econômico. Como cenário propício para o desenvolvimento de diversas atividades, em distintos setores, ganha formas (re) construindo-se constantemente.

6. A REPRESENTAÇÃO DA MORTE NO CONTEXTO URBANO DE BOA VISTA



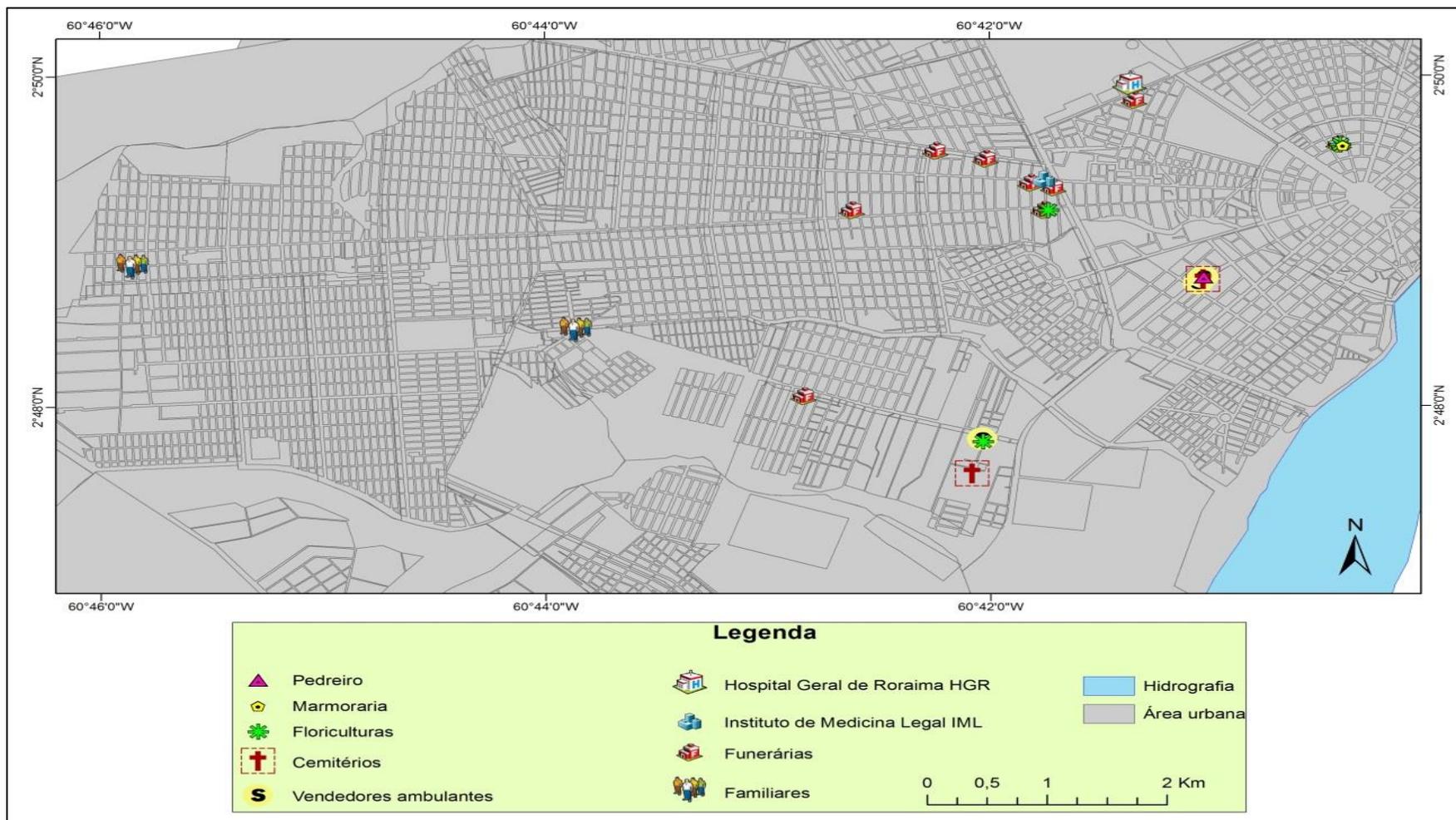
6. A REPRESENTAÇÃO DA MORTE NO CONTEXTO URBANO DE BOA VISTA

Neste capítulo são expostos os resultados da pesquisa mostrando a representação dos agentes que lidam com a morte participando do seu universo socioeconômico. Bem como é evidenciado o comércio do setor funerário que vem ganhando destaque dentro do processo de produção da cidade.

6.1 REPRESENTAÇÃO SOCIOECONÔMICA EM TORNO DA MORTE: OS AGENTES PROMOTORES

Contemplando nossa investigação tivemos como participantes voluntários (Fig. 08) as funerárias, cemitérios, floriculturas, vendedores ambulantes, familiares, IML, hospital, pedreiro e marmorarias. Considerados promotores do espaço constroem uma dinâmica singular com características socioeconômicas no solo urbano da cidade dado que lidam com a morte ou com algo que esteja relacionado a ela. Assim, procuramos caracterizar o perfil de cada um evidencia suas funções dentro desse processo.

Figura 08 – Mapa dos agentes participantes da pesquisa.



Fonte – Base Cartográfica do IBGE (2010). **Elaborado** por Vivian Karinne e Raiane Santos, 2016.

6.1.1 A dinâmica dos Cemitérios público e privado

O cemitério é um espaço territorializado no sentido de apresentar formas e funções definidas historicamente, demonstrando ao longo de sua história constante reorganização em diferentes esferas espaciais. E como espaço este apresenta um forte elo com outros fixos exteriores que participam do eventual processo econômico voltado para o setor da morte (através de serviços prestados) e de modo geral fazem o cemitério ter uma funcionalidade especial: servir de morada eterna para aqueles que permanecem na memória dos vivos.

Santos e Freitas (2012) fomentam que “o surgimento dos cemitérios é uma espécie de histórico de uma grande transformação, não só na maneira com que o homem ocidental se relaciona com a morte, mas em diversos aspectos de suas relações sociais” (p.32). Segundo os autores, essa transformação está atrelada a maneira com que o homem passa a tratar sua individualidade, e conseqüentemente, sua maneira de perceber e tratar a morte.

Essa percepção é refletida nas ações dos indivíduos quando culturalmente, homenageiam seus mortos com objetos, com esculturas, arquiteturas tumulares dando sentido a morte, a partir da preservação da memória daqueles que estiveram presentes em vida. De acordo com Motta o cemitério,

(...) ganha uma dimensão de sociabilidade por se constituir em espaço onde a coletividade compartilha momentos de devoção, cultos e rituais relativos à morte, onde não apenas se assegura de um bom lugar para o morto no além, mas, também, de um lugar na terra, mantido sob os cuidados das famílias (2009, p. 80).

Interessantemente existe uma dinâmica dentro das necrópoles que dependem de outros agentes externos que atribuem vivacidade ao local. Pensando nesse dinamismo mostramos em nosso estudo investigativo o forte elo dos cemitérios com outros agentes exteriores que participam do eventual processo econômico voltado para o setor da morte (através de serviços prestados). Além desta conexão exterior, igualmente mantém uma relação com os vivos que preservam a memória de entes queridos enterrados neste espaço, pagando impostos anuais para regularização de seus lotes, bem como cultuando a prática de homenagear os mortos com velas, flores, arranjos, construção de capelas simbólicas, dentre outros.

6.1.2 Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA)

O Brasil não tinha até 28 de maio de 2003 qualquer dispositivo legal Federal sobre cemitérios, quando foi promulgada a Resolução nº 335, do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), que dispõe sobre o licenciamento ambiental de cemitérios horizontais e verticais. A resolução estabeleceu critérios mínimos para a implantação de futuros cemitérios, visando garantir a decomposição normal dos corpos e proteger os lençóis freáticos da infiltração do necro chorume, e deu prazo de 180 dias para que os cemitérios já existentes se adequassem às novas normas.

O CONAMA alterou alguns dispositivos em 28 de Março de 2006, na Resolução nº 368, da resolução anterior, proibindo a instalação de cemitérios em Áreas de Preservação Permanente (APP's) ou em outras que exijam desmatamento da mata Atlântica, em estágio médio ou avançado de regeneração, em terrenos onde existem cavernas, sumidouros ou rios subterrâneos e em áreas onde o lençol freático, medido no final da estação chuvosa, fique a menos de 1,5 m da base das sepulturas.

A partir da entrada em vigor dessa resolução, os órgãos ambientais estaduais e municipais passaram a ter a obrigação de licenciar e fiscalizar a implantação de novos cemitérios. O prazo de adequação dos cemitérios antigos foi eliminado por nova resolução do Conama (nº 402, de 17 de Novembro de 2008).

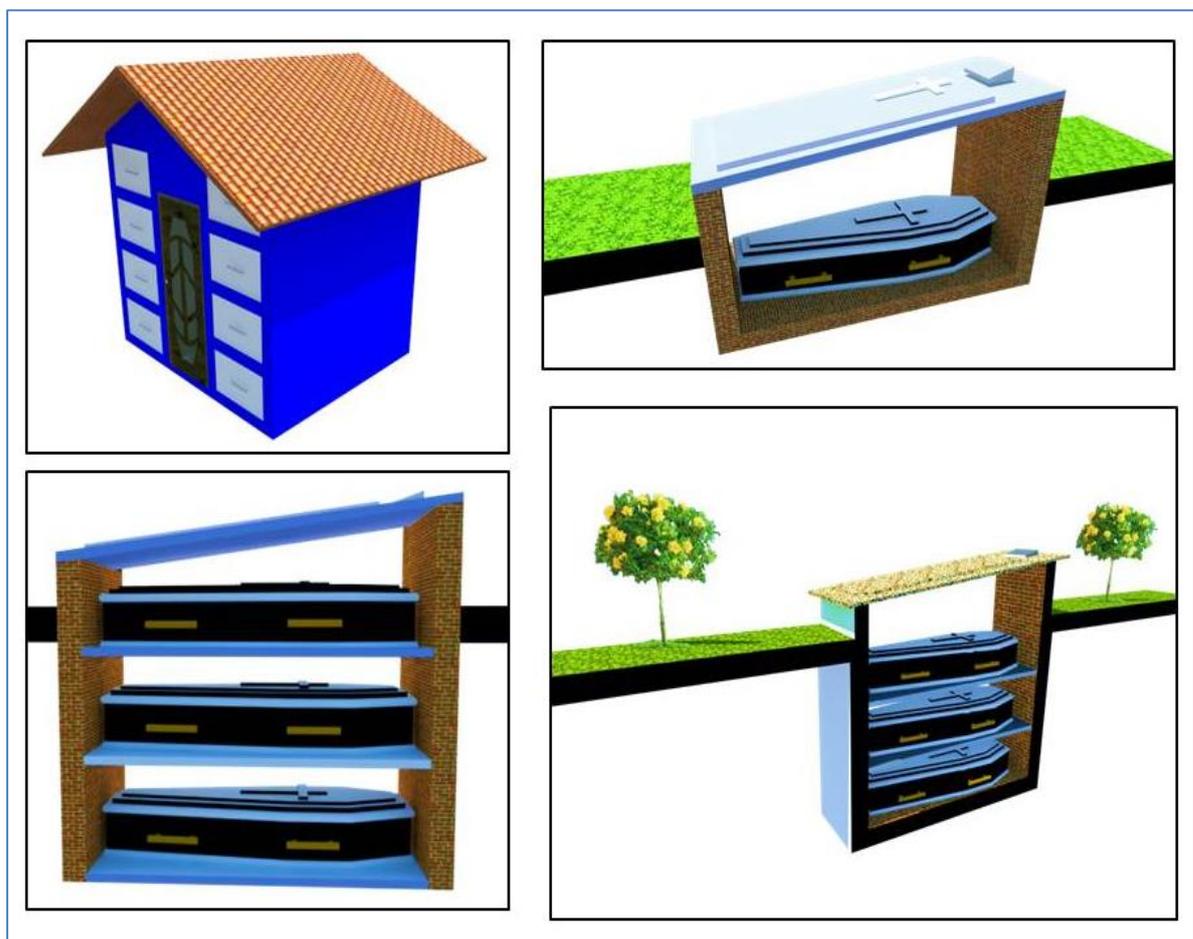
Essa norma deu aos órgãos estaduais e municipais de meio ambiente prazo até dezembro de 2010 para “estabelecer critérios para a adequação dos cemitérios existentes antes de 2003”. O descumprimento dessas disposições implicaria em sanções penais e administrativas.

Mesmo existindo a Legislação ainda realizam-se enterros no cemitério municipal de Boa Vista através da inumação que segundo Nunes (2000) é o tradicional sepultamento onde os caixões são enterrados diretamente no solo e que ainda é utilizado nos cemitérios públicos. Sabe-se, portanto que este tipo de sepultamento facilita o escoamento do necro-chorume. Segundo Aquino (2005, p.33), “o necro-chorume no meio natural decompõe-se sendo reduzido a substâncias simples e inofensivas ao longo do tempo”. Nessa situação, a capacidade de retenção de microrganismos do solo é um importante e natural modo de impedir que grandes quantidades de microrganismos alcancem o lençol freático, desde que, este esteja a uma razoável profundidade.

Ainda é comum nas duas necrópoles da cidade de Boa Vista a prática do enterro por entumação: o acondicionamento dos caixões (Fig.09) em túmulos construídos de alvenaria, tanto abaixo do nível do solo, como acima do mesmo (NUNES, 2000, p.54).

Através deste tipo de sepultamento é possível conservar o ambiente sem poluí-lo com o chorume que pode infiltrar facilmente no solo, pois os túmulos ficam bem conservados, devidamente lacrados e sem rachaduras.

Figura 09 - Acondicionamento dos caixões em túmulos de alvenaria no solo e subsolo do cemitério Nossa Senhora da Conceição.



Elaborado – por Felipe Melo e Raiane Santos, 2016.

6.1.3 Histórico e dinâmica do Parque Cemitério Campo da Saudade

O Parque Cemitério Campo da Saudade está situado na Avenida Centenário, no bairro Centenário, zona Oeste da cidade (Fig.10). De acordo com um dos seus proprietários e administrador, Anselmo Martinez é o único de ordenação privada de todo o Estado de Roraima.

Foi projetado para atender a população por aproximadamente 120 anos sendo inaugurado no dia 18 de Agosto de 1988 após a fase de estudo e projeção para se estruturar como cemitério, e atualmente tem 26 colaboradores que atuam como funcionários.

Figura 10 - Entrada Cemitério Parque Campo da Saudade.



Foto – Raiane Santos, 2016.

Conforme mostra o croqui é subdividido em três setores (Fig. 11) com características de inumações¹⁰ diferentes entre si, seja no tamanho, formato e valores.

¹⁰ Ação de sepultar ou enterrar um cadáver.

Figura 11 - Croqui mostrando a divisão de setores oferecidos às famílias para sepultar seu ente querido no cemitério Campo da Saudade.



Fonte– Imagem recortada do Google Earth, 2016. **Elaborado** por Raiane Santos, 2016.

O administrador relata que os valores para o procedimento de sepultamento variam dependendo da escolha do cliente, repassando as seguintes informações.

- ✓ *Setor Parque* – é o lote que se situa na entrada, todo gramado, possibilita aos familiares a construção subterrânea com 03 gavetas e apenas uma lápide sobre a grama (Fig. 12) tendo um custo de R\$ 9.650,00 pelo espaço.

Figura 12 - Setor Parque localizado na entrada do cemitério.



Foto – Raiane Santos, 2016.

- ✓ *Setor Capela* – com disponibilização de áreas maiores propicia aos familiares a construção de capela com valores da terra que variam de R\$ 3.700,00 a R\$ 19.200,00 (Fig. 13).

Figura 13 - Setor Capela com estruturas que refletem a essência de residências, igrejas e castelos.



Foto – Raiane Santos, 2016.

- ✓ Setor Nobre (adulto, infantil e recém-nascido) – dispõe de jazigos simples para inumações na terra ou construídos em três (03) gavetas (Fig. 14). Conforme o Livro de Sepultamento do parque cemitério (até Dezembro de 2016) mais de 50% dos enterros realizados, cedidos pelo próprio cemitério, foram feitos nessa área. O custo varia de acordo com as benfeitorias.

Figura 14 - Setor Nobre com construções padronizadas e de aparência mais simples.



Foto – Raiane Santos, 2016.

Atualmente, para sepultar um ente querido nesta necrópole são cobradas tarifas que são reajustadas anualmente pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) e as formas de pagamento são feitos à vista, também com uso de cartão de crédito ou débito e, por boleto bancário.

- ✓ Sepultamento de Adultos: R\$ 70,00
- ✓ Sepultamento de Criança: R\$ 50,00
- ✓ Sepultamento de recém-nascido: R\$ 45,00

Para enterrar uma pessoa, a priori, paga-se pelos serviços funerais e posteriori, custeia-se os serviços oferecidos por este cemitério de modo que os valores oscilam dependendo do espaço (compra da terra) escolhido pela família. Neste caso, as condições financeiras e o desejo de homenagear se tornam elementos cruciais para definir essa situação.

Existem exceções e segundo o senhor Anselmo “mesmo o cemitério sendo uma empresa particular coloca à disposição da população opções de sepultamento, entre eles o gratuito. Foi criado o Regulamento Interno do Campo da Saudade, no qual diz que para qualquer família que chegar ao cemitério e for carente, será dada gratuitamente uma sepultura por cinco anos”. Complementa falando sobre a contribuição dos seres humanos junto à sociedade:

Mesmo não sendo financeiramente viável, mas se eu posso ceder uma sepultura para que uma pessoa faça o enterro de um parente, de forma digna, atendendo à religiosidade e à cultura, eu vou fazer. No entanto “a empresa não tem a obrigação de ceder área para sepultamento de indigentes” (ANSELMO MARTINEZ, 2016).

Logo, percebe-se que a dinâmica desta necrópole é sustentada por aspectos econômicos. No entanto faz serviço com propósitos sociais que atendem as necessidades da sociedade.

6.1.4 Histórico e dinâmica do Cemitério Municipal Nossa Senhora da Conceição

O Cemitério Nossa Senhora da Conceição está localizado no bairro São Vicente, na Rua Doutor Paulo Coelho Pereira, nº 389, na zona Sul de Boa Vista sendo este o único cemitério municipal e público da cidade.

De acordo com o senhor José Carlos dos Santos Junior foi o primeiro cemitério da cidade de Boa Vista, situou-se durante anos onde hoje funciona a Igreja Universal do Reino de Deus (Av. Sebastião Dinis, nº 1201, Centro). Mais tarde foi trasladado para o entorno da Praça do Centro Cívico (na Igreja Catedral Cristo Redentor) no Centro da cidade e por ultimo encontra-se no atual endereço, como mostra a figura 15.

Figura 15 - Entrada do cemitério municipal da cidade de Boa Vista.



Foto – Raiane Santos, 2016.

Tem mais de 50 anos de funcionamento, sendo de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Boa Vista. A referida necrópole por ser de ordem pública tem suas áreas concessionadas permitindo a inumação de um cadáver por apenas cinco anos. Responsável pela regularização dos lotes, porém, para manter o funcionamento desta as famílias necessitam pagar algumas taxas anuais para manter seus jazigos, como:

- a) Jazigo simples – R\$ 80,00;
- b) Jazigo com gavetas – R\$ 145,00;
- c) Capela com jazigos – R\$222,00.

Através deste pagamento as famílias recebem um alvará com validade de um ano e além desse custo, pagam atualmente uma taxa para renovação deste espaço de R\$ 20,00. Todos esses valores cobrados como taxas são pagos na Secretaria de Finança do Município.

Considerada uma necrópole tradicional e moderna, cultua o lado sentimental, mitológico, espiritual no seu sentido mais amplo. *In loco* este espaço representa uma particularidade individual e coletiva, de modo que representa a morte a partir de fragmentos da memória.

Assim, é visível a individualização de cada túmulo, através da arquitetura, escultura e simbologias como mostra a figura 16 A e B. Essas características trazem, ou melhor, demonstram o desejo de perpetuação existencial buscando-se expressar as particularidades dos mortos nas lápides, para preservar a memória e a personalidade dos mesmos.

Seus túmulos apresentam uma arquitetura singular acompanhada de materiais considerados de alto padrão como porcelanatos, marmorarias, vidros que caracterizam - no com um estilo singular.

Figura 16 A e B-Arquitetura dos túmulos.



Foto – Raiane Santos, 2016.

Segundo Dalmáz (2000, p. 120) este processo de representação simbólica pode ser tomado como ato comunicativo, no qual a cultura e os padrões sociais são transmitidos por meio de símbolos, como objetos, letras, esculturas, arquitetura e outros. Logo, a simbologia contribui deste modo, para o estabelecimento das relações sociais e transmissões culturais.

6.2 O MURMÚRIO: FALTA DE CEMITÉRIO NA CAPITAL

A superlotação no cemitério municipal é uma realidade óbvia. Para confirmar assegura-se na percepção a partir do recorte de imagens do programa Google Earth, mostrando assim sua dimensão acompanhada de uma intensa ocupação dos loteamentos nessa área como realça a figura 17.

Figura 17 - Dimensão do cemitério público e a superlotação de suas quadras.



Fonte – Imagem recortada do Google Earth 2016. **Elaborado** por Roseane Morais e Raiane Santos, 2016.

Por ser bastante antigo e praticamente ter atingido o limite de uso de suas terras, esta necrópole, por excepcionais situações tem poucos espaços vazios: oriundos da desistência de alguns familiares que abandonam essas sepulturas, não buscando conservar a terra e nem regularizar suas pendências financeiras perante a administração de modo que os restos mortais são retirados e colocados no ossuário dando lugar para outras famílias.

Dispondo de poucas alternativas a população é “obrigada” a recorrer aos serviços do cemitério particular. Conforme demonstra a figura 18 apresenta disponibilidade de espaço suficiente para continuar atendendo a população de todas as classes sociais. De acordo com as informações repassadas pelos administradores de ambas as necrópoles em 2015 foram

registradas apenas 403 enterros no cemitério público enquanto no particular foram realizadas 1.024.

Figura 18 - Dimensão do cemitério particular e a disponibilidade de área para novos sepultamentos.



Fonte – Imagem recortada do Google Earth 2016. **Elaborado** por Roseane Morais e Raiane Santos, 2016.

O desequilíbrio na quantidade de sepultamentos é realçado ao usarmos a seguinte lógica: quando uma cidade tem serviços de ordem pública oferecidos gratuitamente, seus residentes buscam usufruir deles conforme os seus direitos. Não havendo a disponibilização destes, procuram outros que atendam suas necessidades. Em último caso, não encontrando opções de escolhas e levados pelas circunstâncias usufruem daquilo que tem. Dando veracidade aos fatos, Boa Vista vivencia esta realidade. Reforçando o exposto supracitado, o Jornal Folha de Boa Vista em sua página Folha Web (26/01/2016) retrata a questão com a seguinte imagem (Fig.19).

Figura 19 - Realidade do cemitério público de Boa Vista.



Fonte– Recorte do Jornal Folha de Boa Vista, 2016.

No início deste ano (2017) o mesmo jornal recebe a informação da recorrência do problema no mesmo sepulcrário. A insatisfação da população (ou parte dela) é em virtude do pagamento, a partir de R\$ 5 mil, pelo sepultamento realizado no Parque Cemitério Campo da Saudade. Desta forma destaca a réplica do administrador do cemitério:

Boa Vista não tem problema de cemitério. A questão de fazer ou não outro é questão política. Não se pode dizer que porque um tipo de sepultamento custa cinco mil reais que é preciso fazer outro cemitério. Estamos com 28 anos de cemitério. Dentro do cronograma, estamos hoje 3% abaixo do índice de ocupação previsto. A margem oscila entre 5% e 8% devido a vários problemas sociais. O cemitério ainda atende Roraima por 92 anos (ANSELMO MARTINEZ em 28/01/2017).

Como citado pelo Sr. Anselmo a questão é política. Atuante no ramo empresarial disponibiliza o atendimento a toda população fazendo jus “a lei da oferta”. Essas ocorrências sucedem-se há bastante tempo, podendo ser solucionadas pela ação dos gestores municipais. Segundo informações, existe um projeto elaborado para a construção de um novo cemitério público, no entanto, sabe-se que essa é uma espera sem certezas.

Enquanto isso, a população continua utilizando os serviços de atendimento do cemitério particular. Uma das particularidades do Campo da Saudade é a concessão de sepultamentos, ou seja, a gratuidade do sepultamento pelo tempo de cinco anos. Correlacionando esse procedimento ao eixo da nossa pesquisa entendemos que essa maneira encontrada serve como forma de ajudar a sociedade e esta ajudar a fomentar o negócio da morte. Uma vez sepultado, a família tem o compromisso de regularizar depois de cinco anos a terra, pagando pela faixa da sepultura que vai ser estruturada e taxas que garantem a apropriação da terra, além de outras benfeitorias.

No cemitério municipal Nossa Senhora da Conceição esse procedimento é igual, a diferença está nos valores. Os custos são variáveis conforme a essência de cada um, no particular, por exemplo, os valores são mais consideráveis levando em consideração a quantidade e qualidade dos serviços prestados. Os investimentos são feitos desde a capacitação dos funcionários a qualidade dos produtos vendidos que se originam de outros estados brasileiros.

No geral, sobre a questão de falta de cemitério os pontos de vistas divergem-se podendo ser entendida como um problema ou não. Pela ótica da população de acordo com uma das voluntárias participante da pesquisa:

“É preciso ter um cemitério público que atenda a necessidade de todos e não que sirva apenas de memorial, fazendo com que as pessoas se vejam obrigadas a se valer dos serviços de um cemitério particular que, no caso, deveria ser uma opção. (LUZIA SOUZA DOS SANTOS, 2016)”.

Em contrapartida temos o setor empresarial que investe fortemente e propicia condições que sejam atrativas para as famílias que necessitam desses atendimentos. Concatenando essa lógica, o proprietário do Campo da Saudade pronuncia que em breve pretende instalar um forno crematório¹¹ na sua empresa para atender as necessidades da população adepta ao procedimento de cremação. “Estamos fazendo um investimento alto. Provavelmente até final deste ano ou no 1º semestre de 2018, o crematório vai estar funcionando”. Relatou ainda que com a instalação será possível fazer com que o período de 92 anos de atendimento possa se estender por mais 40 ou 50 anos, diminuindo espaço usado no momento para fazer o sepultamento tradicional.

¹¹Forno crematório que visa reduzir um corpo a cinzas através da queima do cadáver.

6.2.1 As memórias: a representação simbólica que unifica os vivos e os mortos

O espaço do cemitério cultua o lado sentimental dos indivíduos refletidos nas suas formas. Por exemplo, o mausoléu, ao assumir ares de capela, fornece à família dos sepultados um ambiente de orações, um espaço para a expressão da religiosidade familiar. Desta forma, os mausoléus são o melhor exemplo da atitude de perpetuação do morto, descrita por Borges (2002, p. 125) como uma das características da “morte burguesa”: são locais cuja existência suntuosa assegura aos mortos um status de continuidade, que transcende a própria morte.

Trata-se de um túmulo cuja situação dentro do espaço do cemitério lhe concede grande visibilidade. Ademais do lugar por ela ocupado na necrópole, a construção destaca - se por suas dimensões físicas e pela elaboração de sua estrutura (Fig.20).

Figura 20 - Mausoléus bem expressivos no Cemitério Nossa Senhora da Conceição.



Foto – Raiane Santos, 2016.

Assim, é visível a individualização de cada túmulo, através das simbologias. Essas características individualizadas nos túmulos, gavetas, capelas, trazem, ou melhor, demonstram o desejo de perpetuação existencial da família buscando-se expressar as particularidades dos mortos para preservar a memória e a personalidade dos mesmos.

Constituem-se, desta forma, representações nas quais são combinados fragmentos da memória, por intermédio do conjunto simbólico. Estas representações nas construções tumulares demonstram não apenas a singularidade dos sepultados, mas também as trajetórias da coletividade na qual estavam inseridos (Fig.21 A e B).

Figura 21 A e B - Desejo expressado e perpetuado pela família em memória de quem morreu.
 A – Castelo e B – pintura de um time de futebol.

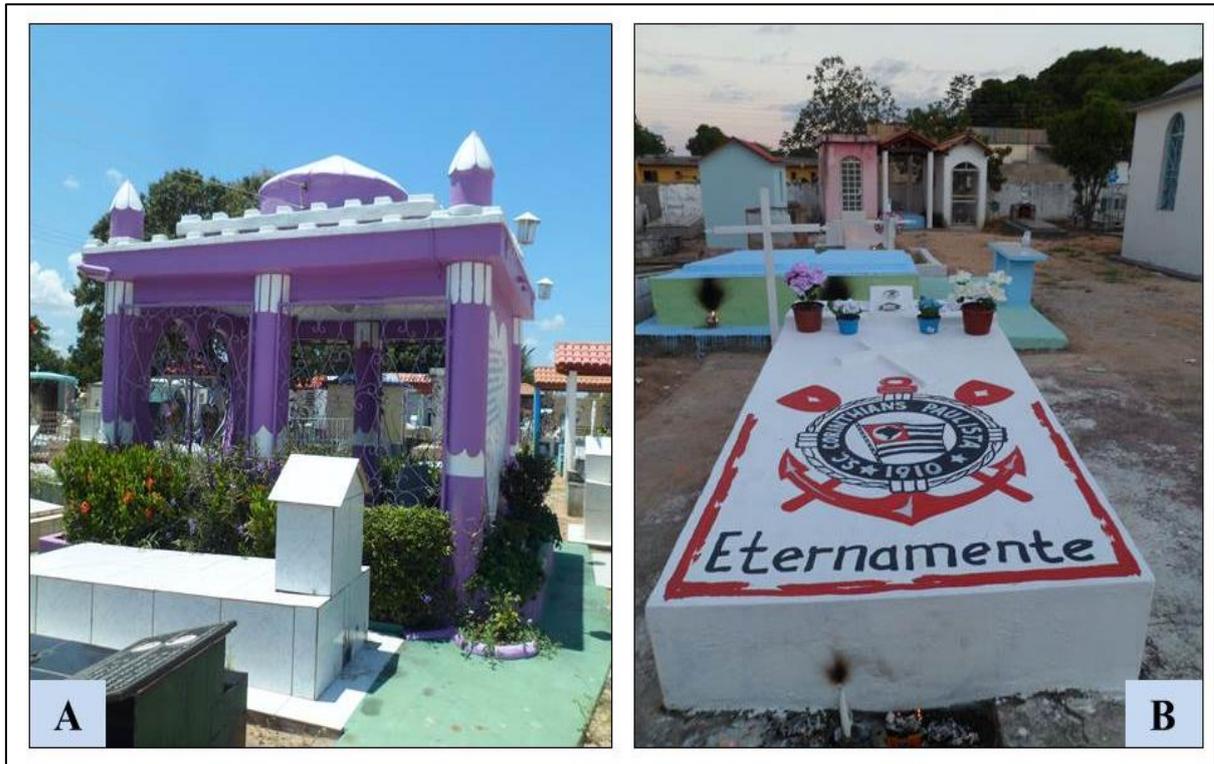


Foto – Raiane Santos, 2016.

O laço sentimental se perpetua também através das fotografias, imagens de anjos, coroas de flores e arranjos (Fig. 22 A e B), jardins, orações e mensagens saudosistas para homenageá-los. A família considera a morte como um fato consumado e que o mesmo é agora um anjo, mas em outro plano existencial. Portanto, destacam neste espaço as representações angelicais, simbolizando agora quem não existe mais em matéria viva. .

Assim, compreende-se o símbolo enquanto síntese e conexão de ideias, conforme afirma Santaella e Nöth (2008, p. 63). Representa o ser espiritual que exerce o ofício de mensageiro divino, o que lhe vale posição de destaque na figuração simbólica cemiterial, conforme ressalta Borges (2002, p. 182).

Figura 22 A e B – O lado simbólico da morte manifestado pela singeleza das flores e anjos, respectivamente.



Foto – Raiane Santos, 2016.

Eis que os elementos simbólicos tem um significado sentimental único para cada indivíduo. Estes artifícios expressam o anseio de prolongar os laços familiares para além da morte física. Atenuam os sentimentos de dor e perda proporcionados pela finitude, símbolo da negação da morte terrena. Essa é uma forma de se preservar a lembranças dos mortos na memória dos familiares.

6.2.2 Dia de Finados

O Dia de Finados, no Brasil é comemorado pela Igreja Católica, fundamentada na crença, na oração e no ato de fé. É uma data importante no que se refere ao “culto” aos mortos e à intercessão pelas almas no cemitério de um modo geral.

O culto aos mortos remonta às origens do Cristianismo, evidenciando-se, sobretudo, “nos momentos de sua clericalização durante a Idade Média e de sua disseminação entre os leigos e confrarias nos séculos XIII e XIV” (RODRIGUES, 2005, p. 41). Conforme o autor, entre os séculos XV e XVIII, devido à afirmação da doutrina do Purgatório – local tido como passageiro, no qual a alma se purificava e eliminava seus pecados o Dia de Finados se afirmou como o momento ideal para o culto, lembrança e salvação dos mortos.

Assim esse dia é uma “data simbólica para o afloramento de sensibilidades inerentes ao fenômeno físico da morte” (RIBEIRO, 2008, p. 210) e, sendo um dia típico do calendário cristão de “comemoração de todos os defuntos”, é certo que eram celebradas missas para “apressar a redenção final dessas almas” (CHAHON, 2001, p. 210).

No cemitério Nossa Senhora da Conceição e o cemitério Parque Campo da Saudade este dia é bem representado pela presença aos familiares daqueles que já morreram e permanecem neste espaço, significando lembranças de um passado reencontrado todos os anos com o presente.

A cidade dos mortos torna-se espaço de acolhimento coletivo recebendo os familiares e amigos que recordam e homenageiam um parente ou um amigo querido que está ausente para sempre. De acordo com a figura 23, as pessoas acendem velas nos túmulos, compram flores, coroas de flores, arranjos para enfeitar e demonstrar amor, carinho, gratidão entre tantos sentimentos e, intercedem pelas almas.

Figura 23 – Familiares acendendo velas no cemitério.

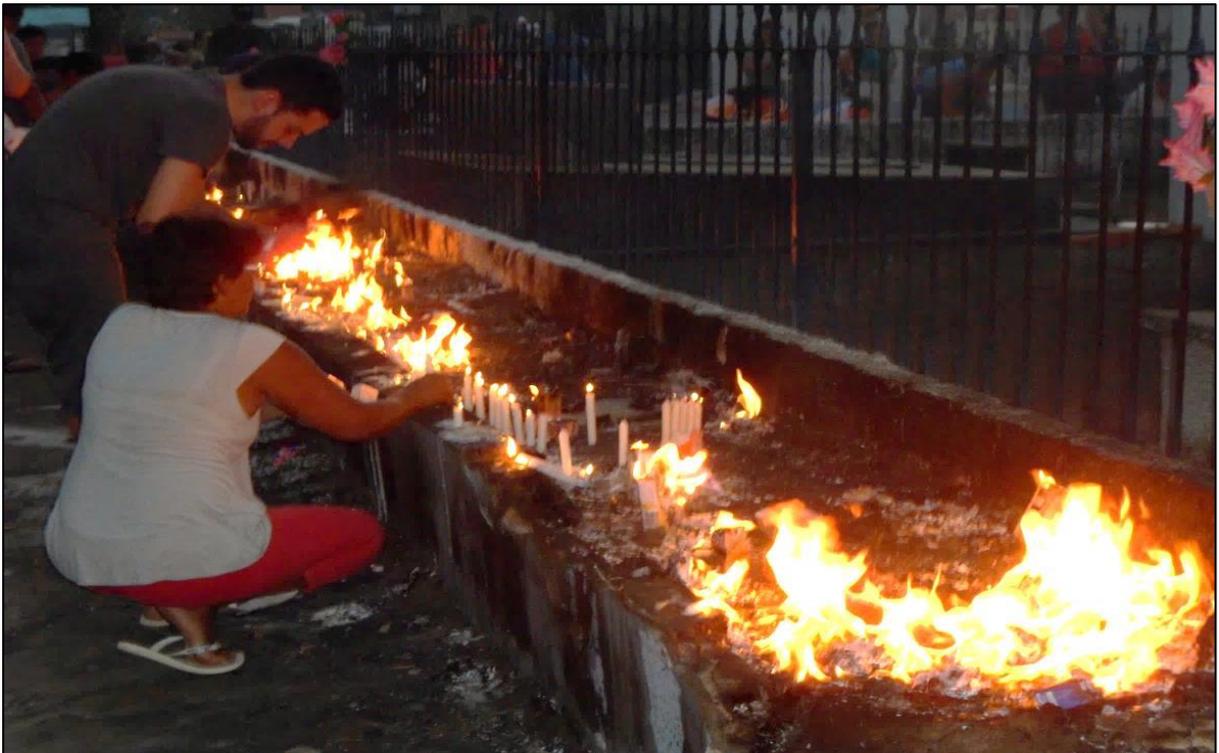


Foto – Raiane Santos, 2016.

O cemitério recebe um movimento diferenciado aos dias comuns. Por ocasião a missa é campal, celebrada pelo padre na parte exterior da capela as 17 h, como demonstra a figura 24. Como um dia particular é pluralizado pelas lembranças e recordações de parentes que estiveram em matéria neste plano, unificando o cemitério com várias crenças.

Figura 24 – Missa campal, celebrada pelo padre com a presença de fiéis no Dia de Finados.



Foto – Raiane Santos, 2016.

6.2.3 As funerárias da capital Boa Vista

A cidade de Boa Vista tem nove(09) funerárias das quais somente quatro (04) foram analisadas dentro das perspectivas da investigação (Funerária Shalon, Funerária Orsolu, Funerária Max Domer e Funerária Ebenezer). As cinco (05) abaixo são apenas apresentadas no estudo conforme a figura 25 A, B, C, D e E.

Figura 25 A, B, C, D e E – Funerárias Genesis (A); Monte Roraima (B); Boa Vista (C); Pax Marinho (D) e Eden (E).



Foto – Raiane Santos, 2016.

Respectivamente:

- **Funerária Genesis** – localizada na Avenida Venezuela, bairro Mecejana, nº 1690 com plantão 24 hs.
- **Funerária Monte Roraima** – localizada na Avenida Princesa Isabel, bairro Jardim Floresta, nº 461 com plantão 24 hs.
- **Funerária Boa Vista** – localizada na Rua Raimundo Filgueiras, bairro Buritis, nº 1120 com plantão 24 hs.
- **Funerária Pax Marinho** – localizada na Rua Milão, nº 973, bairro Centenário com plantão 24 hs.
- **Funerária Eden** – localizada na Avenida Mario Homem de Melo, bairro Liberdade, nº 2477 com plantão 24 hs.

Considerando o salário mínimo atual de R\$ 937,00 (2017), as empresas funerárias colocam a disposição de toda sociedade uma gama de produtos e serviços para atender as preferências do público em geral objetivando assim, amenizar a dor e facilitar alguns trâmites.

Prestam serviços como:

- ✓ Embalsamento
- ✓ Tanatopraxia
- ✓ Higienização
- ✓ Necromaquiagem
- ✓ Translado Nacional e internacional
- ✓ Planos Funerários
- ✓ Sala de velório
- ✓ Capela com ar condicionado e frigobar
- ✓ Ornamentação com flores naturais e artificiais
- ✓ Coroas de Flores
- ✓ Camisas de lembranças de luto
- ✓ Conjuntos femininos e masculinos
- ✓ Fotos em porcelana
- ✓ Santinhos de luto
- ✓ Serviços funerários em geral.

Além das funerárias existem outras empresas privadas que lidam com a oferta de produtos e serviços conexos ao momento de adeus como as floriculturas e marmorarias. Vejamos:

6.2.4 Floriculturas e marmorarias

Considerando a importância da floricultura no contexto comercial da morte, podemos dizer que em Boa Vista temos várias, entretanto buscamos três como amostragem: a floricultura Festas & Flores está localizada na Av. Ataíde Teive, no bairro Liberdade; a Flores do Campo I na Av. Centenário (bairro Centenário); a Flores do Campo II na Rua Prof. Agnelo Bitencourt (Centro), respectivamente conforme demonstra a figura 26 A, B e C.

Figura 26 A, B e C – Floriculturas participantes da pesquisa.



Foto – Raiane Santos, 2016.

Inserem-se no contexto da morte do ponto de vista econômico estando concatenadas aos familiares e funerárias por meio da oferta de produtos como flores naturais e artificiais, arranjos e buquês (Fig. 27 A, B e C) onde seus valores variam de acordo com tipos e tamanhos.

Figura 27 A, B e C– Flores em forma de coroa (A), buquês (B) e arranjos (C).



Foto – Raiane Santos, 2016.

Para demonstrar essa representatividade comercial, fizemos uma amostragem dos preços de coroas de flores. Esse produto é o mais vendido para os familiares e as funerárias. Essas empresas trabalham com pagamentos a vista, parcelamento em cartão e fazem entrega em qualquer lugar da cidade. Tanto os preços dos produtos como serviços de atendimento de entrega ao cliente, oscilam de floricultura para floricultura como mostra a figura 28.

Vale ressaltar que a cidade não apresenta clima favorável para o cultivo de flores naturais e o abastecimento das floriculturas depende da encomenda de outros estados do Brasil. Desse modo, os preços repassados aos clientes e consumidores refletem o alto custo das empresas.

Figura 28 - Quadros com ofertas de coroas de flores (amostragem).

Floricultura Flores do Campo I e II				
Produtos	Tipo de flores	Origem	Preço	Taxa de entrega
Coroa pequena	Naturais (Margaridas ou flores do campo)	Município de Holambra Campo Grande São Paulo	250,00	10,00
Coroa média			300,00	
Coroa grande			350,00	
Floricultura Festas & Flores				
Produtos	Tipo de flores	Origem	Preço	Taxa de entrega
Coroa pequena	Naturais (Margaridas ou flores do campo)	Campo Grande São Paulo Rio Grande do Sul	330,00	20,00
Coroa média			350,00	
Coroa grande			400,00	

Fonte – Dados fornecidos pelos funcionários das floriculturas, 2016. **Elaborado** por Raiane Santos, 2016.

As empresas voluntárias da pesquisa são Marmocenter I e II. A primeira localiza-se na Rua Prof. Agnelo Bitencourt, Centro. A segunda na Avenida Centenário, bairro Centenário. Ambas vendem pedras de granitos e mármore com cores e padrões diversificados, para pias, mesas, bancos, balcões, pisos, revestimento de túmulos e etc. As marmorarias são agentes com essência comercial com grau de lucratividade relevante (Fig. 29).

Figura 29 - Quadro com amostragem de pedras de granitos e de mármore.

MarmoCenter I e II		Preço
Granito cinza Corumbá		304,00m ²
Granito preto absoluto		741,00m ²
Mármore Bege		377,00m ²

Fonte – Dados fornecidos pelos funcionários das marmorarias, 2016. **Elaborado** por Raiane Santos, 2016.

Os mármore e granitos são extraídos de jazidas, ou seja, reservas naturais de imensas montanhas rochosas, onde são encontradas em sua forma natural. Por essa razão e por serem transportadas de outros estados brasileiros, tendo os empresários do ramo que pagar por impostos cobrados até seu destino final, entende-se os motivos pela venda com valores exorbitantes.

6.2.5 O Hospital Público HGR: a importância do Serviço Social

O Hospital Geral de Roraima Rubens de Sousa Bento localiza-se na Av. Brigadeiro Eduardo Gomes, bairro Aeroporto (Fig. 30). Tem forte elo com os parentes das pessoas falecidas dentro da instituição em consequência de doenças, acidentes, homicídios e suicídios. Seu papel dentro da simbologia da morte é de cunho social.

Esta instituição conta internamente com o Serviço Social que de um modo geral e na área da saúde em particular, atua em parceria com outros profissionais. Integram as profissões de saúde regulamentadas pelo Conselho Nacional de Saúde (OLIVAR, 2006).

Figura 30 – Hospital público da cidade de Boa Vista (HGR).



Foto – Raiane Santos, 2016.

Costa et.al (2009) descreve sobre o trabalho do serviço social voltados para a importância da informação dos direitos dos pacientes ou usuários de serviços hospitalares.

Esses profissionais, sobre lógicas de atendimento diferentes são tão importantes quanto os médicos que atendem seus pacientes. Segundo Olivar e Vidal (2006) estas são as principais atividades desenvolvidas pelo Serviço Social nas unidades de internação, emergência e ambulatórios:

- ✓ Visitar pacientes das enfermarias e emergências, visando à resolução de problemas sociais e o fornecimento de orientações e esclarecimentos a cerca das normas e rotinas do hospital;
- ✓ Comunicar a alta e orientar sobre o processo de saída da unidade hospitalar.
- ✓ Tomar providências relacionadas à alta de pacientes portadores de doenças crônico-degenerativas e infectocontagiosas e vítimas de violência (urbana e doméstica);
- ✓ Contactar os postos de saúde dos municípios de abrangência da Divisão Regional de Saúde para solicitar ambulâncias para a alta, remoção e transferências de pacientes;
- ✓ Orientar os familiares e/ou paciente no caso de cirurgia de grande ou médio porte, sobre a importância e necessidade de doação de sangue.
- ✓ Orientar os casos de óbitos: informar sobre os direitos de seguros, previdências e funeral;

Dada à importância desses serviços, a entrevista da Elionai Eleutério Farias que trabalha na área a 07 anos, relata que as 12 plantonistas assistentes fazem o acolhimento da família em (03) três turnos e atuam juntamente com os psicólogos. Essa interação é consolidada quando Camonet al. (1994) fomenta que a psicologia hospitalar não pode se colocar dentro do hospital como força isolada solitária sem contar com outros determinantes para atingir seus preceitos básicos, pois o psicólogo reverte-se de um instrumental muito poderoso no processo de humanização do hospital na medida em que trás em seu bojo de atuação a condição de análise das relações interpessoais.

Conforme Pimentel et al. (2009) o psicólogo hospitalar procura compreender o indivíduo enquanto um ser que adoece, situação esta, permeada de sofrimento físico e psicológico que gera conflitos, angústia em nível existencial, tanto para o paciente como também para seus familiares e cuidadores. A psicologia atua nas emoções e o Serviço Social com a praticidade de procedimentos.

Em situação de emergência ou de óbito os familiares são amparados pelo serviço social e os psicólogos que são capacitados para esses eventos. Uma vez o médico declarando o falecimento de um paciente é emitido a Documentação de Óbito (D.O) protocolado com três cópias, sendo: uma para o município (cor branca), uma fica no prontuário do hospital (cor rosa) e outra para a família (cor amarela). Até 2015, os familiares saíam do hospital com a declaração para o Cartório, após o registro recebiam uma Certidão de Óbito (C. O) para ser entregue a funerária e posteriormente ao cemitério.

De acordo, com a reportagem da Folha Boa Vista (em 28/11/2016) uma proposta do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) publicada em março de 2015 recomenda que hospitais das redes pública e privada dos Estados passem a emitir a certidão de óbito nas próprias unidades de saúde. A norma inspirou-se no sucesso de outra proposta do Conselho quando em 2010, o órgão tornou obrigatória a emissão de certidão de nascimento no local do parto.

Entretanto, em Roraima, não repercutiu. Os familiares continuam recebendo apenas a declaração sendo obrigados a se deslocar aos cartórios para conseguir retirar o documento. A certidão é necessária para questões como requerimento de pensão, iniciação do processo de testamento ou para pessoas viúvas que queiram se casar novamente em cartório. Esse drama é uma constante vivenciada diariamente não somente no hospital público da capital, mas no Hospital da Criança Santo Antônio (HCSA) igualmente.

Em continuidade a reportagem, a Secretaria Estadual de Saúde (SESAU) se pronunciou informando que “as unidades emitem apenas a declaração de óbito preenchida pelo médico para notificar o falecimento do paciente e especificar as causas da morte em seguida, o Serviço Social das unidades comunica os familiares e entrega o documento para que a família providencie a certidão de óbito junto ao cartório de registro civil”. Enquanto a Prefeitura de Boa Vista afirma seguir com processo similar: “o Hospital da Criança emite somente o atestado de óbito. A emissão da declaração é feita pelo médico assistente de forma imediata e liberado para a família”. O CNJ orienta as Corregedorias de Justiça Estaduais na fiscalização e expedição da certidão de óbito na unidade de saúde onde a morte ocorrer. A dinâmica hospitalar do HGR também apresenta outra face: o sistema “rodízio” das funerárias da cidade. Depois da insatisfação das famílias ao serem abordadas erroneamente no hospital e no IML no momento de perda de um ente por agentes que se aglomeravam nessas dependências “disputando clientela” foram tomadas medidas cabíveis a situação. Em entrevista com o presidente do Sindicato dos Estabelecimentos dos Serviços Funerários do

Estado de Roraima (SINDEFERR) Anselmo Martinez, dentro dos parâmetros legais do sindicato, foram acordados que a cada 24 h duas empresas fúnebres diferentes de Boa Vista permaneçam com dois agentes funerários no hospital e dois no IML, ou seja, em rodízio (Fig. 31) que tem escalas mensais.

Figura 31 - Quadro demonstrativo dos plantões das funerárias no mês de Julho de 2016.

Dia		HGR		IML	
01	Sexta-feira	Shalon	Gênesis	Max Domer	Pax Marinho
02	Sábado	Ebenezer	Max Domer	Boa Vista	Monte Roraima
03	Domingo	Éden	Pax Marinho	Shalon	Gênesis
04	Segunda- feira	Boa Vista	Monte Roraima	Ebenezer	Max Domer
05	Terça-feira	Shalon	Gênesis	Éden	Pax Marinho
06	Quarta- feira	Ebenezer	Max Domer	Boa Vista	Monte Roraima
07	Quinta-feira	Éden	Pax Marinho	Shalon	Gênesis
08	Sexta-feira	Boa Vista	Monte Roraima	Ebenezer	Max Domer
09	Sábado	Shalon	Gênesis	Éden	Pax Marinho
10	Domingo	Ebenezer	Max Domer	Boa Vista	Monte Roraima
11	Segunda-feira	Éden	Pax Marinho	Shalon	Gênesis
12	Terça- feira	Boa Vista	Monte Roraima	Ebenezer	Max Domer
13	Quarta-feira	Shalon	Gênesis	Éden	Pax Marinho
14	Quinta-feira	Ebenezer	Max Domer	Boa Vista	Monte Roraima
15	Sexta-feira	Éden	Pax Marinho	Shalon	Gênesis
16	Sábado	Boa Vista	Monte Roraima	Ebenezer	Max Domer
17	Domingo	Shalon	Gênesis	Éden	Pax Marinho
18	Segunda-feira	Ebenezer	Max Domer	Boa Vista	Monte Roraima
19	Terça-feira	Éden	Pax Marinho	Shalon	Gênesis
20	Quarta-feira	Boa Vista	Monte Roraima	Ebenezer	Max Domer
21	Quinta-feira	Shalon	Gênesis	Éden	Pax Marinho
22	Sexta-feira	Ebenezer	Max Domer	Boa Vista	Monte Roraima
23	Sábado	Éden	Pax Marinho	Shalon	Gênesis
24	Domingo	Boa Vista	Monte Roraima	Ebenezer	Max Domer
25	Segunda-feira	Shalon	Gênesis	Éden	Pax Marinho
26	Terça-feira	Ebenezer	Max Domer	Boa Vista	Monte Roraima
27	Quarta-feira	Éden	Pax Marinho	Shalon	Gênesis
28	Quinta-feira	Boa Vista	Monte Roraima	Ebenezer	Max Domer
29	Sexta-feira	Shalon	Gênesis	Éden	Pax Marinho
30	Sábado	Ebenezer	Max Domer	Boa Vista	Monte Roraima
31	Domingo	Éden	Pax Marinho	Shalon	Gênesis

Fonte – Dados fornecidos pela Funerária Ebenezer, 2016. **Elaborado** por Raiane Santos, 2016.

O não cumprimento das normas implica em suspensão temporária de plantões. Os parentes enlutados tem o livre arbítrio de escolher o serviço mais favorável as suas condições, caso não tenham Plano de Assistência Familiar. Além disso, essa dinâmica adotada garante direitos e deveres iguais para todas as representantes fúnebres.

6.2.6 O Instituto de Medicina Legal (IML)

O Instituto de Medicina Legal Drº Benigno José de Oliveira é um órgão público subordinado à Secretaria de Estado da Segurança Pública (Fig. 32). Localizado na cidade de Boa Vista na Av. Venezuela, nº 2083, bairro Liberdade sendo o responsável pelas necropsias e laudos cadavéricos para Polícias Científicas na área de Medicina Legal em todo o Estado de Roraima. A Polícia Científica é especializada em produzir a prova técnica (ou prova pericial), por meio da análise científica de vestígios produzidos e deixados durante a prática de delitos.

Figura 32- Instituto de Medicina Legal da capital roraimense.



Foto – Raiane Santos, 2016.

A disposição da sociedade oferece serviços de ordem pública, sem fins lucrativos. Para Magalhães (2003, p.1) a “medicina legal inclui um vasto leque de serviços localizados na interface entre a prática científica e o direito, situando-se, no âmbito da medicina social”, de maneira que além desses serviços especializados vários outros exames de corpo de delito e demais perícias são realizados como: exame de lesões corporais, exame de constatação de embriaguez ou intoxicação por substância de qualquer natureza, exame de constatação de

violência sexual (conjunção carnal), sanidade mental, constatação de idade, constatação de doença sexualmente transmissível e as demais perícias que interessem à Justiça e que demandem a opinião de especialistas em Medicina Legal.

Consoante ao âmbito da questão existe uma área de atuação que interessa a nossa investigação denominada de medicina forense entendida a partir das análises realizadas pela Tanatologia. Santos (2003) ressalta que a Tanatologia Forense é o ramo das ciências forenses que partindo do exame do local, da informação acerca das circunstâncias da morte, e atendendo aos dados do exame necrópsico, procura estabelecer:

- ✓ a identificação do cadáver
- ✓ o mecanismo da morte
- ✓ a causa da morte
- ✓ o diagnóstico diferencial médico-legal (acidente, suicídio, homicídio ou morte de causa natural).

Estes são os objetivos mais importantes da Tanatologia Forense, nem sempre fáceis de atingir. As dificuldades que se colocam ao médico que é responsável pela autópsia são por vezes muitas e de natureza muito diversa. Nem sempre é possível estabelecer a identificação. Em casos em que os cadáveres são encontrados em avançado estado de decomposição, que não são procurados (nem por familiares, nem por forças policiais) e em que não há qualquer informação sobre o caso, pode não se chegar à sua identificação. Nem sempre é possível chegar a um diagnóstico sobre a causa da morte. Há mortes cuja causa permanece indeterminada mesmo depois da autópsia médico-legal. Em qualquer serviço de Tanatologia Forense, apesar da experiência dos médicos que fazem a autópsia, da possibilidade de recurso a todos os meios auxiliares de diagnóstico adequados ao caso em estudo, haverá sempre mortes em que não é possível esclarecer a sua causa, tendo que se concluir, por morte de causa indeterminada. (SANTOS, 2003, p.1).

O Diretor da instituição, Drº Willian Jorge Fernandes Neves (médico legista e perito criminal) descreve que no caso de morte por acidente, homicídio ou suicídio os auxiliares e especialistas da área vão até o local para periciar e adquirir provas criminais. “O recolhimento dos cadáveres é feito pelos carros conhecido popularmente como ‘rabcão’ que removem o corpo para fazer todos os procedimentos da medicina legal no próprio IML. É preciso ter 100% de certeza do real motivo do falecimento comprovado, claro, pela perícia feita no cadáver. E para que isso seja possível e seja conclusivo, nenhum corpo é periciado pelo horário da noite, pois a iluminação artificial implica nos resultados”.

Em seu depoimento, relata que “um cadáver vítima de uma morte violenta só é liberado depois de (06) seis horas após o óbito, bem como depois de periciado e reconhecido pela família, caso não seja reconhecido o corpo falecido vai para a geladeira de conservação”.

Depois de todo esse processo o Serviço de Verificação de Óbito (SVO) que funciona dentro do Instituto emite a Certidão de Óbito para os familiares que já procuraram um serviço funerário adequado.

Através do SVO a necropsia¹² é obrigatória, pois a partir disso dar-se início a um inquérito policial para que sejam investigadas as consequências do óbito e que os possíveis culpados sejam punidos, perante a legislação brasileira. A perícia tem que ser conclusiva e sem resquícios de erros porque os laudos acompanham todo um processo criminal e conseqüentemente podem mudar positiva ou negativamente (condenação penal) a vida de outra pessoa que até então é tida como suspeita de um ato ilegal, quando é o caso.

Vale ressaltar que o cadáver é levado do Instituto pelas funerárias onde estas terminam de prestar os serviços cabíveis para a família velar o falecido. No decorrer da pesquisa, em 2016, os noticiários mostraram problemas no IML com a falta de estrutura para armazenar os corpos, sendo obrigados a deixá-los em ambiente natural em estado de putrefação. Mas as autoridades gestoras da cidade resolveram a questão comprando os equipamentos que faltavam.

Outro problema agravante é a questão de localização. Este fixo perceptivelmente foi “engolido” pela cidade assim como muitos outros, podendo se destacar o lixão, aeroporto, cemitério, dentre outros que há décadas passadas foram situados em lugares até então estratégicos. Em suas declarações, Drº Willian Jorge afirma que existe um plano elaborado e que se encontra em processo de andamento para a mudança de prédio. No plano, o novo prédio será transferido para o Campus do Cauamé sentindo Boa Vista/Pacaraima próximo a BR-174, longe do espaço urbano:

Seria viável essa mudança, pois como esta instituição está situada num local próximo de restaurantes, uma escola, comércios e residências isso implica nas reclamações feitas por todos constantemente, até mesmo pela Segurança Pública e Vigilância Sanitária (WILLIAM JORGE, 2015).

¹²Exame científico de um cadáver com a finalidade de se apurar a causa da morte (causa mortis).

Diante dessas informações, compreende-se o papel fundamental do IML no atendimento a comunidade em geral dentro desse universo que envolve a morte, com representatividade social evidente e eficiente.

6.2.7 “Vendedores ambulantes temporários” atuantes nos cemitérios em dia de finados

De acordo com o colunista Vinicius Gonçalves do site NOVO NEGOCIO, o comércio ambulante é visto, muitas vezes pelas pessoas, como uma atividade ilegal e o comerciante, como uma pessoa sem trabalho e que ganha mal. No Brasil essa atividade é legalizada dando ao empreendedor vantagens de conseguir financiamentos em bancos, comprar mercadorias parceladas, possuir cartão de crédito na empresa, entre outras vantagens que pode ajudar o empreendedor a impulsionar o seu negócio. Do ponto de vista econômico, isso alavanca o comércio de qualquer empreendedor do ramo.

Entretanto, as pessoas entrevistadas não inserem-se nessa dinâmica, pois trabalham como “vendedoras ambulantes temporárias”, somente uma vez no ano pelo mês de Novembro. A senhora Elzaides Alves dos Reis do cemitério municipal e a senhora Evanilde Cerdeira do cemitério particular, ambas são artesãs e confeccionam alguns de seus produtos.

Observamos que aproximadamente duas semanas anteriores ao dia de finados, os vendedores ambulantes fixam-se, acampando defronte das necrópoles para comercializar seus produtos até o dia 02 de Novembro, Dia de Finados.

A artesã e vendedora ambulante Elzaides Alves relata que os produtos diversificam de acordo com tamanho, material e cores, de modo que os preços oferecidos é acessível a todos os visitantes do cemitério bem como as velas, coroas de flores, vasos com flores (Fig. 33), fosforo, água, refrigerante, sucos, dentre outros, não sendo permitido apenas a venda de bebidas alcoólicas.

Figura 33 - Vendedores ambulantes comercializando produtos como velas, vasos de flores, coroas de flores, etc. em dia de finados.



Foto – Raiane Santos, 2016.

A proibição é norma da Empresa de Desenvolvimento Urbano e Habitacional (EMHUR) que se limita apenas a fiscalizar a questão de ordenamento dos donos das barracas. O Chefe de Fiscalização do órgão, Célio Lourenço Pereira informou que “os vendedores ambulantes são isentos de qualquer tarifa, pois permanecem pouco tempo em frente aos cemitérios. Eles contribuem, mesmo que minimamente, com a economia local. Além disso, é um complemento de renda”. Questionado sobre a quantidade de vendedores, Celio comenta que “a estimativa de número de barracas é de 33 anualmente e, geralmente, são os mesmos vendedores que repetem esse ciclo comercial”.

Para demonstrar a eficiência dessa atividade, de acordo com a figura 34, no dia de finados de 2016, a senhora Elzaides, atuante no ramo há seis anos (06) faturou aproximadamente 5.000,00 vendendo produtos originados do seu trabalho artesão e outros comprados para serem revendidos.

Figura 34– Quadro demonstrativo dos produtos comercializados pela vendedora em frente ao cemitério público em dia de finados.

Vendedora: Elzaides Alves dos Reis		Ano: 2016
Tempo de atuação em frente ao cemitério	06 anos	
Valor pago pelo espaço	- Não paga pelo espaço - Ordem de chegada	
Órgão responsável	EMHUR - Empresa de Desenvolvimento Urbano e Habitacional (Organiza os vendedores)	
Origem dos produtos	Armarinhos e lojas da cidade de Boa Vista	
Compra pronto para revender	Tecidos, linhas, flores, velas e vasos	
Confecciona	Coroas e vasos com flores	
Trabalha com encomendas	Sim	
Produtos vendidos	Vasos pequenos com flores artificiais	De 5,00 a 50,00
	Vasos médios com flores artificiais	
	Vasos grandes com flores artificiais	
	Coroas com flores artificiais	De 25,00 a 100,00
	Fósforo	0,50 unid.
	Velas	3 pacotes por 10,00
Lucratividade Anual	Valor (média)	
	5.000,00	

Fonte – Dados fornecidos pela entrevistada, 2016. **Elaborado** por Raiane Santos, 2016.

A vendedora Evanilde Cerdeira (cemitério particular) lida com essa atividade há 10 anos e lucrou neste mesmo ano cerca de 1.200,00 (Fig. 35) vendendo vasos com flores, coroas com flores artificiais, dentre outros. A lucratividade das mesmas é variante a cada ano, visto que depende dos materiais utilizados para confeccionar os seus objetos, quanto melhor a qualidade e os detalhes dos produtos, maior o preço a ser ofertado.

Figura 35 – Quadro demonstrativo dos produtos comercializados pela vendedora em frente ao cemitério particular em dia de finados.

Vendedora: Evanilde Cerdeira		Ano: 2016
Tempo de atuação em frente ao cemitério	10 anos	
Valor pago pelo espaço	- Não paga pelo espaço - Tira autorização na secretaria do cemitério	
Órgão responsável	Parque Cemitério Campo da Saudade	
Origem dos produtos	Armarinhos e lojas da cidade de Boa Vista	
Compra pronto para revender	Flores, velas e vasos	
Confecciona	Coroas e vasos com flores	
Trabalha com encomendas	Sim	
Produtos vendidos	Vasos pequenos com flores	De 5,00 a 40, 00
	Vasos médios com flores	
	Vasos grandes com flores	
	Coroas com flores artificiais	De 10,00 a 40,00
	Fósforo	0,50 unid.
	Água	2,00
	refrigerantes	3,00
Lucratividade Anual	Valor (média)	
	5.000,00	

Fonte – Dados fornecidos pela entrevistada, 2016. **Elaborado** por Raiane Santos, 2016.

Esse tipo de comércio apresenta uma economia relevante somente para os vendedores que o tem como complemento de renda. Assim, podemos dizer que esses vendedores enquadram-se no âmbito econômico da morte.

6.2.8 Os pedreiros do cemitério público: a beleza estética consolidada por particularidades

Podemos dizer que a presença da arte nos cemitérios é entendida dentro de um processo onde esta adquire uma função muito específica refletida nas mudanças de relações sociais e econômicas da sociedade. A beleza estética deste espaço deve-se também ao bom trabalho dos pedreiros (Fig.36). Muitos túmulos, jazigos, sepulturas apresentam uma beleza particular influenciada pelas condições financeiras das famílias. Visitando o local percebem-se manifestações artísticas peculiares de construções bem projetadas com materiais de qualidade e até de luxo como vidraças, tendas, jardins e etc.

Figura 36 – Pedreiro construindo capela no cemitério público.



Foto – Raiane Santos, 2016.

Em entrevista, o profissional da área de construção civil, Onildo da Silva Souza, relatou que atua no cemitério a mais de 06 anos e que presta diversos serviços como construção de jazigo simples, com gavetas, capelas e pinturas (Fig. 37). Os preços oscilam de acordo com o desejo da família.

Figura 37 – Quadro demonstrativo com serviços disponibilizados pelos pedreiros do cemitério público com valores que depende da escolha da família.

Tipos de serviços	Características	Preços (R\$)
Construção de Jazigo simples	Estrutura acima da terra, de concreto e cerâmica	1.000,00
Construção de Jazigo com 01 gaveta	Abaixo da terra e de concretado	1.200,00
Construção de Jazigo com 02 gaveta	Acima da primeira gaveta e concretada	1.600,00
Construção de Jazigo com 03 gaveta	Acima da segunda gaveta e concretada	2.500,00
Construção de capela	Com mármore, granito, cerâmica, vidro e porcelanato	De 3.800,00 a 6.000,00
Pintura de jazigos a capela	A escolha de cor fica a critério da família	De 60,00 a 250,00

Fonte – Dados fornecidos pelo entrevistado, 2016. **Elaborado** por Raiane Santos, 2016.

Essas artes tumulares são, no entanto a representação simbólica refletida pelo desejo da família que demonstra por meio de suas escolhas a forma mais eficiente de perpetuar as memórias. A diversidade dessa arte é perceptível na totalidade construída conforme a figura 38 A, B, e C.

Figura 38 A, B e C– A beleza estética das construções feitas pelos pedreiros conforme o desejo da família: particularidades individuais e coletivas.



Foto – Raiane Santos, 2016.

Desse modo, entendemos que os pedreiros exercem função socioeconômica para a comunidade em geral.

6.3 A DOR DA FAMÍLIA: QUAL O SENTIDO DA MORTE?

Para Menezes (2004) a morte é um evento que todos têm que enfrentar, independente das crenças trazidas pelos indivíduos, as percepções da morte e do morrer, as formas de reações esperadas, socialmente aceitas variam histórica e culturalmente.

Neste sentido, por mais certeza que exista, não aceita-se a morte embora a autora reafirme. É um momento de dor, tristeza e desolação. O ser humano passa pelo momento de perda tantas vezes que se torna resiliente nato. Nesses repetidos enfrentamentos de superação, nem percebe conscientemente como funciona o universo da morte, principalmente porque prefere falar, referir-se a momentos que inspirem alegria.

Seguindo este raciocínio, buscou-se entender a percepção de duas voluntárias onde ambas descreveram situações que passaram tendo que pagar altos custos para garantir um “lugar perpétuo” neste plano aos familiares falecidos. A pesquisa em si deparou-se com diversos entraves durante sua realização e desta forma, não foi possível contatar mais voluntários do cemitério público, pois as pessoas têm mais familiares enterrados no cemitério Campo da Saudade. Para o equilíbrio dos fatos, acreditamos que duas voluntárias somente seriam suficientes para nortear o estudo e correlacionarmos os preços de serviços pagos por cada uma delas.

Adilma Moreno de Souza (voluntária do cemitério público) perdeu sua mãe no ano de 2015 por motivos de doenças. Pagava plano de assistência familiar a Funerária Shalon no valor de R\$ 15,00 mensal. Assim, pôde contar com o serviço de uma empresa que facilitou todos os trâmites necessários. Em entrevista, descreveu sobre todos os serviços (Fig. 39) que fez para dar um sepultamento digno a sua mãe. Não pagou pelo uso da terra, pois, tinha posse desde 2004, usufruindo de túmulo com três (3) gavetas. Mas pagou taxa de regularização (anual) e serviços dos pedreiros. No total, achou o valor exorbitante (5.620,00) considerando os serviços funéreos e do cemitério público.

Figura 39 – Quadro demonstrativo com serviços prestados pela funerária e cemitério a um familiar no momento de falecimento de sua mãe.

Entrevistada: Adilma Moreno de Souza		Ano: 2016	
Familiar falecido	Mãe		
Ano de falecimento	2015		
Idade	80 anos		
Local de sepultamento	Cemitério Municipal Nossa Senhora da Conceição		
Localização da sepultura	Quadra 04		
Tipo de túmulo	03 Gavetas (comprado antes pela família)		
Plano Funerário	(15,00 mensal) Plano simples		
Empresa Funerária	Funerária Shalon		
Funeral	4.000,00		
Serviços (prestados pelo cemitério)	Uso da terra (pago em 2004)	380,00	Pago na Prefeitura municipal
	Taxa de regularização (anual)	120,00	Pago na Prefeitura municipal
	Serviços dos pedreiros	1.500,00	Pago aos pedreiros do cemitério
			Total 5.620,00

Fonte – Dados fornecidos pela entrevistada, 2016. **Elaborado** por Raiane Santos, 2016.

Em contrapartida, a entrevistada do cemitério Campo da Saudade, Luzia Sousa dos Santos, teve custos mais elevados ao ser cliente dos serviços básicos da funerária Boa Vista e da necrópole citada (Fig. 40). A saber, não tinha plano familiar e segundo ela, repentinamente sucedeu-se o óbito. Seu pai faleceu aos 77 anos vítima de doença cardíaca no ano de 2012. Já tinha área comprada na quadra 08 no Setor Nobre (túmulo com 03 gavetas). Pagou pelo uso

da terra (sepultamento), serviços de marmoraria e taxa de manutenção (anual). No total custeou R\$ 8.941,00.

Figura 40 – Quadro demonstrativo com serviços prestados pela funerária Boa Vista e cemitério Campo da Saudade a um familiar no momento de falecimento de seu pai.

Entrevistada: Luzia Sousa dos Santos		Ano: 2016	
Familiar falecido	Pai		
Ano de falecimento	2012		
Idade	77 anos		
Local de sepultamento	Parque Cemitério Campo da Saudade		
Localização da sepultura	Setor Nobre Quadra 08		
Tipo de túmulo	Com 03 gavetas		
Plano Funerário	Não		
Empresa Funerária	Funerária Boa Vista		
Funeral	3.000,00		
Serviços (prestados pelo cemitério)	Uso da terra (sepultamento)	1.786,00	Pago na Prefeitura municipal
	Serviços de marmoraria	3.995,00	Pago na Marmo Center (no interior do cemitério)
	Taxa de manutenção (anual)	160,00	Secretária do cemitério
			Total 8.941,00

Fonte – Dados fornecidos pela entrevistada, 2016. **Elaborado** por Raiane Santos, 2016.

A família é quem mais gasta pagando por serviços, sendo igualmente o sustentáculo do comércio que tem a morte como “produto de oferta e procura”, assim nos reportarmos em considerar os gastos feitos por ambas em dia de finados.

Neste seguimento tivemos a amostragem de alguns produtos que eventualmente são vendidos nessa época ou prestações de atividades realizadas no interior do cemitério pelos pedreiros. De acordo com Adilma em 2016 gastou apenas R\$ 37,00 com uma (1) coroa de flor artificial, três (3) pacotes de vela e uma (1) garrafinha de água mineral como demonstra a figura 41. Não utilizou nenhum serviço interno pago.

Figura 41 – Quadro com amostragem do custo representativo da voluntária no dia de finados no cemitério público.

Compra de produtos	Quantidade	Preço
Vasos pequenos com flores		
Vasos médios com flores		
Vasos grandes com flores		
Coroas de flores artificiais (poliéster, cetim, vual, crochê)	1	25,00
Arranjos		
Buquê de flores		
Velas	3 pacotes	10,00
Fósforo		
Água	1	2,00
Refrigerante		
Serviços utilizados no interior do cemitério		
Semana que antecede o dia dos finados		Lavagem do túmulo (feito pela família)
Dia dos finados		Nenhum
		Total 37,00

Fonte – Dados fornecidos pela entrevistada, 2016. **Elaborado** por Raiane Santos, 2016.

Luzia Sousa dos Santos, mais uma vez refletiu gastos maiores, considerando que comprou um vaso médio com flores, uma coroa de flor artificial e duas garrafinhas com água mineral totalizando um consumo de R\$ 49,00, compreendido na figura 42.

Figura 42 – Quadro com amostragem do custo representativo da voluntária no dia de finados no cemitério particular.

Compra de produtos	Quantidade	Preço
Vasos pequenos com flores		
Vasos médios com flores	1	10,00
Vasos grandes com flores		
Coroas de flores artificiais (poliéster, cetim, vual, crochê)	1	35,00
Arranjos		
Buquê de flores		
Velas		
Fósforo		
Água	2	4,00
Refrigerante		
Serviços utilizados no interior do cemitério		
Semana que antecede o dia dos finados	Lavagem do túmulo (feito pela família)	
Dia dos finados	Nenhum	
		Total 49,00

Fonte – Dados fornecidos pela entrevistada, 2016. **Elaborado** por Raiane Santos, 2016.

A oferta de produtos e a prestabilidade de serviços disponibilizados as famílias são bastante variados. No caso, os valores pagos para fazer o sepultamento do pai e da mãe foram bem significativos. Com relação aos valores e essências de sentido, Luzia afirma:

“Reuni forças com meus demais irmãos para buscar amenizar a nossa dor, dando ao nosso pai um enterro digno para que ele pudesse descansar em paz. Embora o custo tenha sido alto, nosso pai merecia muito mais por tudo que fez por nós. Foi um momento muito triste, mas ele vai estar sempre presente em nossos corações”. Fizemos um túmulo bonito, foi caro, mas não tinha como ser diferente. Era a opção que tínhamos.

Adilma identicamente expressou-se:

“Nessas horas o dinheiro não tem mais valor, porque perdi alguém que mais amava minha mãezinha. Inclusive por imprudência médica. Gostaria muito de tê-la aqui sempre, mas a vida é desse jeito, uma hora todos nós vamos morrer. Tenho certeza que vou encontrar com ela no céu. Espero que minha mãe esteja em paz juntinha de Deus porque ela era uma senhora muito boa de coração.”

Refletindo sobre essas expressões de sentimento, não há como, enquanto ser humano, não repensar sobre o verdadeiro valor da vida e da morte. Reforça-se assim, a ideia de que mais uma vez o sentido simbólico serviu de plano de fundo para atuação do sentido comercial, econômico. Nas circunstâncias do momento, esse segundo aspecto tomado pela força do primeiro, fortalece-se de modo que passa despercebido. É tanto que a fragilidade dos familiares por vezes é intensa a ponto de não se importarem com valores materiais.

6.4 O COMÉRCIO LUCRATIVO DA MORTE NO ESPAÇO URBANO DE BOA VISTA

O espaço urbano em discussão é o reflexo de forças resultantes da interação entre seus promotores transformantes. O mais relevante dentre eles é o Estado que tem a função de ordenar e planejar o crescimento das cidades atuando de forma direta na produção do espaço urbano quando realiza obras de infraestrutura, sistema viário, equipamentos públicos e ainda quando constrói habitações de interesse sociais. (SILVA et. al, 2011, p.2).

Segundo o autor e seus coautores, as formas mais frequentes e generalizadas, no entanto, de participação indireta do Estado na produção do espaço urbano se realizam por meio da criação de normas técnicas e jurídicas de ordenação e condicionamento das cidades:

Entre estas normas estão leis de parcelamento, zoneamento, uso e ocupação do solo urbano, as leis do sistema viário, as leis de posturas, os códigos de obras, meio ambiente, etc. Além das leis supracitadas, destaca - se para muitas cidades a existência de planos diretores, que em tese articulam todas as demais legislações, tornando coerente e lógico o conjunto de normas que disciplinam o espaço urbano.(SILVA et. al, 2011, p.2).

Nessa conjuntura, o Plano Diretor da Cidade de Boa Vista foi instrumento essencial para a sua perceptível transformação. Staevie (2011) em seu estudo sobre a expansão urbana em Boa Vista, explica que em 1991, através da Lei nº 244 foi regulamentado o Plano Diretor do município de Boa Vista sendo criados mais 30 bairros. Adiante, no ano de 1999 o Plano Diretor foi alterado, redefinindo os limites de alguns bairros e acrescentando mais 18. Conforme suas análises em 2000 a cidade contava com 49 bairros e em 2011, com os novos bairros, São Bento e Said Salomão e atualmente são 55.

O aumento desses bairros teve origem a partir do crescimento populacional iniciada na década de 1980 de modo que a expansão urbana da capital roraimense foi capitaneada pelo governo, que, “visando a segurança nacional, promoveu o crescimento populacional do Território por meio de uma política urbana concentrada na capital” (VALE, 2007, p.22).

Assim sendo, a cidade expandiu sua área urbana mais para a Zona Oeste e, independente da direção tornou-se atrativa para muitos imigrantes como urbe a prosperar-se econômica, política e socialmente. Dentro do seu processo de produção, de lá para cá as gestões municipais buscaram configura-la por intermédio do Planejamento Urbano e diretrizes do Plano Diretor atendendo as necessidades da população com a melhoria, principalmente, da sua infraestrutura.

Atualmente a população de Boa Vista tem observado grande quantidade de obras de mobilidade urbana sendo realizada na cidade como, a instalação de ciclovias e ciclo faixas nas zonas Oeste e Leste da capital, substituição e criação de novos pontos de abrigos simples de ônibus, serviços de drenagem, dentre outras obras realizadas com recursos do Governo Federal.

Além dessas ações realizadas pela Prefeitura Municipal, podemos observar melhorias nas avenidas que se encontram regularmente sinalizadas, contribuindo, por exemplo, para questões de mobilidades; a revitalização das praças que contribuem para o bem estar da população que tem esses espaços a ser utilizados para lazer. O surgimento de equipamentos urbanos nos bairros mais distantes do Centro, etc.

Destarte, a cidade mostra-se como cenário favorável para grandes, médios e pequenos empreendimentos em diversos setores. Concomitante a essa ideia, nosso estudo ratifica a relevância do empreendedorismo comercial em que utiliza a morte como mercadoria. Nesse caso, desenvolve-se por diversos agentes como as funerárias, as floriculturas, os pedreiros do cemitério, etc., que se servem “dessa mercadoria” para ganhar lucro.

Visto que a cidade está mais estruturada e oferece elementos que contribuem para a consolidação da atividade comercial no setor funerário, nosso estudo ganha êxito mostrando as transformações na estrutura de causas de morte relacionadas com a produção do espaço urbano, pois as pessoas são vítimas do trânsito violento, homicídios, suicídios, doenças, dentre outros. Vale ressaltar, inclusive, que não somente a capital, mas todo o estado de Roraima aumentou o número de óbitos ocasionados por tais fatores. O único Instituto de Medicina Legal do estado funciona na capital, assim, as vítimas de todos os municípios adjacentes são recebidas em Boa Vista.

Vejam, entretanto, baseados em reportagens feitas pelo Jornal Web Folha de Boa Vista (jornal local) as incidências de óbitos ratificando o aumento desses números, o que chega ser preocupante, porém, são reflexos das mazelas de uma cidade em expansão.

✓ ***O aumento de morte no trânsito***

Com o crescimento populacional e uma melhor infraestrutura da cidade como ruas largas e pavimentadas, há um acréscimo na venda das concessionárias, o que nos permite relatar que a frota de veículos na rua aumenta e por conta de imprudências no trânsito um número considerável de pessoas perde a vida ou fica sequelados por conta dos acidentes

De acordo com reportagem do Jornal Folha Boa Vista (em 15/12/2016)o Hospital Geral de Roraima (HGR) atendeu 7.506 vítimas de acidentes de trânsito com carros e motos no período de Janeiro a Novembro de 2016, o que corresponde a quase 6% de todos os atendimentos realizados na unidade de saúde no período.

O Chefe de Fiscalização de Trânsito do Departamento Estadual de Trânsito (Detran), Vilmar Florêncio, manifestou-se, relatando que a imprudência segue sendo a principal causa de acidentes e apontou que a falta de respeito às leis de trânsito como sendo uma das principais causas, em que os acidentes com mais gravidades são ocasionados principalmente por alta velocidade e ingestão de bebida alcoólica. Conforme o jornal, os números do Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN), em conjunto com o Comando de Policiamento da Capital (CPC) e o Instituto de Medicina Legal (IML) são preocupantes.

✓ ***O aumento de morte por suicídio***

Em 2014, muitos óbitos por suicídio foram registrados demonstrando aumento nos índices. Conforme matéria mostrada (JORNAL FOLHA DE BOA VISTA, em 25/07/2014) o Centro de Qualidade de Vida (CQV) da Secretaria de Estado de Segurança Pública (SESP), informou que Roraima está em segundo lugar no ranking de morte por suicídio no Brasil, atrás somente do Rio Grande do Sul.

Dados do IML mostraram que de Janeiro a Outubro de 2014 foram registrados 27 casos de suicídio e, em 2015 esse número surpreendeu sendo 40% maior quando 39 pessoas tiraram a própria vida. Os dados levam em consideração apenas as mortes ocorridas especificamente por enforcamento onde o perfil das vítimas, na maioria dos casos, tratava de pessoas jovens com idade de 15 a 30 anos do sexo masculino. Em 2014, no Brasil foram

registradas 11.821 mortes por suicídio, sendo 9.918 de homens e 2.623 de mulheres, uma taxa de 6% para cada 100 mil habitantes.

Ainda considerando a matéria, as causas podem ser explicadas pela depressão sentida pelas pessoas. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que 21% dos brasileiros de 14 a 25 anos têm sintomas indicativos de depressão. Na população de adolescentes e jovens adultos, quase um em cada dez já pensou, em algum momento, em tirar a própria vida.

✓ ***Aumento de morte por homicídios***

Boa Vista assim como outras cidades brasileiras também tem problemas de cunho sociais ligados à violência urbana. Diariamente são noticiados nos meios de comunicação fatos reais dessa realidade onde pessoas são assassinadas, geralmente, por motivos banais vinculados a bebida alcoólica e uso de drogas ilícitas.

Segundo a Folha de Boa Vista (em 27/12/2016) o número de mortes violentas em Roraima aumentou para 115 confrontando os números de 2015 que registrou 105 homicídios. Conforme a delegada Elisa Mendonça, a violência seguida de morte, envolvia o tráfico de drogas e em suas observações “há cinco anos, a maioria dos homicídios ocorria com emprego de arma branca, ou seja, faca ou pedaço de pau, mas este ano (2016) a maioria das mortes foi provocada por arma de fogo”.

✓ ***O aumento de morte no presídio***

Embora pareça ser casos isolados, um novo fenômeno tende a se propagar dentro das cidades, mas especificamente no sistema prisional brasileiro: as guerras entre facções criminosas. Em outubro de 2016, em Boa Vista, na Penitenciária Agrícola de Monte Cristo (PAMC) 10 presos foram mortos por rivalidade entre essas organizações. No início de 2017, morreram mais 33 presidiários.

As informações do jornal Folha de Boa Vista (em 06/01/2017) destacou que era o terceiro maior massacre em presídios, em número de mortes, na história do Brasil, atrás apenas do ocorrido no Carandiru, em São Paulo, em 1992, quando 111 presos foram mortos e de Manaus onde foram mortos 60 presos.

✓ *Morte por doenças*

Em outras situações estão as mortes por doenças cardiovasculares como infarto e acidente vascular cerebral (AVC), os cânceres, doenças virais como, por exemplo, o Zika vírus, dentre outras que vitimam as pessoas. De modo geral, considerando a proporção de acontecimentos de natureza diferenciada, a soma de todos esses fatores contribui para o fortalecimento do comércio da morte. Quanto mais óbitos maiores as oportunidades de investimento no setor funerário.

6.4.1 Crescimento do mercado funerário

Roraima conta atualmente com 13 empresas funerárias espalhadas por quatro dos 15 municípios. Somente a Capital, Boa Vista, concentra nove 09 funerárias. Os números estão acima da média estipulada pela Associação Brasileira de Serviços Funerários, que indicam a necessidade de uma empresa para cada 100 mil habitantes nas capitais, e 50 mil habitantes nas demais cidades.

Abrimos nossas discussões com a percepção do Presidente da Associação Brasileira de Empresas e Diretores Funerários (ABREDIF), Lourival Panhozzique faz considerações a respeito do setor funerário dando visibilidade a sua importância. De acordo com PORTAL FUNERARIANET (em 23 de outubro de 2016), Lourival ressalta que lidar com a morte no passado era considerado uma atividade repugnante por muitos, poucos queriam e menos ainda investiam neste setor, faltava tudo inclusive prestador do serviço. Nos dias de hoje essa atividade é altamente profissionalizada e sempre buscou novos meios de compreender e desenvolver o setor em benefício da sociedade.

De acordo com o presidente não falta funerárias no Brasil e nem estruturas no setor, mas uma legislação adequada a garantir a continuidade e qualidade. Nacionalmente, o setor funerário vem se destacando pela luta de direitos que consolidem suas atividades. Um exemplo de conquista é a Lei 13.261/16 de 22 de Março de 2016 sancionada pela presidente Dilma Rousseff que alcança todas as empresas que atuam na comercialização de Planos

Funerários¹³. Dispõem assim sobre a normatização, fiscalização e a comercialização de planos de assistência funerária. Seus artigos:

Art. 1º Dispõe sobre a normatização, a fiscalização e a comercialização de planos de intermediação de benefícios, assessoria e prestação de serviço funerário mediante a contratação de empresas administradoras de planos de assistência funerária com pagamentos mensais pela oferta de toda a infraestrutura do atendimento.

Art. 2º A comercialização de planos de assistência funerária será de responsabilidade de empresas administradoras de planos de assistência funerária regularmente constituída, e a realização do funeral será executada diretamente por elas, quando autorizadas na forma da lei, ou por intermédio de empresas funerárias cadastradas ou contratadas.
Parágrafo único. Considera-se plano ou serviço de assistência funerária o conjunto de serviços contratados a serem prestados ao titular e a seus dependentes na realização das homenagens póstumas.

Art. 3º Somente serão autorizadas a comercializar planos de assistência funerária as empresas que o façam mediante contrato escrito que tenha por objeto exclusivo a prestação de serviço de assistência funerária e que comprovem:

I – manutenção de patrimônio líquido contábil equivalente a 12% (doze por cento) da receita líquida anual obtida ou prevista com a comercialização dos planos de assistência funerária no exercício anterior;

II – capital social mínimo equivalente a 5% (cinco por cento) do total da receita anual; e

III – quitação dos tributos federais, estaduais e municipais incidentes sobre a atividade.

Parágrafo único. São dispensadas da comprovação das exigências constantes dos incisos I a III do caput deste artigo as microempresas definidas nos termos do inciso I do art. 3º da Lei Complementar no 123, de 14 de dezembro de 2006.

Art. 4º Para manutenção da autorização de operação, as empresas comercializadoras de planos de assistência funerária deverão:

I – manter reserva de solvência com bens ativos ou imobilizados de, no mínimo, 10% (dez por cento) do total do faturamento obtido ou previsto com a comercialização dos planos contratados nos últimos 12 (doze) meses; e

II – submeter os balanços anuais da sociedade a auditoria contábil independente, a ser realizada por empresa de contabilidade ou auditores devidamente registrados no conselho profissional competente.

§ 1º Após o primeiro ano de comercialização de planos de assistência funerária, a empresa comercializadora estará obrigada a promover os devidos ajustes contábeis para adequação da reserva de solvência de que trata o inciso I do caput deste artigo.

¹³ Planos que oferecem estrutura necessária para atender a necessidade de cada tipo de pessoa, garantindo tranquilidade nos momentos de perda. Inclui o sepultamento, auxílio na liberação documental, preparação do corpo, velório, flores, ornamentação da urna funerária e o transporte funerário para o cemitério.

§ 2º Este artigo não se aplica às microempresas definidas nos termos do inciso I do art. 3o da Lei Complementar no 123, de 14 de dezembro de 2006, que estejam atuando no mercado desde, no mínimo, 1 (um) ano antes da publicação desta Lei.

Art. 5º É assegurado às empresas comercializadoras de planos de assistência funerária até a data de promulgação desta Lei o direito a manter em vigor e a cumprir os contratos já firmados por elas.

Art. 6º As empresas comercializadoras de planos de assistência funerária que não observarem as exigências a que se referem os incisos I e II do art. 3o e os incisos I e II do art. 4o terão suas atividades suspensas até o cumprimento integral dessas exigências, excetuadas as atividades obrigatórias e imprescindíveis para o cumprimento dos contratos já firmados.

Art. 7º A contabilização do faturamento e das receitas obtidos com a comercialização dos planos de assistência funerária e das despesas a cargo da empresa comercializadora deve ser efetuada distintamente da contabilização dos demais ingressos e saídas da empresa.

Art. 8º O contrato de prestação de serviços de assistência funerária deverá conter expressamente:

I – descrição detalhada dos serviços compreendidos no plano de assistência funerária, providos pelo contratado ou a seu encargo, inclusive taxas e emolumentos, tributos incidentes nos serviços, nos bens e nos materiais consumidos ou não na prestação contratada, materiais, equipamentos, materiais de consumo, aluguéis de equipamentos, transporte e alimentação, quando compreendidos no plano de assistência contratado, próprio ou de terceiros;

II – valor e número de parcelas a serem pagas como contraprestação pelos serviços contratados;

III – titular e dependentes dos serviços contratados;

IV – nomeação do titular e seus dependentes e a faculdade de inclusão ou substituição destes;

V – cláusula assecuratória do direito de rescisão contratual a qualquer tempo pelo contratante, mesmo com a utilização dos serviços, e condições de cancelamento ou suspensão;

VI – forma de acionamento e área de abrangência;

VII – carência, restrições e limites; e

VIII – forma e parâmetros para reajuste das parcelas e local para pagamento.

Art. 9º(VETADO).

Art. 10. As empresas administradoras de planos de assistência funerária que descumprirem as exigências desta Lei estarão sujeitas às seguintes sanções:

I – advertência escrita e fixação de prazos para o seu cumprimento;

II – multa, fixada em regulamento;

III – suspensão da atividade até o cumprimento das exigências legais;

IV – interdição do estabelecimento, em caso de reincidência.

Art. 11. (VETADO).

Além das lutas, Siqueira (2012) afirma que o crescimento do setor funerário se dá pelo progresso da indústria nacional aliada à união de empresários deste ramo que fortalece este mercado por meio da oferta de produtos e serviços. Em escala local, o mercado fúnebre mostra-se evidente refletindo sua essência econômica na progressão dos serviços e oferta de artigos a fins. Na busca dessas evidências tivemos a participação voluntária de quatro (04) funerárias da cidade: Orsolu, Shalon, Max Domer e Ebenezer. A priori, saber um pouco sobre a origem das funerárias de Boa Vista é interessante para correlacionar os fatos, caso tenha-se necessidade.

Um dos precursores da atividade funerária na capital que tem origem histórica no início da década de 80 é Anselmo Martinez. Em sua entrevista relembra que naquela época existia um senhor conhecido por nome de Nelson, carpinteiro que fabricava artesanalmente caixões no bairro São Vicente. Com o passar dos anos, este passou a fabricar suas urnas e comprar outras do Rio Grande do Sul, porém não fazia a prestação de serviços funerários.

Morador local e trabalhador da construção civil, seu Anselmo se interessou pelo ramo passando a pesquisa-lo com mais detalhe. Posteriormente abriu a primeira funerária da cidade (Orsolu) em 1982. Prestava o serviço funerário sendo abastecido pelas urnas de seu Nelson que veio falecer dois anos depois.

Como qualquer outra atividade desenvolvida comercialmente surgiu concorrências que não se mantiveram por muito tempo no mercado local. Dentro dos padrões capitalistas precisariam dispor de um capital considerável para fazer investimentos em estruturas que proporcionasse a permanência de suas empresas. O então proprietário, agora empresário do ramo, foi ganhando credibilidade no mercado se adequando às condições da época com olhar visionário sobre a cidade que passava por processo de produção do seu espaço.

Acompanhou as diversas dinâmicas da cidade tornando-se um grande empresário do setor, vindo abrir outras empresas como floriculturas e marmorarias dentro da cidade ligadas a essa atividade.

A **Funerária Orsolu** iniciou-se juridicamente em Outubro de 1982 entrando em atividade apenas em 20 de Maio de 1983. Atualmente está localizada na Rua Agnelo Bitencourt, nº 482 no bairro Centro (Fig. 43).

Figura 43 – Funerária Orsolu (mais antiga da cidade).



Foto – Raiane Santos, 2016.

Apresenta a seguinte estrutura:

- ✓ Quadro de funcionários –12
- ✓ Cômodos – 01 laboratório, 01 salão de velório, 01 salão de atendimento, 01 sala de mostruários.
- ✓ Veículos – 03 Kombi e 01 veículo de cortejo.
- ✓ Outras empresas – 02 floriculturas e 02 marmorarias.

De acordo com o senhor Anselmo, sua empresa lida com todos os serviços funerais, incluindo urnas a planos funerários de modo que, para facilitar a situação o parcela o pagamento de algumas prestância ate seis (06) vezes, com uso de cartão e boleto bancário.

A evolução do setor funerário na cidade é percebida por ele, visto que o número de funerárias vem aumentando e a melhoria na qualidade de estrutura e atendimento de serviços vem crescendo até mesmo nas suas unidades. Relata que devido o alto número, as empresas

investem cada vez mais na otimização dos serviços. “As empresas funerárias, hoje, estão mais modernizadas e preparadas para dar mais opções de ofertas de serviços aos clientes”.

Continuando, relata que em Boa Vista um sepultamento pode custar de R\$ 800,00 a R\$ 8 mil, subindo de custo dependendo dos desejos da família. “Na minha empresa, por exemplo, decidi concentrar todos os serviços, que compreendem um funeral, para dar um diferencial no sentido de termos profissionais e estrutura que possam receber as famílias com respeito”. É a única empresa funerária que não tira plantões no hospital e nem no IML. Sua relação com os demais participantes é administrativa, com exceção de suas floriculturas, cemitério particular e marmorarias.

Frisamos que a atividade é promissora, como exemplo tem seu Anselmo, dono de uma (01) funerária, duas (02) floriculturas, duas (02) marmorarias, um (01) cemitério particular (único do Estado) e ainda está como representante do Sindicato dos Estabelecimentos dos Serviços Funerários do Estado de Roraima (SINDEFERR).

Vale ressaltar que, com a abertura do sindicato em 14 de Março de 2008 (CNPJ 09.458.065/0001-50) houve melhorias significativas para a classe, onde a organização sistematizada, por meio de ações conjuntas, garantiram os interesses econômicos, profissionais, sociais e políticos dos seus associados.

“À medida que a quantidade de funerárias foi se amplificando os ‘conflitos’ entre elas foram aparecendo de maneira que havia a necessidade de controlar essas questões para não ter problemas futuros. Querendo ou não a concorrência existe em qualquer setor”, afirmou o presidente representante maior da categoria.

Questionado se as funerárias são conveniadas com órgãos federais, estaduais e/ou municipais, relatou que são abertos processos licitatórios onde todas as empresas funerárias podem participar do processo.

Sobre a existência de fiscalização destas respondeu que é feito por órgãos municipais, estaduais e federais, pois como empresas comerciais pagam impostos como taxas de Alvará, Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviço (ICMS), dentre mais.

Finalizando as questões mais relevantes foi igualmente questionado com relação a representatividade do setor funerário dentro do contexto econômico da capital Boa Vista. Segundo ele é pequeno não sabendo dar exatidão dessa representação.

Outra representante do setor é a **Funerária Shalon** como mostra a figura 44, localizada na Rua Souza Junior, nº 700, bairro Mecejana.

Figura 44 – Funerária Shalon.



Foto – Raiane Santos, 2016.

Na entrevista sua proprietária, Kilei Rodrigues Alves relata que foi fundada em 1992 funcionando na Avenida Ville Roy, no Centro da cidade. Apresenta um quadro de funcionário totalizados em 12 e quanto sua estrutura física 01 salão para velório, 01 laboratório, 01 deposito, 01 escritório e uma (01) garagem. Tem 05 veículos (02 Kombis, 01 saveiro alongada e 02 caminhonetes).

A senhora Kilei ressalta que a relação da sua empresa com as demais é administrativa, visto que seus agentes tiram plantões no hospital e IML. Sua empresa tem como diferencial o “nome” reconhecido por prestar serviços de qualidade a sua clientela garantindo dessa forma um ótimo atendimento e a ética profissional.

Usa como propaganda de marketing anúncios em rádio, sites, carros e divulgação de nota de falecimento. Com isso percebeu ao longo dos anos a evolução do seu negócio pela eficiência, também importante da propaganda “boca a boca”.

Questionada sobre a relação da expansão urbana com o crescimento populacional, a empresária acredita que o setor funerário possa prosperar visto que o número de planos de assistência familiar tende a aumentar e que os convênios por intermédio de licitação igualmente tenda a crescer.

De acordo com a empresária sua funerária lida com planos funerários categorizados como simples (R\$15,00), luxo (R\$25,00) e super luxo (R\$50,00) pagos mensalmente pelas famílias que adquirem o serviço. Suas urnas são caracterizadas como sendo popular ou o mais simples com valor de R\$ 950,00; o semi luxo com custo de R\$ 2.600,00; luxo de R\$ 5.000,00 a 8.000,00 e o infantil com preços que oscilam de R\$ 800,00 a 2.800,00.

A funerária tem serviços de traslado nacional e internacional aéreo e terrestre, dispõe as famílias produtos como coroas de flores que variam de R\$ 260,00 a 350,00, vestimentas masculinas e femininas que oscilam preços entre R\$260, 00 a 350,00. Alguns objetos como velas, vestimentas, urnas, flores, etc., são procedentes de outros estados do Brasil como Ponta Grossa (Paraná) e São Paulo.

Como plano de progredir no setor, cogita a ideia de fazer outro salão para realizar velórios simultâneos.

Representado por seu proprietário, José Raimundo Nascimento de Jesus, a **Funerária Max Domer** (Fig. 45) situa-se na Av. Ataíde Teive, nº 7775, no bairro Liberdade. De acordo com o empresário a origem de sua empresa é motivada pela precariedade de serviços que não se tinha quando sua mãe faleceu no Ceará. Comovido com a situação buscou aprender sobre o ramo, inaugurando sua funerária no ano de 1996, em Boa Vista-Roraima.

Figura 45 – Funerária Max Domer.



Foto – Raiane Santos, 2016.

Sua estrutura física é composta de 07 cômodos (02 depósitos; 02 salões; 01 escritório e 03 salas), tem 04 funcionários e (03) veículos sendo 02 modelos Santana e 01 Montana. De acordo com seu Raimundo, sua relação socioeconômica é baseada na ética e respeito com os demais partícipes. Em sua empresa efetuam-se diversos serviços como:

- ✓ Necromaquiagem (R\$300,00)
- ✓ Tanatopraxia (R\$800,00)
- ✓ Embalsamento (R\$1.500,00)
- ✓ Translado nacional e internacional terrestre (R\$ 4,00 por Km).

Sobre os produtos, destacou as urnas popular ou mais simples no valor de R\$ 800,00 e a de luxo no preço de R\$ 4.800,00. Alguns de seus produtos como urnas, flores naturais e artificiais são provenientes do estado de São Paulo. Conforme o entrevistado o diferencial de sua empresa está no bom atendimento ao cliente. Com relação ao uso do marketing, seu Raimundo não acredita que seja a “alma de seu negócio”, o que assegura rentabilidade é a qualidade do serviço oferecido às famílias. Percebe a evolução da sua empresa quando

observa a especialização do serviço e a eficiência do atendimento, onde o familiar, nas circunstâncias idênticas volta em busca de um bom serviço que lhe foi realizado.

Por fim temos a **Funerária Ebenezer** localizada na Avenida Princesa Isabel, bairro Jardim Floresta (Fig.46). Seu proprietário, Junival Oliveira dos Santos descreve sobre suas dependências físicas: 01 secretaria, 01 sala de velório, 01 laboratório, 01 copa, 01 sala de mostruário; no seu quadro de funcionários conta com 04 colaboradores e para melhor comodidade dos serviços tem 03 veículos de modelo Montana alongada.

Figura 46 – Funerária Ebenezer.



Foto – Raiane Santos, 2016.

Suas urnas funerárias e serviços variam de preços:

- ✓ Popular (mais simples) – R\$700,00
- ✓ Semi luxo - R\$1.700,00
- ✓ Luxo - R\$4.500,00
- ✓ Infantil – R\$250,00 a R\$400,00.
- ✓ Necromaquiagem - R\$250,00

- ✓ Tanatopraxia - R\$600,00 a R\$1.000,00.
- ✓ Embalsamento - R\$400,00 a R\$600,00.

Para as famílias não terem incômodos desnecessários no momento de perda de um ente querido (por não terem condições psicológicas) como resolver trâmites burocráticos de documentação e pagamentos de serviços, a empresa investe oferecendo o Plano Funerário com a inclusão de 10 pessoas, sendo um titular com 09 dependentes. Assim, as mensalidades de cada plano são variantes:

- ✓ Plano Luxo – R\$50,00 e Plano Semi luxo- R\$40,00
- ✓ Plano Sofisticado - R\$25,00 e Plano Simples - R\$20,00

Questionado sobre o diferencial de sua empresa, o empresário Junival destaca preço, atendimento e o apoio logístico dado a família. Com relação ao marketing acredita que a propaganda é a “alma do negócio” e investem em anúncios de rádio e vestimentas que identificam seus funcionários. Finalizou nos dando uma média de lucro anual de aproximadamente R\$ 140.000,00.

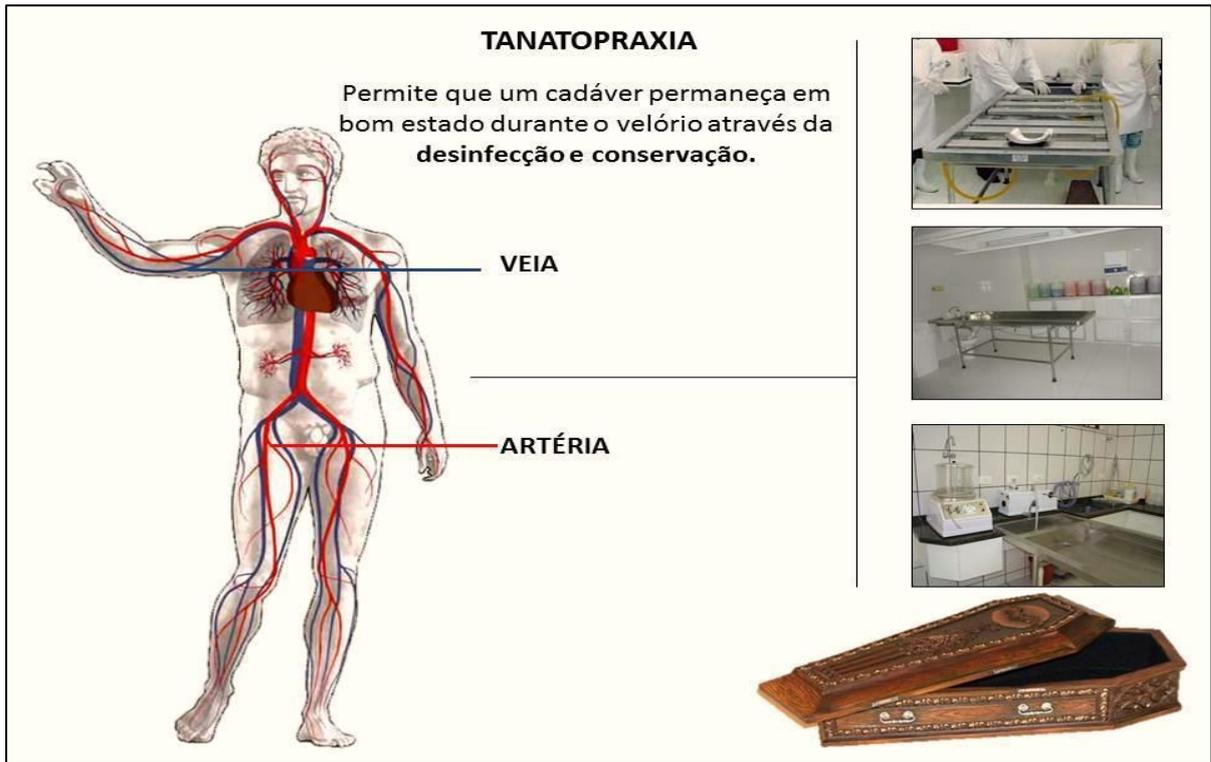
6.4.2 Investimentos no setor funerário em Boa Vista

✓ *Cursos*

Com o passar dos anos e o avanço da Ciência surgiram modernas técnicas de conservação de um cadáver. A Tanatopraxia ¹⁴(Fig. 47) é o procedimento de preparação do cadáver para o velório ou funeral, assim o corpo não sofrerá, pelo tempo solicitado pelos familiares, as decomposições naturais permitindo que um defunto permaneça em bom estado durante o velório através da desinfecção e conservação.

¹⁴Uma pessoa ao passar por esse processo recebe de 2 a 6L de fenol com formol no corpo. Essa quantidade varia de acordo com a estatura física do cadáver (segundo o agente da Funerária) e pode permanecer velado até 72 h antes de ir para o cemitério.

Figura 47 - Técnica usada pelas funerárias para conservar por mais tempo um cadáver.



Elaborado – por Raiane Santos, 2016.

O fenol possui a propriedade de matar todos os micro-organismos presentes enquanto o formol, por sua vez, é um fixador de células que impede a decomposição. Este processo químico estabelece um ambiente ascético capaz de resistir a uma invasão microbiana. Sendo assim, é possível uma conservação temporária do cadáver, mantendo a aparência da pessoa em vida e uma melhor despedida para os familiares. Corpos mutilados também recebem tratamentos de restauros e cosmética (maquilagem) para tentar restituir o aspecto natural dos traços do defunto com o objetivo de atenuar o sofrimento dos familiares.

✓ *Planos Funerários*

As funerárias através dos planos funerários objetivam amenizar o sofrimento da família economizando tempo. Facilitam a forma de pagamento oferecendo comodidade e opções conforme as necessidades e preferências da clientela (à vista, cartão e em boletos bancários mensalmente). Vale ressaltar que essas ocorrências são diferenciadas de funerária para funerária. Em caso da família não ter plano, são dados descontos que oscilam de 10 a 20%, sendo em pagamento a vista e no cartão.

6.5 O MARKETING COMO A “ALMA DO NEGÓCIO”

O empreendimento das funerárias neste tipo de comércio na cidade de Boa Vista é bem intensivo e demanda uma série de investimentos, onde elas se utilizam do marketing, uma vez que cresce a concorrência entre elas. Costa e Crescitelli (2007, p. 20) definem o *marketing* como o “conjunto de atividades empresariais que visa à satisfação de necessidades e dos desejos de um ou vários mercados, através da oferta de produtos, adquiridos por um processo de troca”. Logo, o papel mercadológico das funerárias é identificar e reconhecer as necessidades e assim após qualificar e quantificar o seu público ofertar os produtos e /ou serviços que o satisfaçam.

Enquanto isso, Kotler e Keller (2006, p.4) consideram que “o *marketing* envolve a identificação e a satisfação das necessidades humanas e sociais”, envolvendo-se a perspectiva de lucro, oferta e valorização de produtos e serviços. O uso do *marketing* é fundamental para quem lida com atividades direcionadas ao setor comercial, tanto é verdade que as empresas devem buscar entender as necessidades específicas de seus clientes fazendo uso das estratégias de marketing como grande aliada:

As estratégias de propaganda eficazes cumprem com ao menos uma das três tarefas: informar, persuadir ou lembrar os consumidores. O segredo para ser bem-sucedido na escolha da melhor estratégia é desenvolver uma mensagem que melhor posicione o produto de uma empresa na mente do público. (MC DANIEL e GATES, 2004, p.56).

O investimento de grandes somas na melhoria da qualidade dos serviços consegue muitas vezes impactar e modificar os ritos fúnebres, uma vez que o ramo é promissor e só tende a crescer e agregar valor aos seus produtos e serviços. Em Boa Vista as funerárias prestam serviços de traslado nacional e internacional, ornamentação com uso de flores naturais e artificiais, procedimentos de tanaxatopraxia, planos funerais, salão para velório, coroa de flores naturais, cartões para missa, construção de túmulos, coroas de flores, conjuntos femininos e masculinos, fotos em porcelana, camisas de lembranças de luto, santinhos de luto e serviços funerários em geral.

Muitos dos seus produtos como flores naturais, caixões vem de outros estados, o que justifica em parte o alto preço cobrado pelas funerárias. Por ser um mercado promissor, o primeiro uso do *marketing* pode ser percebida nos cartões de apresentação como mostra a figura 48. Nele encaixam-se as informações necessárias como o slogan dessas empresas, o

endereço com número de telefone para contato e ocasionalmente a descrição dos serviços prestados por elas.

Figura 48 – Cartões de propaganda das empresas fúnebres.



Foto – Raiane Santos, 2016.

A distribuição desses cartões torna-se mais eficiente quando em situação de emergência – morte repentina de um parente ou amigo – faz o uso imediato do mesmo para buscar pela informação e contatar os serviços funerários, facilitando a princípio a mobilidade do familiar.

Outra aposta é a inclusão das salas para velório como mostra a figura 49 A e B, nos pacotes oferecidos as famílias com comodidades que garantem aos “clientes” uma sensação de bem estar, embora se esteja diante de um momento único e de tristeza. Algumas empresas oferecem salas climatizadas, com frigobar, sofás, cadeiras, garrafas com água, suco, café e bolachas.

Figura 49 A e B – Salas de velório para melhor atender o cliente no momento de dor.

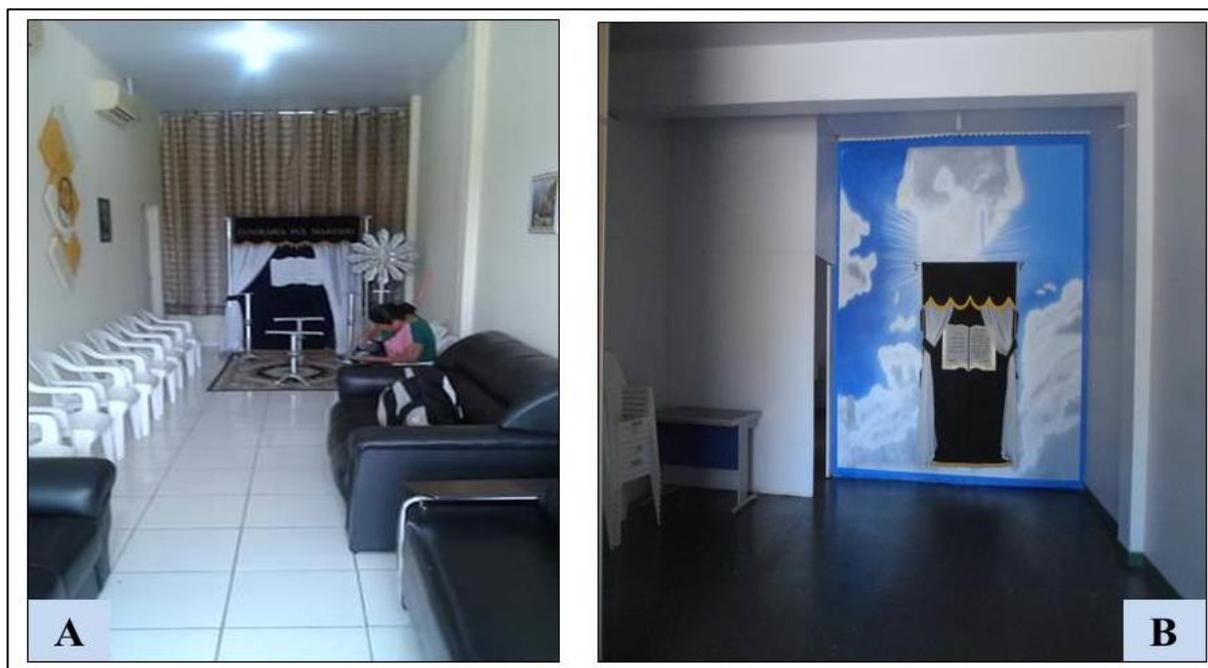


Foto – Raiane Santos, 2016.

É interessante discutir sobre a cultura de velar o morto em casa. Este costume tem resquícios fortes dos ocidentais que sempre preferiram manter esse laço de sentimento no ultimo adeus. Mas com o passar dos anos, muitas famílias estão preferindo fazer o velamento do seu ente falecido nas salas de velório das próprias funerárias.

As pessoas já passam a ver a casa como particularidade repleta de lembranças boas vivenciadas por todos, mas em vida. Recordar de um parente morto dentro de um caixão exposto na sala de casa pode às vezes e para alguns não ser experiência muito agradável. Por isso a contratação desse serviço, aos poucos ganha êxito, conforme afirma o dono da funerária Orsolu.

Questionado sobre qual o diferencial da sua empresa para as demais, seu Anselmo relata que independente da empresa, “a atratividade dos serviços está na qualidade dos produtos e no bom atendimento às famílias que precisam ser amparadas no momento em que se encontram mais fragilizadas”. Destacam-se desse modo, os serviços dos carros funerários que agora vem com mais acessórios e oferecem mais conforto conforme a figura 50. Algumas empresas trocaram modelos antigos por outros mais modernos como a Montana alongada, Saveiro, Caminhonete, etc. para melhorar o atendimento aos familiares.

Figura 50 A, B,C e D – Investimentos nos meios de transportes.



Foto – Raiane Santos, 2016.

Inclusas dentro do contexto de propaganda, o atendimento ao público, preço dos produtos, serviços funéreos e a ética profissional são características bem relevantes que garantem o retorno de uma “clientela fiel” segundo as quatro empresas entrevistadas.

De acordo com a proprietária da funerária Shalon, Kilei Rodrigues isso faz com que o “nome da sua empresa seja valorizado e a propaganda feita ‘boca a boca’ entre as pessoas igualmente surta efeitos para fins de contratação de serviços”. A qualidade dos produtos pode ser vista na diversidade de produtos vendidos para o momento em que haja a morte. Como exemplo, temos os caixões que ao serem escolhidos pelos familiares iniciam ao venda de um pacote em que incluem-se serviços funerários em geral conforme as circunstâncias em que se encontra o cadáver¹⁵ e as condições financeiras dos responsáveis pelo funeral.

¹⁵ Essas condições variam de acordo com o estado do cadáver que pode ter tido morte natural sem a necessidade de alguns procedimentos, ou podem acontecer situações em que precisa-se fazer o uso de Necromaquiagem, reconstrução facial, dentre outro.

Hoje, em Boa Vista, os valores dos caixões variam de acordo com suas características que começam a partir de sua envernização ate os detalhes de bordados (Fig. 51) oscilando de R\$ 700, 00 á R\$ 9.000,00. Porém existem no mercado, caixões com valores mais altos.

Figura 51 – Caixões de alto padrão.



Foto – Raiane Santos, 2016.

Supondo que a família compre um caixão de R\$ 9.000,00 estará comprando um pacote com a inclusão de serviços básicos como os trâmites burocráticos de documentação e higienização do cadáver. Caso queira fazer um velório mais requintado, pode comprar à parte flores naturais para ornamentar o caixão, vestimentas, alugar a sala para velório entre tantas outras opções.

Os serviços fúnebres sempre estiveram e estarão a disposição de quem necessita e cada velório irá depender das escolhas feitas pelos familiares. O atendimento é acessível a

todos. De um lado temos as representantes funéreas, as quais se põem a frente da lei da oferta e procura a todo instante e de outro, a família, maior representante do universo comercial da morte quando define por suas preferências o custo de um funeral.

Categoricamente, o sentimento torna-se fio condutor para essas possibilidades demonstrando assim a força do sentido simbólico. Nesse contexto, a morte passa a ter sentido particular para cada indivíduo, pois suas ações diante desse momento de perda vão definir a importância daquilo que cada um acredita. Alguns podem contratar serviços de alto padrão para velar seu ente, outros, no entanto, podem se servir do “básico”. Diante da morte, todos os indivíduos enquanto seres humanos tendem igualmente sentir a dor da perda que é única e inigualável.

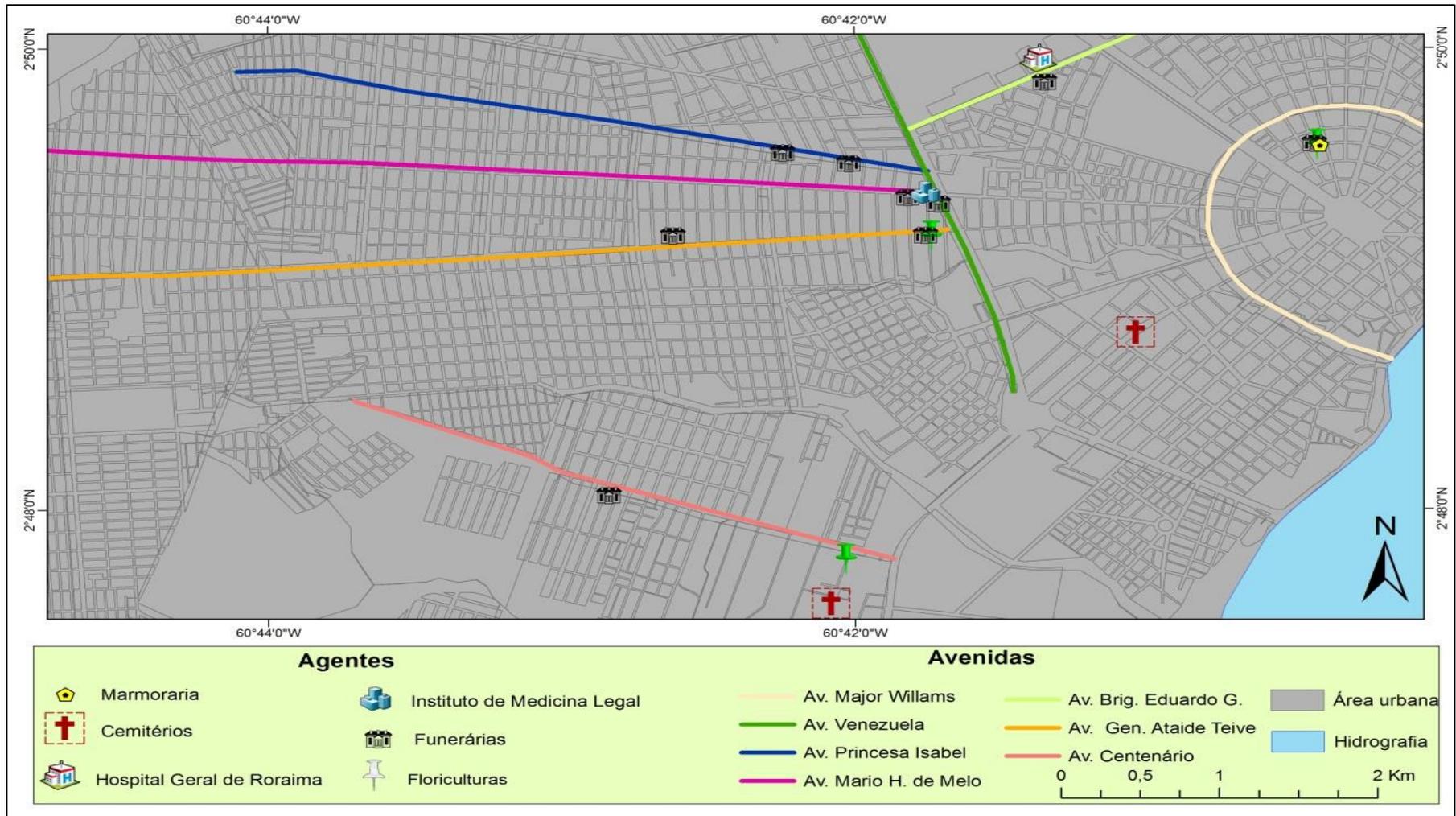
6.6 OS AGENTES ESTÃO ESTRATEGICAMENTE LOCALIZADOS

Segundo Santos (1998) cada período tem uma fase ascendente e uma descendente, onde o jogo interno das variáveis muda, dando proeminência a um fator cuja importância era menor no primeiro período. Considerando este conceito, no passado, em Boa Vista o serviço funerário não era tão proeminente por conta de não haver demanda. Hoje o número de funerárias aumentou e as floriculturas juntamente com marmorarias (ainda que em quantidade limitada) distribuem- por locais específicos, construindo uma dinâmica diferenciada dentro do espaço urbano.

Geograficamente mostram-se situadas em locais mais próximos do Centro da cidade e estrategicamente localizadas em bairros próximos aos cemitérios, hospital e IML ou ainda, nas ruas e avenidas com maiores fluxos, reconhecidas por servirem de referências para a população da cidade.

Os objetos dentro do espaço ajudam a concretizar uma série de relações dentro dele confirmando o conceito de Santos (1998, p. 71) quando ressalta que esse “espaço é o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais”. Tuan (1980) assegura que o espaço enquanto lugar se transforma pela vivência de um grupo, pela percepção e pelo intelecto experienciado. Deste modo, percebemos em nossas análises que as funerárias, cemitérios, marmorarias, floriculturas, IML, e o hospital estão bem instalados na área urbana como mostra a figura 52.

Figura 52 – Mapa representando a localização estratégica dos agentes envolvidos da morte.



Fonte – Base Cartográfica do IBGE (2010). Elaborado por Vivian Karinne e Raiane Santos, 2016.

De acordo com a imagem, os agentes estão ou nas ruas e avenidas com maior fluxo ou próximo a elas, podendo ser destacada como exemplos:

- ✓ Cemitério Parque Campo da Saudade, Floricultura Flores do Campo e a Funerária Pax Marinho localizados na Av. Centenário.
- ✓ O Hospital Geral de Roraima e a Funerária na Avenida Brigadeiro Eduardo Gomes.
- ✓ O Instituto de Medicina Legal e funerárias Gênesis, Monte Roraima nas Avenidas Venezuela e Princesa Isabel.
- ✓ A funerária Orsolu, a floricultura Flores do Campo I e a Marmo Center I na Avenida Major Williams.

Essas estratégias, às vezes podem ser intencionais, como ressalta o proprietário da funerária Ebenezer, o senhor Junival, que tem seu estabelecimento comercial alugado, colocando-nos o critério de escolha ao local como sendo “ponto acessível tendo como referência o Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SEST SENAT)” bem conhecido na cidade, “além da avenida ter movimentação bem intensa de pedestres e veículos”.

Em outras situações, contrárias à intencionalidade, temos como exemplo a funerária Shalon. Segundo sua proprietária, a senhora Kilei, o estabelecimento é próprio. Coincidentemente depois de locada, foi construído o Hospital Geral de Roraima deixando-os mais próximo um do outro. Relata que essa aproximação facilita até os dias atuais a mobilidade das famílias quando perdem um ente que estava hospitalizado.

Para o dono da funerária Max Domer, o senhor José Raimundo, o critério utilizado baseou-se na dinâmica intensa de fluxo de veículos e pessoas que a Avenida Ataíde Teive reflete (uma das principais que interliga vários bairros ao Centro da cidade), além do espaço físico atender as necessidades dos seus serviços.

No caso da empresa fúnebre Orsolu, de acordo com o senhor Anselmo, não foi utilizado critérios para a escolha da construção das suas empresas: ao longo dos anos prestou serviços desse setor adquirindo a confiança da sociedade garantindo a qualidade dessas prestações. Mas ainda assim tem como referência de proximidade a Avenida Major Williams, de movimentação bem intensa diariamente.

Outras duas maneiras encontradas para localizar suas empresas também é vista nos negócios deste mesmo empresário que buscou “unificar seu comércio” em dois bairros da cidade: Centro e Centenário.

No bairro Centro, juntou os serviços funerários com os serviços de floricultura e marmoraria como demonstra a figura 53. No bairro Centenário agregou os serviços do cemitério particular aos de floricultura e marmoraria.

Figura 53 – A unificação de um comércio peculiar.



Foto – Raiane Santos, 2016.

Nessa conjuntura, percebemos que o planejamento dessa fórmula proativa mostra a eficiência de um bom investimento que tem resultado positivo, com rendimentos que podem ser consideráveis, dando a essas empresas uma garantia de mercado.

Uma amostra disso pode ser visto em caso de sepultamento no Cemitério Parque Campo da Saudade. As famílias buscam resolver os trâmites legais com a secretária do cemitério, bem ao lado podem usufruir dos serviços de floricultura comprando flores, arranjos ou produtos de sua preferência, bem como tem a disposição os serviços de marmoraria que

estão ao lado. A essa eventualidade definimos como sendo uma “dinâmica comercial unificada”, pois o empresário conseguiu consolidar seus negócios de maneira diferenciada conseguindo se sustentar no mercado.

A cidade de Boa Vista tende a ser cenário de progredimento econômico em vários setores que contribuem para fomentar seu desenvolvimento. Entretanto, esta nova prática do setor comercial da morte pode se tornar mais evidente e se tornar comum com o passar dos anos baseado no seu processo de expansão. A classe empresarial pode atentar-se a essa potencialidade e “apostar” no ganho de uma rentabilidade diferenciada, porém eficiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte tem uma pluralidade de sentidos e de significados que transpassaram as barreiras do tempo. No passado teve uma representação mais simbólica influenciada fortemente pela Igreja, crença, religião e padrões culturais da sociedade. Nos dias atuais essa representação continua, entretanto sem intervenção desse santuário.

Os tempos são outros e as necessidades do homem metamorfosearam-se diante dos padrões de uma sociedade agora capitalista, que valoriza o capital. Desse modo, o espaço terrestre passa a ser o sustentáculo dessa dinâmica econômica, pois nele o homem torna-se seu construtor e ao mesmo tempo o modificador. Cria formas que exercem funções capazes de solidificar esse novo modo de viver e transforma em mercadorias o que for necessário para lhe garantir bem estar.

Posto isto, para o homem a morte passa então a ser uma “mercadoria” agregando a sua essência simbólica o valor comercial. Interessantemente o simbolismo do que a morte representa a cada indivíduo ou grupo sustenta e fortifica um mercado coadunado por funerárias, floriculturas, marmorarias, cemitérios, vendedores ambulantes, entre outros que tem como mercadoria maior, o espaço. Esses agentes, conforme suas precisões passam a criar formas no espaço dando a ele uma dinâmica peculiar.

Nesse sentido, tendo a comercialização da morte como eixo de compreensão concatenado ao desejo de conhecer partes deste “universo” tão temido por grande parte das pessoas, considerando a relevância socioeconômica dentro dos padrões da sociedade capitalista, conforme a análise dos resultados concluiu-se que:

A morte é um momento com significância única e exclusiva para cada momento da história, da mesma forma para cada indivíduo que já experimentou a sensação de perder alguém ou que lida com a morte de pessoas diariamente como parte do seu trabalho cotidiano.

Assim sendo, constatamos que os agentes partícipes desse universo – funerárias, cemitério, floriculturas, marmorarias, IML, hospital, vendedores ambulantes, pedreiros e familiares estão inteiramente conexos prestando ou recebendo serviços sejam eles de ordenação pública ou privada para toda a sociedade. Juntos, promovem uma atuação singular no espaço urbano, quase que imperceptível aos olhos dos leigos.

Assim, os agentes promotores do espaço estimulam vários tipos de atividades comerciais, entretanto, o comércio em torno da morte vem ganhando destaque por conta de vários fatores que tornam a referida cidade favorável para o desempenho desse negócio rentável.

Logo, a cidade torna-se atrativa por suas belezas, oportunidade de empregos e expansão de empreendedorismo em diversos setores. Dessa maneira, há elevação na sua demanda populacional e a contemplação de melhorias de infraestruturas no seu espaço urbano. Com essas evidências acredita-se que as mazelas urbanas (problemas sociais) tendem a aumentar propiciando acréscimo no índice de óbitos oriundos de homicídios, suicídios, acidentes e doenças podendo o número de empresas fúnebres se expandir futuramente.

Sobre essa perspectiva acredita-se que há o “investimento com os sentimentos alheios”, porém deve-se refletir e compreender os dois lados: o comercial exercido pelos empresários e o simbólico/sentimental sentido pela família que necessita dos serviços.

O primeiro atende as necessidades de todos disponibilizando assim a lei da oferta e procura. Todavia, o empreendedorismo nessa esfera é estrategista, visto que as empresas fúnebres localizam-se dentro do espaço urbano em locais de maiores fluxos e reconhecidos popularmente, além disso, devido a concorrência priorizam a eficiência de um bom atendimento e negociação nos preços.

O segundo é inegável que o sentido simbólico da morte é o “pano de fundo” para a eficiência desse comércio. Quem não quer proporcionar um enterro digno para um ente querido que morreu? Ou ainda, quem não quer manter memórias “vivas”? Sob esta ideia os empresários do ramo ou que estejam ligados de alguma forma a ele apropriam-se dessa percepção.

A família enlutada é a referência basilar mais importante na estabilização desse processo comercial, sendo que a oferta dos serviços e produtos depende de seus desejos. Essa demanda é variável conforme as condições financeiras em que cada uma insere-se. Por essas razões os proprietários das empresas fúnebres, por exemplo, apostam na diversificação de opções que atenda sua clientela.

Outro ponto relevante das análises foi perceber a gênese de uma nova dinâmica dentro desse universo. Há a agregação de atividades comerciais que unificam os negócios de somente um proprietário aproximando-as.

Percebendo a necessidade de comodidade das famílias no momento de perda, os empresários podem abrir mais de uma empresa e aproxima-las, fixando-as no mesmo espaço, facilitando assim os trâmites necessários para velório e enterro, como é o caso do senhor Anselmo Martinez, proprietário de floriculturas, marmoraria e cemitério. No senso comum podemos dizer que a junção do “útil ao agradável” surte resultados positivos podendo ser uma tendência vantajosa dentro desse contexto.

Diante de todo o exposto, entendemos que as concepções do homem diante da morte irão evoluir no tempo a partir da sua percepção de mundo e de vida apreendido conforme os seus padrões culturais. Hoje internalizado numa sociedade capitalista tem a representação da morte baseada no simbolismo agregado aos aspectos econômicos.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, J. **Subsídios à discussão de um plano de desenvolvimento sustentável para o estado de Roraima**. (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo/SP. (2001).

ALMEIDA, M. G. **Morte, cultura, memória – múltiplas interseções: Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte**. 2007. 404 f, il. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

AQUINO, A. M.D.C. **Análise de estudos de impactos ambientais realizados para o Cemitério Parque Morada da Paz e eficácia das medidas mitigadoras implantadas**. 2005. 117 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Sanitária) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande Do Norte, Natal, 2005.

ARAÚJO, R. B. A mercantilização da morte na sociedade de consumo. **Rev. Habitus**, Goiânia, V.10, n.2, p. 341-353, jul./dez. 2012.

ARIÈS, P. **O Homem diante da morte**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

_____. **Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989 a.

_____. **O homem diante da morte**. Trad. Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, v.1, 1989 b.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS E DIRETORES DO SETOR FUNERÁRIO – ABREDIF. São Paulo: Find The Best Company. Disponível em: <http://publicacoes.findthecompany.com.br/1/146570040/Abredif-Associacao-Brasileira-de-Empresas-e-Diretores-Fune-em-SP>. Acessado em 27 Janeiro de 2016.

BELLOMO, H. R. **Pesquisa cemiterial no Estado de Goiás**. Porto Alegre: s.n., 2008.

BOENTE, A.; BRAGA, G. **Metodologia científica contemporânea**. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

BORGES, M. E. A retratística escultórica: uma comemoração póstuma nos monumentos funerários. **XXXII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Direções e Sentidos da História da arte**. UFG -2002.

BRUYNE, P.; HERMAN, J. e SCHOUTHEETE, M. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

CAMARGO, A. C.; GUATTARI, F. O capitalismo mundial integrado. **Anais** do VII Seminário de Pós - Graduação em Filosofia da UFSC. (2011).

CAMON, V.A.A (org).et al. **Psicologia Hospitalar: Teoria e Prática**. São Paulo: Ed. Pioneira. 1994, pp.15-28.

CAPUTO, R. F. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. **Revista multidisciplinar da Uniesp - Saber Acadêmico**. São Paulo. Nº 06, 73-80. Dezembro, 2008.

CARVALHO, V. A. A vida que há na morte. In.: BROMBERG, M. H. P. et al. **Vida e morte: laços da existência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

CHAHON, S. **Os convidados para a ceia do senhor: as missas e a vivência leiga do catolicismo na cidade do Rio de Janeiro e arredores (1750-1820)**. Tese (Doutorado em História), São Paulo, USP, 2001.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: evolução e desafios. In: **Revista Portuguesa de educação**. Ano/Vol. 16, N. 002. Universidade do Minho Braga, Portugal, 2003, pp. 221-236. 127.

CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA nº 335, de 03 de abril de 2003. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=359>>. Acesso em 21 de Abril, 2016.

CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA nº 368, de 28 de março de 2006. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=488>>. Acesso em 21 de Abril, 2016.

CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA nº 402, de 17 de Novembro de 2008. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=488>>. Acesso em 21 de Abril, 2016.

CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e Temas**.Org. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

COULANGES, F. **A cidade antiga**. 4. Ed. Editora das Américas S. A. Goiânia: Martin Claret, 2006.

DALMÁZ, M. Símbolos e seus significados na Arte Funerária Cristã do Rio Grande do Sul. In: **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

DIAS, P. R. C. **Ritos e rituais - vida, morte e marcas corporais: a importância desses símbolos para a sociedade**. Vidya, v. 29, n. 2, p. 71-86, jul./dez., 2009 - Santa Maria.

ECOMMERCEBRASIL. **Pagamento em cartão amplia possibilidade de venda nos pequenos negócios**. Acessado em 20 de Janeiro de 2017.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2007.

ENGEL J. BLACKWELL, R.D. et al. **Comportamento do consumidor**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009. 641p.

FOLHA BOA VISTA. <http://www.folhabv.com.br/noticia>. Acessado em 20 de janeiro de 2017.

GIACOIA, J. O. A visão da morte ao longo do tempo. In: **Simpósio - Morte: Valores e Dimensões** n. 38, v. 1, Ribeirão Preto.13-19 Capítulo I, 2005.

GODOY, P. Uma reflexão sobre a produção do espaço. In **Revista: Estudos Geográficos**, Rio Claro, 2 (1): 29-42. Junho – 2004.

GUIMARÃES, F. R. Um novo olhar sobre o objeto da pesquisa em face da abordagem interdisciplinar. In: FERNANDES, A; GUIMARÃES, F. R.; BRASILEIRO, M. C. E. (Org.). **O fio que une a pedras**: a pesquisa interdisciplinar na pós-graduação. São Paulo: Biruta, p.13-25. 2002.

HOWARD, E. **Cidades-Jardins de amanhã**. São Paulo: Hucitec, 1996.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **Censo Demográfico 2016**. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/>. Acessado em 12 Novembro de 2016.

_____. Censo Demográfico 2010. Características da população – Resultado do Universo.

_____. Censo Demográfico 2000. Características da população e dos domicílios – Resultado do Universo. Rio de Janeiro: 2000.

_____. Censo Demográfico 1991. Resultado do universo relativo das características da população e dos domicílios. Nº 5 Roraima. Rio de Janeiro: 1991.

_____. Diagnóstico Ambiental Preliminar Área do Rio Branco. Rio de Janeiro, 1990.

_____. Censo Demográfico dos dados distritais Rondônia, Roraima e Amapá. IX Recenseamento Geral do Brasil, 1980. Rio de Janeiro: 1982.

_____. Censo Demográfico – Rondônia, Roraima e Amapá. Vi Recenseamento Geral – 1970. Rio de Janeiro: 1973.

_____. Censo Demográfico de 1960. Rondônia, Roraima e Amapá. VI Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional. Rio de Janeiro: 1968.

_____. Serviço Nacional de Recenseamento. VI Recenseamento Geral do Brasil – 1950. Território do Rio Branco. Censos Demográficos e Econômicos. Rio de Janeiro: 1957.

KOTLER, P.; KELLER, K. L. **Administração de marketing**. 12. Ed. São Paulo: Person Prentice Hall, 2006.

KOTLER, P; AMSTRONG, G. **Princípios de Marketing**. Trad. Cristina Yamagami. 12ª edição. Editora Pearson Prentice Hall. São Paulo – 2007.

LAS CASAS, A. L.. **Marketing: conceitos, exercícios, casos**. 6ª edição. Editora Atlas. São Paulo – 2004.

MAGALHAES, T. **Introdução a Medicina**. Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Medicina Legal. 2003.

MCDANIEL, C.; GATES, R. **Pesquisa de Marketing**. Trad. James F. Suderland Cook. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

MESQUITELA, A. L.; MARTINEZ, B; FILHO, J. L. **Introdução à antropologia cultural**. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

MENEZES, R. A. **Em Busca da Boa Morte**. Antropologia dos Cuidados Paliativos. Rio de Janeiro: Fio Cruz. (2004).

MOTTA, A. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 24, n.71, out. 2009.

MUMFORD, L. **A Cidade na História**. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1991.

NIPPOBRASIL. <http://www.nippobrasil.com.br/culturatradicional/n078.php>. **Cultura Tradicional**: Obon (Dia de Finados), 2000. Acessado em 17 de Novembro de 2016.

NOGUEIRA, F. M. M. **“O Maranhão é aqui”- Territorialidades Maranhenses na cidade de Boa Vista/RR (1991-2010)**. Tese de Mestrado. Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, 2015.

NOVO NEGÓCIO. <http://www.novonegocio.com.br/abrir-empresa/documentos-para-abrir-uma-empresa>. Acessado em 19 de Janeiro de 2017.

NUNES, E. **O meio ambiente da grande Natal**. Natal RN: Imagem Gráfica, 2000.

OLIVEIRA, J. R.; BRÊTOS, J. R.; YAMAGUTI, L. **A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem**. Esc. Enferm. USP, São Paulo. V. 3. Maio, 2006. p. 386-394.

PIMENTEL, D. M; LIMA, D. T.; FONSECA, R. L.M. **A atuação do psicólogo hospitalar no atendimento aos portadores de câncer de próstata e de mama**. Governador Valadares. Junho 2009.

PORTAL FUNERARIANET. www.funerarianet.com.br. Acessado em 2015, 2016 e 2017.

RENAN, B. **O processo de Urbanização**. Cola da Web: R7 Educação. Disponível em: <http://www.coladaweb.com/geografia/o-processo-de-urbanizacao>. (acesso em: 02 Fev. de 2016).

REZENDE, E. C. M. **Cemitérios**. São Paulo: Ed. Necrópoles, 2007.

RIBEIRO, A. L. R. **Urbanização, poder e práticas relativas à morte no sul da Bahia, 1880-1950**. Tese (Doutorado em História), Salvador, UFBA, 2008.

RODRIGUES, C. **Nas fronteiras do Além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da morte**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006. 260 pp.

SANTAELLA, L; NÖTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SANTOS A. **Tanatologia Forense**. Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Medicina Legal. 2003.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1998.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. **O espaço dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **Pensando o Espaço do Homem**. 5 ed. Edusp. São Paulo, 2009. 96 p.

SANTOS, S. J. ; FREITAS, A. A arte cemiterial como fator de distinção e eternização do status social no cemitério São Francisco de Paula. **O Mosaico: R. Pesq. Artes**, Curitiba, n. 7, p. 31-45, jan./jun., 2012.

SILVA, L. V. O. ; OLIVEIRA, B. S.; SOARES B. R. **Regulação e expansão urbana: A urbanização acelerada e desordenada do entorno de Brasília - Valparaíso da Goiás**. p.1-16. 2011.

SILVA, P. R. F. **Dinâmica Territorial Urbana em Roraima - Brasil**. (Tese de Doutorado) Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. . São Paulo/SP. (2007).

SIQUEIRA, R. R. Marketing Funerário: a alma do negócio. **VII CONNEP – Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação**. 2012.

SOUSA, C. M. Roraima e Migrações. In. **Textos e debates**. n. 9 (Agosto-Dezembro). Boa Vista/RR: UFRR, CCH, 2005.

STAEVIE, P. M.. **Expansão urbana e exclusão social em Boa Vista – Roraima**. Oculum Ensaio13. Campinas .p. 68-87. Janeiro - Junho de 2011.

TUAN, Y. **Um Estudo da Percepção:** Atitudes e Valores do Meio Ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo /Rio de Janeiro: Ed. Difel, 1980.

URDAN, F. T.; URDAN, A. T. **Gestão do composto de marketing.** Editora Atlas. São Paulo – 2009.

VALE, A. L. F. Imigração de Nordestinos para Roraima. In, **Revista de Estudos Avançados.** São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2006.

VERAS, A. T. **R.A produção do espaço urbano de Boa Vista- Roraima.** (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo/SP. (2009).

VIANNA, M. S. **Diversidade religiosa no contexto escolar.** São Leopoldo: Sinodal, EST, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A - DIANTE DO TEMA

A pesquisa...

Por que não dizer, no sentido mais amplo que é fio condutor para inúmeras descobertas e sinônimo de tantos significados? Um processo no qual se interage, seja como observador ou/e como partícipe. É a essência da conexão teórica com a prática, do “saber que existe” com o “ter conhecimento” e, mais que isso, do “começar” para “continuar”.

A pesquisa é uma verdade relevante para interesses diversos, sejam eles individuais ou coletivos, com seus fundamentos, coerências, razões, dentre tantas características. De quando em quando sobrepostas por outras. Por excelência valiosa, provida de resultados que contribuem positivamente com os conhecimentos científicos, empíricos, artísticos, literários, filosóficos, teológicos e etc., consistindo assim, trazer para a sociedade reflexões, avanços e possibilidades.

Sob este entendimento, sinto-me a vontade de dividir minha experiência e poder contribuir de modo a agregar conhecimento a outros acervos desenvolvidos por pesquisadores de diversos campos que fizeram estudos a respeito da morte, mas com imensa satisfação de contribuir com minha área, a Geografia.

Começo deste modo expressando que, a priori, lidar com uma das ramificações de estudos relacionados à morte dentro do panorama geográfico foi: *assustador*– por saber que visitaria locais ligados direta e indiretamente com a morte; *complicado*– por ter uma religião e crença e, acreditar que não mudaria minhas concepções; *preocupante* – por ainda ser um tabu falar a respeito da morte dentro da sociedade e, por se tratar de uma investigação direcionada ao comércio, o receio dos voluntários em não querer participar da pesquisa (o que de fato aconteceu). Sobretudo, *desafiador* – por temer os obstáculos e imprevistos que surgiriam.

Por se tratar de uma temática diferente das demais comumente discutidas dentro da Geografia como ciência e disciplina, o processo de leituras e os campos realizados foram momentos essenciais para perceber que estava diante de um conteúdo pouco discutido no âmbito científico local. Em determinados momentos temos a falsa ideia de que certos objetos de estudos não têm relações. Prova disso, durante o processo de buscas de dados e

informações, alguns voluntários se mostraram surpresos ao saber que uma geógrafa “transitava no universo da morte”.

Posto o questionamento, a Geografia aqui versada tem o espaço como categoria de análise e assim sendo, por meios metodológicos se encarrega de explicar como ocorre esse processo dentro do contexto urbano da nossa capital, Boa Vista.

As funerárias, cemitérios (municipal e particular), hospital público, IML (Instituto de Medicina Legal), dentre os demais se fixam no solo urbano prestando serviços de ordem pública ou privada para a população. Em decorrência disso, passa a existir relações socioeconômicas entre si e como produto, refletem uma dinâmica singular.

Experiência como pesquisadora...

Em primeiro lugar, penso que para iniciar uma pesquisa é necessário haver a curiosidade, vontade de querer descobrir sobre determinado assunto e meios para fazê-la. Tendo estes critérios, muitas pesquisas podem emergir. Por mais simples que algumas pareçam, as dificuldades na busca de dados e informações se tornam dentro de algumas circunstâncias uma constante. Logo, o pesquisador precisa está disposto a testar seus limites na busca daquilo que se propõe.

Em segundo lugar, saber que imprevistos podem surgir, tendo sempre à vista um novo plano para continua-la. Diante dessas colocações, friso que por inúmeras vezes passei por situações bem imprevisíveis sendo persistente na minha busca.

Trabalhar esse tema a principio foi difícil em razão das pessoas preferir reporta-se a vida ao invés de retratar qualquer coisa que esteja relacionado a morte. Sem demora, percebi o quão era importante uma abordagem a respeito disso, pois de modo geral, paga-se pelos serviços fúnebres sem questionarmos os motivos por serem tão caros.

É fato que grande parte da sociedade não sabe como esse tipo de comércio funciona e muito menos quem são todos os agentes que lidam com a morte. A investigação em torno dessa atividade traz para a sociedade uma análise mais detalhada sobre o assunto, fazendo com que esta não esteja tão alheia à questão comercial.

Experiência pessoal...

De religião católica, sob a força da crença, acreditava ter uma concepção formada a respeito da vida e morte. Tendo que estar *in loco* constantemente com os agentes, conversando com as pessoas, observando objetos e locais comecei a reconstruir alguns conceitos pessoais. Com o passar dos dias o medo foi dando lugar para a curiosidade, passei a ter o conhecimento daquilo que somente ouvia os meus avós dizer ou outras pessoas falar.

Por certo, minhas percepções não interferem nos resultados dessa pesquisa dado que é uma investigação de cunho acadêmico científico. Faço apenas o relato de minhas experiências pelo fato de ser um assunto atípico ao curso de geografia, ter experienciado momentos diferentes dos que já vivenciei no campo da pesquisa e querer contribuir levando um pouco de conhecimento para a sociedade. Começo lembrando a experiência que vivi no hospital (para mim o lugar mais deprimente que os demais).

Acompanhada da voluntária da pesquisa (a agente do Serviço Social do hospital) passando pelos corredores vi nos quartos as pessoas debilitadas, uma realidade comum de um hospital. Por um motivo interino, tive que aguardar sozinha no corredor. De repente, notei que uma senhora bem idosa, aparentemente com mais de 90 anos (noventa), deitada em seu leito me olhava fixamente. Senti vontade de ir até sua cama trocar algumas palavras, porém, não fui. Nem podia, por ser local restrito e distante do horário de visitas. Sem querer, me envolvi com aquele momento (creio que meu lado ser humano foi mais forte) e por um instante, esqueci que estava fazendo uma pesquisa.

Diante do seu olhar triste, meus pensamentos elevaram-se e senti meu coração “apertado”. Em silêncio clamei a Deus que lhe concedesse a paz e, por alguns minutos, segurei as lágrimas lembrando que em outras circunstâncias havia perdido para sempre minha avó que se encontrava doente, também no hospital. Mesmo sabendo que estávamos tão perto e ao mesmo tempo tão longe, me despedi da senhora com um olhar de “até logo”. E, em fração de minutos minha voluntária chegou e seguimos para um lugar mais reservado.

De certa forma, acredito que o hospital é um divisor onde constantemente trava-se uma árdua batalha pela vida. Um ambiente consternado que reflete sofrimento, dor e ao mesmo tempo esconde uma alegria silenciosa. É pesaroso saber que nesta luta nem todos vencem a morte, ao contrário disso, entende-se as razões pelas quais existe a alegria aqui mencionada.

É certo que cada indivíduo tem sua maneira de pensar a vida e a morte como lhe convém, seja por dogmas religiosos, pela crença, fé ou por qualquer outro aspecto. Por esse motivo, passei a acreditar mais intensamente que a vida é como uma vela acesa que a qualquer momento pode apagar. Temos que aproveitá-la enquanto se tem saúde, razões ou motivos para isso.

É muito difícil aceitar que o fim da vida é a morte, tanto é que ninguém nunca esteve e nem estará preparado para despedir-se eternamente. Na sua chegada, todos seguem pelo mesmo caminho, o da eternidade. Para quem permanece vivo o que resta é a dor da perda, única e sem antídoto que ao longo do tempo simplesmente adormece. O que resiste são lembranças e memórias. Se tivermos a pretensão de demonstrar os sentimentos de carinho, gratidão, amor e ternura a uma pessoa querida por meio de ações que seja neste plano material (físico) e em vida. Depois que morremos nos tornamos apenas memórias eternamente recordadas em três endereços fixos: o cemitério, a mente e o coração.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Em duas vias, firmado por cada participante da pesquisa e pelo pesquisador)

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa” (Resolução nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde).

Eu, _____, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação e Geografia – PPGGEO/UFRR, venho por meio deste, convidá-lo (a), como voluntário, a participar da pesquisa intitulada GEOGRAFIA: ESPACIALIZAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO FENÔMENO DA MORTE NO ESPAÇO URBANO DE BOA VISTA – RR a qual tem o objetivo de investigar a dinâmica comercial da morte no espaço urbano da cidade de Boa Vista/RR. Sobre a pesquisa segue algumas informações:

1. As entrevistas poderão ser realizadas através de gravador digital;
2. Considera-se que a pesquisa não terá riscos e/ou prejuízos, entretanto, na condução da pesquisa buscar-se-á minimizá-lo, sem intenção de promover ou denegrir a imagem de quem quer que seja;
3. Trata-se de uma pesquisa sem fins lucrativos, cuja pretensão maior é saber como atuam os agentes em torno do comércio da morte e como se configura a socioespacialização em relação à morte na cidade de Boa Vista.

Por se tratar de uma pesquisa sem fins lucrativos, a mesma não solicita nenhum gasto decorrente da sua participação e os tratamentos deverão ser totalmente gratuitos, não recebendo nenhuma cobrança com o que será realizado por meio do resultado final da pesquisa, tais como: utilização em dissertação, tese, apresentação em seminário e/ou divulgação através de publicação;

4. A pesquisa tem o caráter científico, desse modo, será mantido total sigilo sobre os dados pessoais fornecidos pelos sujeitos da pesquisa, entretanto, com a anuência do sujeito da pesquisa poderá ser utilizado o nome a fim de identificá-lo por ocasião publicação ou produções acadêmicas-científicas;

5. Após ler esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e aceitar participar da pesquisa, solicito a assinatura do mesmo em duas vias, ficando uma em seu poder. Qualquer informação adicional ou esclarecimento acerca dessa pesquisa poderão ser obtidos junto a mim, pelo telefone _____, endereço _____ e pelo endereço eletrônico _____.

Eu, _____ conversei com a mestranda **Raiane Pereira dos Santos** sobre a minha decisão em participar dessa pesquisa. Ficaram claros quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidades e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta de quaisquer despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Desse modo, concordo voluntariamente em participar da pesquisa e poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a mesma, sem penalidade ou prejuízo. Declaro, ainda, que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Boa Vista, ____ de _____ 20____.

Participante

Pesquisador

**APÊNDICE C - Cessão Gratuita de Direitos de Entrevista Gravada em Áudio/Vídeo e de
Uso de Imagens**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE ENTREVISTA GRAVADA EM ÁUDIO/VÍDEO E DE USO
DE IMAGENS**

Eu, _____, nacionalidade _____, estado civil _____, profissão _____, portador do RG nº _____ e do CPF nº _____, residente e domiciliado _____, pelo presente termo particular de autorização de uso de imagem e voz, **AUTORIZO** Raiane Pereira dos Santos (pesquisadora e aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Geografia– PPGGEO da Universidade Federal de Roraima – UFRR), inscrito no CPF nº _____, RG nº _____, residente e domiciliada _____, **o USO DE IMAGEM E VOZ** em decorrência da minha participação na pesquisa intitulada GEOGRAFIA: ESPACIALIZAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO FENÔMENO DA MORTE NO ESPAÇO URBANO DE BOA VISTA – RR. O presente instrumento de AUTORIZAÇÃO é celebrado a título de gratuito, podendo ser utilizada, divulgada e publicada, para fins de culturais e científicos, a mencionada entrevista e imagens poderão ser utilizadas no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso à mesma para fins acadêmicos, com ressalva de preservar a integridade física e moral do sujeito participante da pesquisa.

Boa Vista, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do Pesquisador

**APÊNDICE D - Entrevista e Questionário - Administrador do Cemitério Municipal
Nossa Senhora da Conceição**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**ENTREVISTA E QUESTIONÁRIO - ADMINISTRADOR DO CEMITÉRIO MUNICIPAL
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**

ENTREVISTADO (A): _____

DATA: ___/___/___.

ENDEREÇO: _____.

UTM: _____

Breve histórico do cemitério

a) Quantos sepultamentos aproximadamente estão sendo feitos anualmente? _____.

b) Na sua opinião, atualmente, o cemitério encontra-se superlotado? _____.

c) Existe algum projeto em andamento para fazer um novo cemitério municipal? _____.
Em qual local? _____.

d) O cemitério recebe algum tipo de ajuda financeira para quaisquer finalidade? _____.
De quem? _____.

e) Qual órgão é responsável pelo cemitério? _____.

f) Qual o destino dos recursos financeiros provenientes do pagamento da titularidade dos terrenos? _____.

g) Como o cemitério se prepara para receber o dia dos finados? _____.

Taxa de regularização dos terrenos (Anual)				
	Jazigo simples			
	Jazigo c/ gavetas			
	Capela c/jazigos			
Tamanho dos túmulos				
Número de funcionários do cemitério	Quantidade			

APÊNDICE E - Questionário - Floriculturas



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

QUESTIONARIO - FLORICULTURAS

Nome: _____

UTM: _____

Data: ____ / ____ / ____

Floricultura				
Produtos	Tipo de flores	Origem	Preço	Taxa de entrega
Coroa pequena				
Coroa média				
Coroa grande				

APÊNDICE F- Questionário Marmorarias



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

QUESTIONARIO MARMORARIAS

Nome: _____

UTM: _____

Data: ____ / ____ / ____

Marmo Center Ie II		Preço
Granito cinza Corumbá		
Granito preto absoluto		
Mármore Bege		

APÊNDICE G - Questionário - Vendedores Ambulantes dos Cemitérios: Municipal Nossa Senhora da Conceição e Parque Cemitério Campo da Saudade



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

QUESTIONÁRIO - VENDEDORES AMBULANTES DOS CEMITÉRIOS: MUNICIPAL NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E PARQUE CEMITÉRIO CAMPO DA SAUDADE

Nome: _____

UTM: _____

Data: ____/____/____

Vendedora:		Ano: 2016
Tempo de atuação em frente ao cemitério		
Valor pago pelo espaço		
Órgão responsável		
Origem dos produtos		
Compra pronto para revender		
Confeciona		
Trabalha com encomendas		
Produtos vendidos	Vasos pequenos com flores artificiais	
	Vasos médios com flores artificiais	
	Vasos grandes com flores artificiais	
	Coroas com flores artificiais	
	Fósforo	
	Velas	
Lucratividade	Valor (média)	

APÊNDICE H – Questionário - Pedreiro do Cemitério Municipal Nossa Senhora da Conceição



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

QUESTIONARIO - PEDREIRO DO CEMITÉRIO MUNICIPAL NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Nome: _____

UTM: _____

Data: ____/____/____

Tipos de serviços	Características	Preços (R\$)
Construção de Jazigo simples		
Construção de Jazigo com 01 gaveta		
Construção de Jazigo com 02 gaveta		
Construção de Jazigo com 03 gaveta		
Construção de capela		
Pintura de jazigos a capela		

APÊNDICE I – Questionário – Familiares do Cemitério Municipal Nossa Senhora da Conceição e Parque Cemitério Campo da Saudade



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

QUESTIONARIO – FAMILIARES DO CEMITÉRIO MUNICIPAL NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E PARQUE CEMITÉRIO CAMPO DA SAUDADE

Nome: _____

UTM: _____

Data: ____/____/____

Entrevistada:		Ano: 2016	
Familiar falecido			
Ano de falecimento			
Idade			
Local de sepultamento			
Localização da sepultura			
Tipo de túmulo			
Plano Funerário			
Empresa Funerária			
Funeral			
Serviços (prestados pelo cemitério)			

Total

Compra de produtos	Quantidade	Preço
Vasos pequenos com flores		
Vasos médios com flores		
Vasos grandes com flores		
Coroas de flores artificiais (poliéster, cetim, vual, crochê)		
Arranjos		
Buquê de flores		
Velas		
Fósforo		
Água		
Refrigerante		
Serviços utilizados no interior do cemitério		
Semana que antecede o dia dos finados		
Dia dos finados		
		Total

APÊNDICE J – Entrevista – Presidente do Sindicato dos Estabelecimentos dos Serviços Funerários do Estado de Roraima (SINDEFERR)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ENTREVISTA – PRESIDENTE DO SINDICATO DOS ESTABELECIMENTOS DOS SERVIÇOS FUNERÁRIOS DO ESTADO DE RORAIMA (SINDEFERR)

Entrevistado: _____

Função: _____

Data: __/__/__.

- 1) Em que ano foi criado o Sindicato dos Estabelecimentos dos Serviços Funerários do Estado de Roraima? _____
- 2) Com qual objetivo? _____
- 3) Quantas funerárias tem a capital? _____.
- 4) Como funciona este sistema sindical atualmente? _____
- 5) Qual sua percepção como representante do sindicato **em relação ao aumento no número de funerárias?** _____
- 6) Todas as funerárias trabalham conveniadas com órgãos federais, estaduais e/ou municipais? _____.
Quais? _____
- 7) Existe fiscalização nas funerárias? _____. Quais tipos? _____
_____ Quem fiscaliza? _____.
- 8) Existem funerárias que possuem a concessão do serviço público com a Prefeitura para atender as famílias carentes sem condições de arcar com as despesas de um funeral? _____.
Quais? _____
- 9) A cidade de Boa Vista mostra-se com um crescimento urbano gradativo ao longo dos anos, onde sua demanda populacional vem aumentando. Em sua opinião, **você acredita que isso torne a cidade um cenário propício para a atuação do comércio em torno da morte?** _____.
Por quê? _____
- 10) Qual a **representatividade lucrativa do setor funerário** (em média) **dentro do contexto econômico** da capital Boa Vista? _____
_____. E para a economia do Estado de Roraima? _____.

APÊNDICE K – Entrevista e questionário – Funerárias



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ENTREVISTA E QUESTIONÁRIO – FUNERÁRIAS

Endereço: _____

Data: _____

Coordenadas: _____

Entrevistado (a): _____

FUNERÁRIA

Breve Histórico da sua Empresa Funerária

1) Como funciona a relação da sua funerária com:

Hospital: _____

IML: _____

Floricultura: _____

Cemitério: _____

Família: _____

2) De quais estados provêm seus produtos?

Quais produtos _____

3) O fato de seus produtos virem de outros estados, isso influencia na oferta à sua “clientela”? **Sim** () **Não** ()

Por quê? _____

4) Qual o diferencial da sua funerária para as demais concorrentes? _____

5) Sua funerária se usa do **marketing** para se destacar em relação às concorrentes? **Sim** () **Não** ()
 (Carros fúnebres, uniformes de funcionários, fachada da loja, anúncio dos obituários em jornais, televisão, campanhas em dias de finados) etc.

De que maneira? _____

6) Você acha que o marketing seja a “alma do negocio”? **Sim** () **Não** () por
 quê? _____

7) Como você percebe a evolução do setor funerário dentro da
 cidade? _____

8) E sua funerária conseguiu evoluir? **Sim** () **Não** ().
 Em que? _____

9) Você acredita que com a expansão urbana e conseqüentemente, havendo o aumento da demanda
 populacional, o lucro do setor funerário possa prosperar? **Sim** () **Não** ()
 Por quê? _____

10) Sua funerária está localizada em local:

- () Alugado
- () Próprio
- () Outro. Qual? _____

11) Que critério utilizou para a escolha da sua funerária neste local? _____

12) Que tipo de público mais utiliza os serviços de sua funerária? _____

13) Os preços dos serviços e produtos são tabelados? **Sim** () **Não** ()
 Como é feito? _____

14) Qual sua margem de lucro por ano (uma média)? _____

PRODUTOS		CARACTERÍSTICAS	PREÇOS (R\$)
Urnas (caixão)	Popular		
	Semi luxo		
	Luxo		
	Infantil		
Flores artificiais			
Flores naturais			
Coroas de flores artificiais			
Coroas de flores naturais			
Fotos em porcelana			
Santinhos de luto			

Camisas de lembranças de luto			
Conjunto feminino (Vestimentas)			
Conjunto masculino (Vestimentas)			
Cartões para missa			
Outros			
SERVIÇOS	CARACTERÍSTICAS	PREÇOS (R\$)	
Necromaquiagem			
Tanaxatopraxia			
Embalsamamento			
Translado Nacional	Aéreo		
	Terrestre		
Translado Internacional	Aéreo		
	Terrestre		
Salão para velório			
Construção de túmulos	Tipos		
	Características		
Planos de Assistência Familiar	Tipos		PREÇOS (R\$) (mensal)
Formas de	Produtos	À vista	

Pagamentos		Cartão		
	Serviços	À vista		
		Cartão		
Funeral Completo (Média)	Simple s			
	Luxo			

Estrutura da Empresa Funerária			
Quadro de funcionários	Quantidade		Função
Veículos			Modelo
Cômodos (Salas, salões, depósitos, etc.)		Quais	
Outras empresas voltadas ao setor		Quais	

APÊNDICE L– Requerimento ao Secretário Municipal de Gestão Ambiental

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

REQUERIMENTO

Para: SR. Daniel Pedro Rios Peixoto

Secretário Municipal de Gestão Ambiental

Eu, Raiane Pereira dos Santos, licenciada e bacharel no curso de Geografia e atualmente matriculada (201513602) no Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGGEO/UFRR, venho por meio deste, requerer o pedido de **AUTORIZAÇÃO à ADMINISTRAÇÃO DO CEMITÉRIO MUNICIPAL Nossa Senhora da Conceição**, com informações sobre esta necrópole para **a Dissertação do Mestrado** intitulada: **GEOGRAFIA: ESPACIALIZAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO FENÔMENO DA MORTE NO ESPAÇO URBANO DE BOA VISTA – RR**a qual tem o objetivo de compreender a dinâmica comercial da morte no espaço urbano da cidade. Sabe-se que a função de todos os agentes como funerárias, floriculturas, IML, hospital que lidam com a morte é diferenciada. Nesse sentido, a pesquisa sendo de cunho científico e acadêmico, precisa mostrar a função do cemitério dentro desse contexto. Desde já agradeço.

Boa Vista, _____ de _____ 2016.

(Mestranda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Roraima)